





ALH

21



OS
LUSIADAS
DE
LVYS DE
CAMÕES.



T. WORTON.

Cô todas as licenças necessaria

EM LISBOA

Por Lourenço Grásbeeck Im-
pressor del Rey. AN. 1633.

02

IVSIA DAS

DE

IVS DE



IVS

OSTOD

EM LISTON

Polishman, G. H. H. H.

Princed of the...

IA vi este liuro outras vezes,
& o approuei. & de nouo não
acher cousa que seja impedimen-
to para tornar a estamparse. Em
S. Domingos de Lisboa 23 de Ou-
tubro de 632.

Fr Thomas de S. Domingos
Magister.

VI estas Lusíadas muitas vezes impres-
fas, & se lhe pode dar licença para
que se imprimão outra vez. Em 29. de
Outubro de 632.

Frey Ayres Correa
M. & Reuêdor.

Vistas as informações pode-se impr-
mir este liuro Lusíadas de Luis de
Camoës, & depois de impresso tornarã
a este Conselho conferido com o origi-
nal para se lhe dar licença pera correr,
& sem isso não correrã. Lisboa 29. de
Outubro de 1632.

G Pereira. D. Ioão da Sylua.

Francisco Barreto.

Dou licença para se poder imprimir
este liuro q̃ tem por titulo os Lusita-
das de Luis de Camoës. Lisboa 30. de
Outubro de 1631.

João Bezerra Iacome

Chantre de Lisboa.

Que se possa imprimir este liuro vis-
tas as licenças do Sancto Officio, &
do Ordinário que offerece, & não con-
zera sem tornar a Mesa para se taxar.
Em Lisboa a 4. de Nouembro de 632.

Cabral.

Barreto.

Taixase em o reis em papel. Lisboa
13. de Julho de 631.

Cabral. Barreto. L.M.Barreto.

Concorda este liuro com o seu original
Em S. Domingos de Lisboa 14. de Julho
de 633.

Fr. Ayres Corrêa.

Vista a conferencia pode correr este li-
urinho. Lisboa 15. de Julho de 1631.

G. Pereira. D. I. da Sylva. F. Barreto

Manoel da Cunha. Fr. I. de Vasçõcellos

AO ILLVSTRISSIMO,
& Reuerendiſſimo ſenhor
Dõ Ioão da Sylua Capellaõ
Môr de ſua Mageſtade,
Ordinario da Capel-
la, Caſa Real, &
toda a Cor-
te, &c.



*D*fereço a voſſa Se-
nhoria Illuſtriſſi-
ma terceira vez ja
impreſos neſta le-
trinha os Luſiadas de Luis de
Camoës, Principe dos Poetas Por-
tugueſes: & como voſſa Senha-
ria Illuſtriſſima o ſeja aſſi no
ſangue, como nas mais acções
ſuas,

Dedicatória.

suas, diuida forçosa he que
lhe deue, pois a atreui-
mentos me dão confiança
merces com que vossa Senhora
Illustrissima de ordinario me b
ra. Este conhecimento (fóra ou
tras obrigações) me faz confessa
per forç:, o que de justiça deuo
pois conheço bem que quant
senho de criado de vossa Senho
ria Illustrissima me fica de mai
honrado. E quando as obras pe
humildes, & per ser empreg
meu não merecerem inueja d
muitos; o certo he que a terã
zodos de ver quão bem as empreg
guey. E se hum seruiço tão limi
tado, interessado em tão grande
merces

Dedicatoria.

merces for de pouca estima, po-
nha vossa Senhoria Illuſtrissima
o preço delle na vontade, que
para tão grande animo se dene
auentejar a tudo. Nosso Senhor
Ec. Lisboa 4. Julho 1633.

Lourenço Crasbeeck



DO EXCELLENTE TOM

quarto Tasso, ao grande

Luis de Camões.

Vasco le cui felice, ardite antenne,
Incôrto al Sol, che ne riporta il giorno
Spiegar le vele, & fer colà ritorno,
Ond'egli par, che di cadere accenne.
Nô più di te per aspro mar sostenne
ql, q fece al Ciclope oltraggio, escorno
Ne chi turbô l'Arpie nel suo soggiorno
Ne die più bel soggetto a colte penne.
Et hór quella del colto, & buon'Luiz
Tant'oltre stende il glorioso uolo,
Che i tuoi spalmati legni ádar mē lúg
Ond'aqlli, a cui s'alza il nostro polo
E a chi ferma incontra i suoi vestigi
Per lui del corso tuo la Eama aggiúge

DE DOM I O A M
d'Almeida.

Nesta empreza felice, que tōmaste,
Alta piramide a teu nome ergueste,
E a lira, com que os Orbes suspendeste
Em circulo de estrellas a engastaste.

Dete louuor o mūdo a quē hōraste,
E Hespanha, a quē cātado engrádeceste,
Mais rica inda cos versos, q escreueste,
Que coas Orientais Indias q cantaste.

Do illustre Gama os feitos celebrados
Tanto de espanto tem por ti escritos,
Como tem de terror por elle obrados

Descobridores ambos inauditos;
Elle de mares nunca nauegados,
Tu, de conceitos nunca de outré ditos

OS
LUSIADAS
DE LVIS DE
Camoës.

CANTO I.

I



S armas, & os baroës
afsinhalados.

Que da Occidêtal praya
Lusitana,

Por mares nunca d'an-
tes navegados,

Passaraõ ainda além da Taprobana,

Em perigos, & guerras esforçados,

Mais do q̃ prometia a força humana,

E entre gente remota edificaraõ

Nouo Reyno, que tanto sublimaraõ.

2.

E tambem as memorias gloriosas

Daquelles Reys, que foraõ dilatando

A Fè, o Imperio, & as terras viciosas

D'Africa, & d'Asia, andaraõ deuaõdo

E aquelles, que por obras valerosas

Se vaõ da ley da Morte libertando,

Cantando espalharei por toda parte,

Se a tanto me ajudar o engenho, & arte

3

A

Cessem

C A N T O

Cesse do sabio Grego, & do Troyano
As navegações grandes, que fizerao:
Callese de Alexandro, & de Trajano,
A fama das victorias que tiuerao;
Q eu canto o peito illustre Lusitano
A quẽ Neptuno, & Marte obedecera
Cesse tudo o que a Musa antiga cant
Q outro louvor mais alto se, alevant

4

E vós Tagides minhas, pois criado
Têdes em mi hũ nouo engenho ardẽt
Se sempre em verso humilde, celebrao
Foy de mi vosso rio alegremente,
Daime agora hũ sò alto, & sublimado
Hum estilo grandiloco, & corrente,
Porq de vossas aguas Phebo ordene,
Qnao tenhaõ enueja às de Hypocrene

5

Daime hũa furia grande, & sonora
E naõ de agreste aena, ou frauta ruda
Mas de tuba canora, & bellicosa,
Q o peito acẽde, & a cor ao gesto muda
Daime igual canto aos feitos da fama
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda
Que se espalhe, & se cante no vniuerso
Se tam sublime preçõ cabe em verso.

6

E vós, ó bem nacida segurança
Da Lusitana antigaliberdade,
E naõ menos certissima esperança,
De augmẽto da pequena Christandade
Vós, o nouo temor da Maura lança,
Marauilha fatal da nossa idade: (de,
Dada ao mũdo por Deos, q todo o mar
Para do mũdo a Deos dar parte grãde.

7

Vós

PRIMEIRO. 2

Vós tenro, & nouo ramo florecente,
De hũa arvore de Christo mais amada,
Que nenhũa nacida no Occidente,
Cefarea, ou Christianissima chamada;
Vedeo no nossô escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deu por armas, & deixou
Is que elle para sy na Cruz tomou.

8

Vós poderoso Rey, cujo alto Imperio
O sol logo em nascendo vê primeiro:
Veo tambem no meio do Hemispherio,
E quando dece o deixa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo, & vituperio,
Do torpe Israelita caualleiro,
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do santo Rio.

9

Inclinaí por hũa pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que ja se mostra qual na inteira idade
Quando subindo ireis ao eterno téplo;
Os olhos da real benignidade
Ponde no chaô, vereis hũa novo exêplo
De amor, dos patrios feitos valerosos,
Em versos diulgado numerosos.

10.

Vereis amor da patria não movido
De premio vil: mas alto, & quasi eterno
Que não he premio vil ser conhecido
Por hũa pregaô, do ninho meu paterno:
Ouui, vereis o nome engrandecido
Daquelle, de quẽ sois senhor superno,
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do mundo Rey, se de tal gente.

11

A 2

Ouui

C A N T O

Ouvi, q̃ não vereis có vós façanh
Fantásticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos como nas estranha
Musas, de engrandecerse desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas
q̃ excedê Rodamôte, & o vaó Rugeir
E Orlando, inda que fora verdadeir

12.

Por estes vós darei hũ Nuno fero,
q̃ fez ao Rey, & ao Reyno tal seruiço,
Hũ Egas, & hũ dom Fuas, q̃ de Homer
A citara par'elles só cobiço;
Pois pelos doze pares daruos quero,
Os doze d'Inglaterra, & seu Magriço,
Douuos també aquelle illustre Gama,
Que para sy de Eneas toma a fama.

13

Pois se atroco de Carlos Rey de França,
Ou de Cesar, querei s'igual memoria?
Vede o primeiro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle que a seu Reyno a segurança
Deixou, co a grande, & prospera victo-
Outro Ioane inuicto caualleiro, (ria
O quarto, & quinto Affonso, & o tercei-

14

(ro.

Nê deixarãm meus versos esquecidos
Aqnelles que nos Reynos là da Aurora
Se fizeraõ por armas tam sobidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hũ Pacheco fortissimo, & os temidos
Almeidas, por quẽ sépre o Tejo chora:
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros, e quẽ poder não tene amorte

15

E em

P R I M E I R O.

3

Équãto eu estes cãto, e avòs não posso
 Sublime Rey, q̃ não me atreuo a tãto,
 Tomai as redeas vòs do Reyno vòsso,
 Dareis materia a nunca ouvido canto.
 Comecem a sentir o peso grosso,
 Que pelo mundo todo faça espanto)
 De exercitos, & feitos singulares,
 De Africa as terras, & d'Oriente os ma-

16.

(res:

Em vòs os olhos tem o Mouro frio,
 Em quem vê seu exicio afigurado:
 Sô com vos ver o barbaro Gentio,
 Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
 Thetis todo o ceruleo senhorio,
 Tem para vòs por dote aparelhado:
 Que afeiçoada ao gesto bello, & tẽro,
 Deseja de compravos para genro.

17

Em vòs se vê da Olimpica morada
 Dos dous Auòs, as almas cá famolas,
 Húa na paz angelica dourada,
 Outra pelas batalhas sanguinosas:
 Em vòs esperaõ ver-se renouada
 Sua memoria, & obras valerosas:
 E là vos tem lugar no fim da idade,
 No templo da suprema eternidade.

18

Mas em quãto este tẽpo passa lêto,
 De regerdes os peños, que o desejaõ:
 Dai vòs fauor ao nouo atreuimento,
 Para q̃ estes meus versos vòsso sejaõ:
 E vereis ir cortando o falso argento
 Os vòsso Argonautas, porque vejaõ,
 Que são vistos de vòs no mar irado,
 E costumaiuos já a ser inuocado.

19

A 3

1a

C A N T O

Tão no largo Oceano nauegação,
As inquietas ondas apartando:
Os ventos brandamente respiração,
Das naos as vellas concavas inchando
Da bráca escuma os mares se mostra
Cubertos, aonde as ondas vão cortadas
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Prôteo são cortadas

20

Quão os Deos se no Olimpo laminos
Onde o gouerno está da humana gèntes
Se ajuntão em concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pisando o cristalino Ceo fermoso,
Vem pela via Láctea juntamente,
Conuocados da parte do Tonante,
Pelo Neco gentil do velho Athlante.

21

Deixão dos sete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado,
Alto poder, que sô co pensamento
Gouerna o ceo, a terra, & o mar irado:
Ali se acharão juntos num momento
Os que habitão o Arcturo congelado,
E os q o Austro tem, & as partes onde
A Aurora nasce, & o claro sol se escôde.

22

Estua o Padre ali sublime, & dino,
Que vibra os feros raios d Vulcano,
Num assento de estrellas cristalino,
Com gesto alto, seueros, & soberano:
Do rosto respira um ar diuino,
Que diuino tornara hũ corpo humano:
A coroa, & o sceptró rutilante,
Doutra pedra mais clara q diamante.

23

Em

PRIMEIRO.

Em luzentes assentos, marchetados
D'ouro, e de perlas mais abaixo estauã
Os outros Deoses todos assentados,
Como a razão, & a ordê concertauãõz
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentauãõz
Quando Iupiter alto assi dizendo,
Cum tó de voz começa, graue, & horrẽ
(do.

24

Eternos moradores do luzente
Estellifero pólo, & claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Lulo, não perdeis o pensamento:
Deneis de ter sabido claramente (to
Como he dos fados grãdes certo inten
Que por ella se esqueçãõ os humanos
D'Assirios, Persas, Gregos, & Romanos

25

Já lhe foi (bem o vistes) concedido
Cũ poder tam singelo, & tam pequeno,
Tomar ao Mouro forte, & guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhana tam temido,
Sempre alcãça fauor do Ceo sereno:
Assi q̃ sempre e nfm cõ fama, & gloria,
Teue os tropheos pèdêtes da victoria.

26

Deixo, Deoses, atrãz a fama antiga,
Que co a gète de Romulo alcançaraõ,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaraõ.
Tambẽ deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaraõ
Hum, por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerua espirito diuino.

27

A 4

Agos

C A N T O

Agora vedes bem que cometendo
 O duidoſo mar, num lenho leue,
 Por vias nunca vſadas, não têmendo
 D' Africo, & Noto a força, a mais s'atre
 q' auêdo rãto já q' as partes vêdo, (u
 onde odia he cõprido, & óde he breue,
 Inclinação ſeu propoſito, & perſia,
 A ver os bergos onde nace o dia.

28

Prometido lhe eſtã do Fado eterno,
 (cujã alta ley não pôde ſer quebrada)
 Que tenhaõ longos tempos o gouerno
 Do mar, que vê do ſol a roxa entrada:
 Nas aguas tẽ paſſado o duro Inuerno,
 A gente vem perdida, & trabalhada:
 Já parece bem feito que lhe ſeja
 Moſtrada a noua terra que deſeja.

29

E porque, como viſtes, tem paſſados
 Na viagem, tam aſperos perigos,
 Tantos climas, & ceos experimẽtados,
 Tanto furor de ventos inimigos:
 Que ſejaõ, determino, agasalhados
 Neſta coſta Africana, como amigos:
 E tendo guarnecido a laſſa frota,
 Tornaram a ſeguir ſua longa rôta.

30

Eſtas palauras Iupiter dizia,
 Quando os Deoſes por ordẽ reſpõdẽdo,
 Na ſentença hũ do outro differia,
 Razões diuerſas dando, & recebendo:
 O padre Bacchoali não conſentia,
 No que Iupiter diſſe, conhecendo,
 Que eſqueceram ſeus feitos no Oriẽte,
 Se la paſſar a Luſitana gente.

31

Ouuido

PRIMEIRO.

9

Ouvido tinha aos Fados, que viria
Hũa gente fortíssima de Hespanha,
Pelo mar alto, a qual fogueitaria
Da India tudo quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha;
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nisa celebra inda a memoria.

32

Vê que já teue o Indo fojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado,
De quantos bebem a agua de Parnaso;
Teme agora que seja sepultado
Seu tam celebre nome em negro vaso,
D'agua do esquecimento, se lá chegão
Os fortes Portuguezes que nauegão.

33

Sustentava contra elle Venus bella
Afeiçãoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga tam amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grãde estrella,
Que mostraraõ na terra Tingitana:
E na lingua, na qual quando imagina,
Cõ pouca corrupção crê q'he a Latina.

34

Estas cousas mouiõ Cytherea,
E mais porq' das Parcas claro entende
Que ha de ser celebrada a clara Dea,
Onde a gente belligera se estende:
Assi que hũa pela infamia que arrecea,
E o outro pelas honras que pretende,
Debaten, & na persia permanecem,
A qualquer seus amigos fauorecem.

35

A 5

Qual

C A N T O

Qual Austro fero, ou Bòreas na espessa
De siluestre aruoredo abastecida, (ra,
Rópêdo os ramos vay da mata escura,
Com impeto, & braueza desmedida:
Brama toda montanha, o só murmura
Rópêse as folhas. ferne a serra erguida;
Tal andaua o tumulto leuantado,
Entre os Deolês no Olimpo cõsagrado.

36

Mas Marte, que da Deosa sustêtaua,
Entre todas as partes em perfia,
Ou porq̃ o amor antigo o obrigaua,
Ou porq̃ a gente forte o merecia:
De antre os Deoses em pè se leuãtaua
Merencorio no gesto parecia:
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando para tras medonho, & irado.

37

A viseira do elmo de diamante
Aleuantando hũ pouco, muy seguro,
Por dar seu parecer se pos diante
De Iupiter, armado, forte, & duro:
E dando hũa pancada penetrante,
Co conto do bastão no folio puro;
O ceo tremeo, & Apollo de toruado
Há pouco a luz perdeo, como inhiado.

38

E disse assi: O Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece que criaſte,
Se esta gête q̃ busca outro: Emispherio,
Cuja valia, & obras tanto amaste:
Não queres que padeça vituperio,
Como ha ja tanto tempo q̃ ordenaste,
Não ouças mais, pois es juiz dircito,
Razões, de quem parece q̃ he suspeito.

39

Que

Que se aqui a razão se não mostrasse
 Vencida do temor demasiado,
 Bem fora, q̃ aqui Baccho os sostêtaſſe,
 Pois q̃ de Lulô vem, ſeu tam priuado:
 Mas eſta tenção ſua agora paſſe,
 Porq̃ emfim vem de eſtamago danado;
 Que nunca tirará alhea enueja,
 O bem q̃ outrem merece, & o ceodeſeja

40

E tu padre de grande fortaleza,
 Da determinação que tês tomada,
 Não tornes por detras, pois he fraq̃za
 Deſiſtirſe da couſa começada:
 Mercurio pois excede em ligeireza
 Ao vento leue, & aa ſeta bem talhada,
 Lhe vâ mostrar a terra ôde ſe informe
 Da India, & onde a gente ſe reforme.

41

Como iſto diſſe o Padre poderoso,
 A cabeça inclinando conſentio
 No que diſſe Mauorte valeroſo,
 E Nectar ſobre todos eſparzio.
 Pelo caminho Laſteo glorioſo,
 Logo cada hum dos Deoſes ſe partio,
 Fazendo ſeus reaes acatamentos,
 Para os determinados apoſentos.

42

Em quanto iſto ſe paſſa na fermoſa
 Caſa Eterea do Olimpo omnipotente,
 Cortaua o mar a gente bellicoſa,
 Iã lá da bãda do Auſtro, & do Oriente;
 Entre a coſta Ethiopica, & a famoſa
 Ilha de Sam Lourenço; & o ſol ardête
 Queimaua entam os Deoſes, q̃ Tiſeo
 Co temor grãde em peixes conuerteo.

C A N T O

Tam brandamête os vêtos os lenaão,
 Como quem o cêo tinha por amigo:
 Sereno o ar, & os tēpos se mostrauão,
 Sem nuuês, sem receyo de perigo:
 O promontorio Prasso ja passauão,
 Na costa de Ethiopia nome antigo,
 quādo o mar descobrido lhe mostraua
 Nouas ilhas, q̃ em torno cerca, & laua.

44

Vasco da Gama, o forte capitão,
 Que a tamanhas empresas se offerece,
 De soberbo, & altiuo coração,
 A quem Fortuna sempre fauorece:
 Para se aqui deter, não vè razão,
 Que inhabitada a terra lhe parece,
 Pôr diante passar determinaua,
 Mas não lhe socedeo como cuidaua.

45

Eis apparecem logo em companhia,
 Hús pequenos bateis, que vê daquella,
 Que mais chegada à terra parecia,
 Cortando o longo mar cō larga vella:
 A gente se aluoroga, & de alegria
 Não sabe mais q̃ olhar a causa della; i
 Que gente serà esta, em sy dizião,
 Que costumes, que ley, que Rey teriaõ?

46

As embarcações erão na maneira,
 Muy velozes, estreitas, & compridas,
 As vellas, com que vem, erão de esteira
 D'húas folhas de palma bem tecidas:
 A gente da cor era verdadeira,
 Que Phaeton, nas terras accendidas
 Ao mûdo deu, de ousado, e nã prudête:
 O Pado o sabe, & Lampe tusa o sente.

P R I M E I R O

7

De panos de algodão vinhão vestidos
De varias cores, brancos, & listrados;
Hús trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Das cintas para cima vem despidos,
Por armas tem adagas, & terçados,
Com toucas na cabeça, & nauegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

48

Cos panos, & cos braços acenauão,
Aas gentes Lusitanas, que e sperassem:
Mas ja as proas ligeiras se inclinauão,
Para que junto às ilhas amainassem:
A gente, & marinheiros trabalhauão,
Como se aqui os trabalhos s'acabassê;
Tomão vellas, amainase a verga alta,
Da ancora o mar ferido em cima salta.

49

Não eraõ ancorados quando a gēte
Estranha pelas cordas ja subia;
No gesto ledos vem, & humanamente,
O capitão sublime os recebia;
As mesas manda pôr em continente,
Do licor que Lião prantido auia;
Enchem vasos de vidro, & do q̃ deitão,
Os de Phaetõ queimados, nada égeitão

50

Comendo alegremente pergútaõ
Pela Arabica lingua, donde vinhão?
Quem eraõ? de q̃ terra? que buscavão?
Ou que partes do mar corrido tinhão?
Os fortes Lusitanos lhe tornauão
As discretas repostas q̃ se conuinhaõ;
Os Portuguezes fomos do Occidente,
Himos buscando as terras do Oriente.

51

A 7

Do

C A N T O

Do mar temos corrido, & nauegado
Toda a parte do Antartico, & Calisto
Toda a costa Africana rodeado,
Diuersos ceos, & terras temos visto;
Dum Rey potente fomos, tam amado
Tam querido de todos, & bem quisto
Que não no largo mar có leda fronte
Mas no lago entraremos de Acherôte

52

E por mādado seu, buscādo andamos
A terra Oriental, que o Indo rega,
Por elle o mar remoto nauegamos,
Que sô dos feos Focas se nauega;
Mas ja razão parece que saibamos,
Se entre vòs a verdade não se nega,
Quem sois, q̃ terra he esta q̃ habitais?
Ou se tendes da India algũs sinais?

53

Somos, hũ dos da ilha lhe tornou,
Estrangeiros na terra, ley, & naçaõ,
Que os proprios, são aquelles q̃ criou
A natura sem ley, & sem razão;
Nós temos a ley certa que ensinou
O claro descendente de Abrahaõ,
Que agora tem do mundo o senhorio,
AmãYHebrea teue, & o pay Gentio.

54

Esta ilha pequena que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas nauegamos,
De Quíloa, de Mombaça, & de Sofala:
E por ier necessaria, procuramos
Como proprios d' terra, de habitala:
E porque tudo emfim vos notifique,
Chamase a pequena ilha Mogambique.

55

E ja

E ja que de tam longe nauegais,
Buscádo o Indo Idaspe, & terra ardête,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente:
Tambem serà bem feito, que tenhais
Da terra algũ refresco, & q o Regente,
Que esta terra gouerna, que vos veja,
E do mais necessario vos prouêja.

56

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia,
Do capitão, & gente se apartou
Com mostras de deuida cortesia:
Nisto Phebo nas aguas encerrou,
Co carro de cristal o claro dia:
Dando cargo à irmãa que alumiasse
O largo mundo em quanto repousasse.

57

A noite se passou na lassa frota,
Com estranha alegria, & não cuidada,
Por acharem da terra tam remota
Noua de tanto tempo desejada:
Qualquer entao consigo cuida, & nota
Na gente, & na maneira desusada;
E como os que na errada seita crerão,
Tanto por todo o mundo s'estenderão

58

Da Lúa os claros rayos rutilauão
Pelas argenteas ondas Neptuninas,
As estrellas os ceos acompanhauão,
Qual campo reuestido de bopinas:
Os furiosos ventos repousauão
Pelas couas escuras peregrinas;
Porem da armada a gente vigiaua,
Como por longo tempo costumaua.

C A N T O I

Mas assi como a Aurora marchettou
 Os fermosos cabellos espalhou
 No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
 Ao claro Hiperionio que acordou;
 Começa a embádeirarse toda a arma
 E de toklos alegres se adornou:
 Por receber com festas, & alegria,
 O Regedor das ilhas que partia.

60

Partia, alegremente nauegando,
 A ver as naos ligeiras Lusitanas,
 Com refresco da terra, em si cuidádo,
 Que são aquellas gentes inhumanas:
 Que os 'aposentos Caspios habitando,
 A conquistar as terras Asianas
 Vierão; & por ordem do destino,
 O imperio tomarão a Constantino.

61.

Recebe o Capitão alegremente
 O Mouro, & toda sua companhia,
 Dálhe de ricas peças hum presente,
 Que só para este effeito ja trazia:
 Dálhe conserua doce, & dálhe o ardête
 Não usado licor, que da alegria:
 Tudo o Mouro contente bem recebe,
 E muito mais contente come, & bebe.

62

Està a gente maritima de Inso
 Subida pela enxarcia de admirada,
 Notando o estrangeiro modo, & uso,
 E a linguagem tam barbara, & enleada;
 Tambem o Mouro astuto esta confuso,
 Olhádo a cor, o trajo & a forte arma-
 E perguntando tudo, lhe dizia, (da
 Se por ventura viahão de Turquia.

63

E mais

E mais lhe diz tambem, q' ver deseja
Os liuros de sua ley, preceito, ou fê,
Para ver se conforme à sua feja,
Ou se são dos de Christo, como cré:
E porque tudo note, & tudo veja,
Ao Capitão pedia que lhe dè
Mostra das fortes armas de q' vsauão,
Quando cos inimigos peleijauão.

64

Responde o valeroso Capitão
Por hum, que a lingua escura bẽ sabia:
Darteey, senhor illustre, relação
De my, da ley, das armas que trazia:
Não sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia:
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India tam famosa.

65

A ley tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visuel, & inuisuel:
Aquelle que criou todo o Emispherio,
Tudo o que sente, & tudo o insensuel;
Que padecce deshonra, & vituperio,
Sofrendo morte injusta, & insufruel:
E que do ceo á terra enfim deceo,
Por subir os mortais da terra ao Ceo.

66

Deste Deos homẽ alto, & infinito
Os liuros que tu pedes não trazia,
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel o que na alma andar deuia:
Se as armas queres ver, como tẽs dito,
Comprido esse desejo te seria; (go
Como amigo as verás, porq' eu me obri
Que nũca as queiras ver como inimigo

67

Isto

Isto dizendo, manda os diligentes
 Ministros a mostrar as armaduras;
 Vem arneses, & peitos reluzentes,
 Malbas finas, & laminas seguras:
 Escudos de pinturas diferentes,
 Pilouros, espingardas de aço puras,
 Arcos, & sagitíferas aljauas,
 Partasanas agudas, chuças brauas.

68

As bombas vem de fogo, & jutam
 As paellas sulfureas tam danosas:
 Porem aos de Vulcano não consente
 Que dem fogo às bôbardas temerosas
 Porque o generoso animo, & valente
 Entre gentes tam poucas, & medrosas
 Não mostra quanto pôde, & có razão
 Que he fraqueza entre ouelhas ser lião

69

Porem disto q' o Mouro aqui notou
 E de tudo o que vio com olho atento
 Hum odio certo n'alma lhe ficou,
 Húa vontade mã de pensamento;
 Nas mostras, & no gesto o não mostrou
 Mas com risonho, & ledo fingimento
 Tratàlos brandamente determina,
 Até que mostrar possa o que imagina.

70

Pilotos lhe pedia o Capitão,
 Por quem podesse à India ser leuado,
 Dizlhe que o largo premio levarã
 Do trabalho que nisso for tomado:
 Prometelhos o Mouro com tenção
 De peito venenoso, & tam danado,
 Que a morte se podesse neste dia,
 Em lugar de Pilotos lhe daria.

PRIMEIRO.

10

Tamanho o odio foy, & a má vótade,
Que os estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o filho de Dávid nos ensinou:
O segredo daquelle eternidade,
A quem juizo algum não alcançou:
Que nunca falte hum perfido inimigo
A aquelles de quem foste tanto amigo.

72

Partio-se nisso enfim co a cõpanhia
Das naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, & grande corteia,
Com gesto ledo a todos, & fingido:
Cortarão os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno, & recebido
Na terra do obsequente ajuntamento
Se foy o Mouro ao cognito aposento.

73

Do claro aséto etereo o grão Tebano
Que da paternal coxa foy nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano,
Ao Mouro ser molesto, & auorrecido:
No pensamêto cuida hũ falso engano,
Com que seja de todo destruido;
E em quãto isto sò n'alma imaginava,
Cõsigo estas palauras praticava.

74

Estã do Fado já determinado,
Que tamanhas victorias tam famosas
Ajaó os Portugueses alcançado
Das Indianas gentes bellicosas:
E eu sò filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Ey de sofrer que o Fado fauoreça
Outré por quê meu nome se escu reça?

75

12

C A N T O

Já quizerão os Deoses que tiuesse
 O filho de Philippo nesta parte
 Tanto poder que tudo somettesse
 Debaixo do seu jugo o fero Marte:
 Mas hase de sofrer que o Fado desse
 A tão poucos tamanho esforço, & arte,
 Que eu co grao Macedonio, & co Romano
 Demos lugar ao nome Lusitano?

76

Não será assi, porq̃ antes q̃ chegado
 Seja este Capitão, astutamente
 Lhe será tanto engano fabricado,
 Que nunca veja as partes do Oriente:
 Eu decerei à terra, & o indignado
 Peito reuoluei na Maura gente:
 Porque sempre por via irã direita,
 Que do opportuno tẽpo se aproneita,

77

Isto dizendo irado, & quasi insano,
 Sobre a terra Africana descêdeo, (no
 Onde vestindo a forma, & gesto huma
 Para o Prasso sabido se moneo
 E por melhor tecer o astuto engano
 No gesto natural se conuerteo
 Dũ Mouro em Moçambiõ conhecido,
 Velho, sabio, & co Xeque muy valido.

78

E entrãdo assi a falarlhe a tẽpo, & ho-
 A sua falsidade accomodadas, (ras
 Lhe diz como erã gentes roubadoras
 Estas, que hora de nouo saõ chegadas;
 Que das naçoẽs na costa moradoras,
 Correndo a fama veyo, que roubadas
 Foraõ por estes homẽs, que passauaõ,
 Que có pactos de paz sẽpre ancorauão

79

E sa-

PRIMEIRO.

II

E sabe mais, lhe diz, como entêdido
Tenho destes Christãos sanguinolêtos,
Que quasi todo o mar tem destruido,
Com roubos, com incêndios violêtos:
E trazem ja de longe engano vrdido
Contra nos, & que todos seus intentos
São para nos matarem, & roubarem,
E molheres, & filhos catiuarem.

80

E tambem sei que tem determinado
De vir por agua a terra muito cedo,
O Capitão dos seus acompanhado,
Que da tenção danada nasce o medo:
Tu deves de ir tambem cos teus armado
Esperalo em cilada oculto, & quedo,
Porque saindo a gente descuidada,
Cairam facilmente na cilada.

81

E se ainda não ficarem deste feito
Destruídos, ou mortos tota lmente,
Eu tenho imaginado no conceito
Outra manha, & ardil que te contente:
Mandalhe dar Piloto, que de geito
Seja astuto no engano, & tam prudête,
Que os leue aonde sejam destruidos,
Desbaratâdos, morto, ou perdidos.

82

Tanto que estas palauras acabou,
O Mouro nos tais casos sabio, & velho
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero aparelho;
Para que ao Portugues se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse,

83

E bus-

E busca mais para o cuidado engano,
 Monro q por Piloto â nao lhe mande,
 Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano,
 De quem fiar se possa hũ feito grande,
 Dizlhe que acompanhando o Lusitano
 Por tais costas, & mares cõ elle ande,
 Que se daqui escapar, que là diante
 Vá cair donde nunca se aleuante.

84

Ià o rayo Apollineo visitaua
 Os montes Nabatheos accendido,
 Quando Gama cos seus determinaua,
 De vir por agua à terra apercebido:
 A gente nos bateis se concertaua,
 Como se fosse o engano já sabido;
 Mas pode sospeitar-se facilmente,
 Que o coração presago nunca mente.

85

E mais tâbem mandado tinha a terra
 De antes pelo Piloto necessario:
 E foilhe respóddido em som de guerra,
 Caso do que cuidava muy contrario:
 Por isto, & porque sabe quanto erra
 Quem se crê de seu perfido aduersario,
 Apercebido vay como podia,
 Em tres bateis somente que trazia.

86

Mas os Mouros q andauão pela praya
 Por lhe defender a agua desejada,
 Hũ de escudo abraçado, & de azagaya
 Outro de arco encuruado, & seta erua
 Esperão q a guerreira gente sayá, (da,
 (Outros muitos já postos em cillada)
 E porque o caso leue se lhe faça,
 Poem hũs poucos diante por negaça.

87.

Aa 1

Andão pela ribeira alua arenosa,
 Os bellicosos Mouros acenando
 Cõ a adarga, & cõ a hastea perigosa,
 Os fortes Portugueses incitando;
 Não fofre muito a gente generosa,
 Andarlhe os caës os dentes amostrando
 Qualquer em terra salta tam ligeiro,
 Que nenhũ dizer pôde q he primeiro.

88

Qual no corro sãguineo o ledõ amãe
 Vendo a fermosa dama desejada,
 O Touro busca, & pondose diante,
 Salta, corre, sibila, acena, & brada:
 Mas o animal atroce nesse instante,
 Cõ a fronte cornigera inclinada,
 Bramado duro corre, & os olhos cerra;
 Derriba, fere, mata, & poem por terra.

89

Eis nos bateis o fogo se levanta,
 Na furiosa, & dura artilheria,
 A plumbea pêla mata, o brado espãta,
 Ferido o ar retumba, & affouia;
 O coração dos Mouros se quebranta,
 O temor grande o sangue lhes resfria,
 Ia fuge o escondido de medroso,
 E morre o descuberto aventureso.

90

Não se cõtenta a gente Portuguesa,
 Mas seguindo a victoria estrue, & mata,
 A pouoação sem muro, & sem defesa,
 Esbombardea, accende, & desbarata;
 Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,
 Que bem cuidou cõprala mais barata,
 Ia blasfema da guerra, & maldizia
 O velho inerte, & a mãy q o filho cria.

C A N T O

Fugindo, a seta o Mouro vay tirando
Sem força, de couarde, & de apressado
A pedra, o pao, & o cãto arremessando
Dãhe armas o furor defatinado:
Ià a Ilha, & todo o mais desemparrando
A terra firme foge amedrontado:
Passa, & corta do mar o estreito braço
Q a ilha em torno carca, empouco espaço

92.

(50

Hũs vaõ nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente:
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, & o deita jutamente
Arrombaõ as meudas bombardadas
Os Pangayos sotis da bruta gente:
Desta arte o Portugues emfim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

93.

Tornaõ victoriosos para a armada,
Co despojo da guerra, & rica presa,
E vaõ a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa:
Ficaua a Maura gente magoada,
No odio antigo mais que nunca ace sa:
E vendo sem vingança tanto dano,
Samente estriba no segundo engano.

94.

Pazes cometer manda arrependido
O Regedor daquella inica terra,
Sem ler dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe mãda guerra:
Porque o Piloto falso prometido,
Que toda a mã tẽçaõ no peito encerra,
Para os gular à morte lhe mandaua,
Como em final das pazes, que tratava.

O Capitão, q'j) lhe então conuinha
 Tornar a seu caminho acostumado,
 Que tempo concertado, & vêtos tinha,
 Para ir buscar o Indo desejado:
 Recebendo o Piloto, que lhe vinha,
 Foy d'elle alegremente agasalhado:
 E respondendo ao mensageiro, atento
 As vellas manda dar ao largo vento.

96

Desta arte despedida a forte armada,
 As ondas de Anfitriç dividia,
 Das filhas de Nerèo acompanhada,
 Fiel, alegre, & doce companhia:
 O Capitão, que não cahia em nada,
 Do enganoso artil, que o Mouroyrdiz
 Delle muy largamente se informava
 Da India toda, & costas que passava.

97

Mas o Monro instruido nos enganos,
 Que o malèuolo Baccho lhe ensinara,
 De morte, ou catiueiro novos danos,
 Antes que à India chegue lhe prepara:
 Dando razão dos portos Indianos,
 Tambem tudo o que pede lhe declara
 Que auendo por verdade o que dizia,
 De nada a forte gente se temia.

98

E dizlhe mais co falso pensamento,
 Cõ que Synon aos Phrigios enganou,
 Que perto està hũa ilha, cujo acento,
 Pouo antigo Christão sempre habitou:
 O Capitão, que a tudo estava attento,
 Tanto com estas nouas se alegrou,
 Que com dadiuas grandes lhe rogava,
 Q' o leue à terra onde esta gente estava.

99

B

Ome

1
O mesmo o falso Mouro determina
 100
 Que o seguro Christão lhe mada, & pede,
 Que a terra he possuida da malina
 Gente, que segue o torpe Mafamede:
 Aqui o engano, & morte lhe imagina,
 Por o em poder, & forçã muito excede
 A Moçambique esta ilha, que se chama
 Quiloa, muy conhecida pela fama.

100

2
Para lá se inclinava a leda frota,
 Mas a Deosa em Cythere celebrada,
 Vendo como deixava a certa rôta,
 Por ir buscar a morte não cuidada,
 Não cósente, que em terra tão remota
 Se perca a gente della tam amada:
 E com ventos contrarios a desuja,
 Donde o Piloto falso a leva, & guia.

101

3
Mas o maliado Mouro não podêd
 Tal determinação levar auante,
 Outra maldade inica cometendo,
 Ainda em seu proposito constante,
 Lhe diz, que pois as aguas discorrem
 Os leuaraõ por força por diante,
 Que outra ilha tem perto, cuja gente
 Eraõ Christãos cõ Mouros juntamẽte.

102

4
Tambem nestas palauras lhe mada
 Como por regimento emfim leua ua,
 Que aqui gente de Christo não a uia,
 Mas a que Mafamede celebrava:
 O Capitão, que em tudo o Mouro cria
 Virando as vellas a ilha demarçava,
 Mas não querêdo a Deosa guar da dona
 Não entra pela barra, & surge fora.

103

Estas

Estava a Ilha à terra tam chegada,
 Que hum estreito pequeno a dividia,
 Hũa cidade nella situada,
 Que na frente do mar apparecia;
 De nobres edificios fabricada,
 Como por fôra ao longe descobria;
 Regida per hum Rey de antiga idade,
 Mobaça he onome da ilha, & da cidade.

104

E sendo a ella o Capitão chegado,
 Estranhamente lêdo, porque espera
 De poder ver o pino baptizado,
 Como o falso Piloto lhe dissera:
 Eis vem bateis da terra com recado
 Do Rey, que já sabia a gente que era,
 Que Baccho muito de antes o auisara,
 Na forma doutro Mouro, que tomara.

105

O recado que trazem, he de amigos,
 Mas debaixo o veneno vem cuberto,
 Que os pensamêtos eraõ de inimigos,
 Segundo foy o engano descuberto.
 Os grandes, & gratissimos perigos!
 O caminho da vida nunca certo!
 Que aonde agête poem sua esperançã,
 Tenha a vida tam pouca segurança.

106

No mar tãta tormenta, & tanto dano
 Tantas vezes a morte apercebida,
 Na terra tanta guerra, tanto engano,
 Tanta necessidade auogrecida:
 Onde pôde acolherse hũa raça humano,
 Onde terã segura a curta vida? (no,
 q̃ não se arme, & se indigne o Ceo fere-
 Cõtra hũ bicho da terra tão pequeno,

CANTO II.



E neste tempo o lucido
Planeta,
Que as horas vay do
dia distinguindo,
Chegava à desejada, &
lenta Meta,
A luz celeste às gentes encobrando:
E da casa maritima secreta, (brindos
Lhe estava o Deos Nocturno a porta a-
Quando as infidas gentes se chegaraõ
Aas naos, que pouco avia q̃ ancoraraõ.

2701

D'antre elles hũ, q̃ traz encomẽdado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reyno, & falsa via;
O Rey que mada estailha, alhorogado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais, que agasalharte,
Verto, & do necessario reformarte.

3001

E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga, que de nada receoso
Entres a barra tu com toda a armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, & cansada,
Diz, que na terra pôdes reformala,
Que a natureza obriga a desejala.

E se buscando vas mercaderia,
 Que produce o aurifero Leuante,
 Canella, Crauo, ardente especiaria,
 Ou droga salutifera, & prestante;
 Ou se queres luzente pedraria,
 O Rubi fino, o rigido Diamante,
 Daqui leuaràs tudo tam sobejo,
 Com que faças o fim a teu desejo,

5

Ao mensageiro o Capitão responde
 As palauras do Rey agradecendo;
 E diz, que porq̃ o sol no mar se escóde
 Não entra para dentro obedecendo;
 Porem q̃ como a luz mostrar por onde
 Va sem perigo a frota, não temendo,
 Comprirà sem receyo seu mandado,
 q̃ a mais por tal senhor està obrigado.

6

Pergũtalhe despois, se estão na terra
 Christãos, como o Piloto lhe dizia;
 O mensageiro ástuto, que não erra,
 Lhe diz, q̃a mais dagẽte em Cristo cria:
 Desta sorte do peito lhe desterra
 Toda a sospeita, & cauta fantasia;
 Por onde o Capitão seguramente
 Se fia da infiel, & falsa gente.

7

E de algũs, que trazia condenados
 Por culpas, & por feitos vergonhosos,
 Porque podessem ser auenturados
 Em casos desta sorte duuidosos;
 Manda dous mais sagazes ensayados,
 Porque notem dos Mouros enganosos
 A Cidade, & poder, & porque vejão
 Os Christãos, que sò tanto verdessejão.

8

B3

E por

CANTO 2

E por estes ao Rey presentes manda
 Porque a boa vontade, que mostrava
 Tenha firme, segura limpa, & branda,
 A qual bẽ ao côtrario em tudo estava
 Já a companhia perfida, & nefanda
 Das naos se despedia, & o mar cortava
 Foraõ com gestos lédos, & fingidos
 Os dous da frota em terra recebidos.

9

E despois que ao Rey apresentara
 Co recado os presentes, que traziaõ,
 A Cidade correrão, & notaraõ
 Muito menos daquillo que queriaõ:
 Os Mouros cautelosos se guardaraõ
 De lhe mostrarem tudo que pediaõ:
 Q̃ onde reyna a malicia, està o receyo
 Que a faz imaginar no peito alheyo.

10

Mas aquelle, q̃ sempre a mocidade
 Tem no rosto perpetua, & foy nascida
 De duas mãys, que vrdia a falsidade,
 Por ver o nauegante destruydo,
 Estava em hũa casa da Cidade,
 Com rosto humano, & habito fingido
 Mostrandose Christaõ, & fabricava
 Hum altar sumptuoso, que adorava.

11

Ali tinha em retrato afigurada
 Do alto, & sancto Spirito a pintura,
 A candida pombinha debuxada,
 Sobre a vnica Phenix Virgem pura:
 A companhia sancta està pintada,
 Dos doze, tam toruados na figura,
 Como os que sã das lingoas q̃ cairã
 De fogo, varias lingoas referiraõ.

Aqui os dous cõpanheiros cõduzidos,
 Onde com este engano Baccho estaua,
 Poem em terra os giolhos, & os sêtidos,
 Naquelle Deos, q̃ o mundo governaua,
 Os cheiros excellentes produzidos,
 Na Panchaya odorifera queimaua,
 O Thionei, & assi por derradeiro,
 O falso Deos adora o verdadeiro.

13

Aqui foraõ de noite agasalhados,
 Com todo o bõ, & honesto tratamẽto,
 Os dous Christaõs, não vêdo q̃ engana
 Os tinha o falso, & tão fingimẽto: (cos
 Mas assi como os rayos espalhados,
 Do sol foraõ no mudo, & num momẽto
 Apareceo no rubido Orizonte,
 Na moça de Titão a roxa fronte.

14

Tornão da terra os Mouros co recado
 Do Rey, para que entrassem, & configor
 Os dous, que o Capitão tinha mãdado,
 A quẽ se o Rey mostrou sincero amigo,
 E sendo o Portuguez certificado
 De não auer receyo de perigo,
 E que gente de Christo em terra aua,
 Dentro no falso rio entrar queria.

15

Dizêlhe os q̃ mãdou, q̃ em terra virã
 Sacras Aras, & Sacerdote sancto,
 Que ali se agasalharão, & dormirão,
 Em quãto a luz cubrio o escuro mato,
 E que no Rey, & gentes não sentirão
 Serião contentamento, & gosto tanto,
 Que não podia certo auer sospeita
 N'hũa mostra tam clara, & tão perfeita

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros, que subiaõ,
Que leuemente hum animo se fia
Beinhosiras, que tam certas pareciao:
A neo da gente perfida se enchia,
Deixado a bordo os barcos q traziao
Alegres vinhaõ todos, porque crem,
Que a presa desejada certa tem.

17

Na terra cautamente aparelhaõ
Affias, & monicoes, & que se vissem,
Que no rio os nauios an. orauaõ,
Nelles ousadamente se subissem:
E com esta treigaõ determinauaõ,
Que os de Luso do porto naõ saissem,
E que incautos pagassem deste geito
O mal, q em Moçambique tinhaõ feito.

18

As ancoras tenaces vaõ levando
Com a nautica grita costumada,
Da proa as vellas sds ao vento dando,
Inclinaõ para a barra abalifada:
Mas a linda Ericina, que guardando
Andaua sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, & tam secreta
Voa do Ceo ao mar, como hũa seta.

19

Conuoca as aluas filhas de Neréo,
Com toda a mais cerulea companhia
Que porque no salgado mar nasceo,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E prepondolhe a causa aque deceo,
Com todas juntamente se partia,
Para estoruar q a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

Já na agua erguêdo vão có grãde pressa
 Cõ as argêteas caudas branca escuma,
 Cloto co peito corta, & a traueffa
 Com mais furor o mar do q̃ costumã
 Salta Nise, Nerine se arremessa (mã
 Por cima da agua crespa, em força su-
 Abrem caminho as ondas encruuadas,
 De temor das Nereidas apressadas.

21

Nos hõbros d'hũ Tritão có gesto acceso
 Vay a linda Diõne furiosa,
 Não sente quem a leua o doce peso,
 De soberbo, com carga tam fermosa
 Já chegaõ perto donde o vento teso
 Enche as vellas da frota bellicosa,
 Repartemse, & rodeão nesse instante
 As naos ligeiras, que hiaõ por diante.

22

Poemse a Deosa có outras em direito
 Da proa capitania, & ali fechando
 O caminho da barra, estão de geito,
 Q̃ é vão assopra o vëto, avella inchãdo
 Poem no madeiro duro o brãdo peito
 Para detras a forte nao forçando;
 Outras em derredor leuandoa estauão
 E da barra inimiga a desuiuaõ.

23

(gãr.)

Quais para a coua as prouidas formi-
 Leuando o peso grande accomodado
 As forças exercitão, de inimigas,
 Do inimigo Inverno congelado:
 Ali são seus trabalhos, & fadigas,
 Ali mostrão vigor nunca esperado:
 Tais andauão as Ninfas estauando
 A gente Portuguesa o fim nefando.

24

B5

Tor.

C A N T O ?

Torna para detrás a nao forçada,
 A pesar dos que leua, que gritando,
 Marcão vellas, ferue a gente irada, (de
 O leme a hũ bordo, & outro atraueſa
 O Mestre astuto em vão da popa brad
 Vendo como diante ameaçando
 Os estaua hum maritimo penedo,
 Q de que brarlhe a Nao lhe mete med

25

A celeuma medonha se aleuanta
 No rudo marinheiro, que trabalha;
 O grande estrôdo a Maura gête espâta
 Como se vissem horrida batalha:
 Não sabem a razão de furia tanta,
 Não sabẽ nesta pressa quem lhe valha
 Cuidão que seus enganos são sabidos
 E que aõ de ser por isso aqui punidos

26

Eilos subitamente se lançauão
 A seus bateis veloces, que trazião,
 Outros encima o mar aleuantauão,
 Saltando n'agua a nado se acolhião:
 De hũ bordo & doutro subito saltauão
 Que o medo os compelia, do que vião
 Que antes querẽ ao mar aventurarle
 Que nas mãos inimigas entregarle.

27

Aſsi como em seluatica alagoa,
 As tãs no tempo antigo Lycia gente,
 Se sentem por ventura vir pessoa,
 Estando fora da agua incautamente:
 Daqui, & dali saltando o charco soa,
 Por fugir do perigo, quẽ se sente:
 E acolhendose ao couto, q conhecem,
 Sos as cabeças na agua lhe aparecem.

28

Aſsi

Afſi fogem os Mouros, & o Piloto,
 Que ao perigo grande as naos guiara,
 Crendo que ſeu engano eſtaua noto,
 Tambem foge saltando na agua amara:
 Mas por não darem nopenedo immoto
 Onde percão a vida doce, & cára,
 A ancora ſolta logo a capitania,
 Qualquer das outras juto della amaina

29

Tendo o Gania atentado a eſtranheza
 Dos Mouros não cuidada, & jutamête,
 O Piloto fugir lhe com preſteza
 Entende o. que ordenaua a bruta gête:
 E vendo ſem contraſte, & ſem braueza
 Dos ventos, ou das aguas ſem corrête,
 Que não paſſar auante não podia,
 Auendo por milagre, afſi dizia.

30

ô caſo grãde, eſtranho, & não cuidado!
 ô milagre claríſſimo, & euidentel
 ô deſcuberto engano inopinado!
 ô perfida inimiga, & falſa gente!
 Quem poderà do mal aparelha do
 Liurarſe ſem perigo ſabiamente,
 Se là de cima a guarda ſoberana
 Não acudir à fraca força humana.

31

Bem nos moſtra a diuina Prouidêcia
 Deſtes portos a pouca ſegurança;
 Bem claro temos viſto na apparencia,
 Que era enganada a noſſa confiança:
 Mas pois ſaber humano, nê prudencia,
 Enganos tam fingidos não alcança:
 O tu, guarda diuina, tem cuidado,
 De quẽ ſem ti não pòde ſer guardado.

C A N T O

E se te moue tanto a piedade,
 Desta misera gente peregrina,
 Que sò por tua altissima bondade,
 Da gente a saluas, perfida, & maligna
 Nalgum porto seguro de verdade
 Conduzirmos já agora determina,
 Ou nos amostra a terra que buscamos
 Pois sò por teu seruizo nauegamos.

33

Ouuiolhe estas palauras piedosas
 A fermosa Diòne, & commonida,
 D'antre as Nymphas se vay, q̃ saudosa
 Ficaraõ desta subita partida,
 Já penetra as estrellas luminosas,
 Já na terceira Esphera recebida,
 Auante passa, & lá no sexto ceo,
 Para onde estaua o Padre se moueo.

34

E como hia afrontada do caminho
 Tam fermosa no gesto se mostraua,
 Q̃ as Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho
 E tudo quanto a via namoraua:
 Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
 Hús espiritos viuos inspirava.
 Com que os Polos gelados acendia,
 E tornaua do Fogo à Esphera fria.

35

E por mais namorar o soberano
 Padre, de quẽ foy sèpre amada, & cara,
 Se lhe apreseta assi como ao Troyano,
 Na selua Idea já se apresentâra.
 Se a vira o caçador, q̃ o vulto humano
 Perdeo, vendo Diana na agua clara,
 Nunca os famintos galgos o matarão,
 Que primeiro desejos o acabarão.

Os crespos fios d'ouro se esparzião,
 Pelo colo, que a neve escurecia:
 Andando as lacteas tetas lhe tremião,
 Com quẽ amor brincava, & não se via:
 Da alua petrina flamas lhe sahião,
 Onde o minino as almas acendia;
 Pelas lisas colúνας lhe repauão,
 Desejos, que como Hera se enrolauão,

37

C'um delgado cẽdal as partes cobre,
 De quem vergonha he natural reparo,
 Potem nẽ tudo esconde, nem descobre
 O veio dos roxos lirios pouco auaro;
 Mas para q' o desejo acenda, & dobre,
 Lhe poem diante aquelle objecto raro:
 Iã se sentem no ceo, por toda a parte,
 Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

38

E mostrãdo no angelico semblante,
 Coriso hũa tristeza misturada,
 Como dama, q' foi do incauto amante,
 Em brincos amorosos maltratada: (te,
 q' se queixa, & se ri numa mesmo instan-
 E se torna entre alegre magoada:
 Des'arte a Deosa, aquẽ nenbũa iguala,
 Mais mimosa que triste ao Padre fala.

39

Sẽpre eu cuidei, ò Padre poderoso,
 q' para as cousas, q' eu do peito amasse,
 Te achasse brando, affauei, & amoroso:
 Posto que a algũ cótrario lhe pesasse
 Mas pois que contra mi te vejo iroso,
 Sem que to merecesse, nem te errasse,
 Façale como Baccho determina,
 Assentarei emfim, que fuy moína.

CANTO

Este pouo, q̃ he meu, por quẽ derr
As lagrimas, que em vão caydas ver
q̃ affaz de mal lhe quero, pois q̃ o ar
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando choro, & bran
E contra minha dita emfim pelesjo:
Ora pois porq̃ o amo he maltratado
Quero lhe querer mal, serà guardado

41

Mas moura éfim nas mãos das brutas
q̃ pois eu fuy: & nisto de mimosa (t
O rosto banha, em lagrimas ardentes
Como co. orualho fica a fresca rosa:
calada hũ pouco, como s'entre os dé
Se lhe impedira a fala piedosa,
Torna a seguila, & indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, & grão Tonã

42

E destas brandas mostras comouid
q̃ mouerão de hũ Tigre o peito duro
Co vulto alegre, qual do Ceo subido
Torna sereno, & claro o ar escuro:
As lagrimas lhe alimpa, & acendido
Na face a beija, & abraça o colo pur
De modo que dali, se sò se achàra,
Outro nouo Cupido se geràra.

43

E co seu apertando o rosto amado
Que os salugos, & lagrimas augment
Como minino da ania castigado,
q̃ quẽ no affaga, o choro lhe acrecê
Por lhe pôr em sossego o peito irado
Muitos casos futuros lhe apresenta,
Dos Fados as entranhas reuoluendo,
Desta maneira emfim lhe está dizêdo

Fermosa filha minha, não temais
 Perigo algú nos vossos Lusitanos,
 Nem que ninguem comigo possa mais,
 Que esses chorosos phos soberanos;
 Que eu vos prometo filha, que vejais
 Esqueceremse Gregos, & Romanos,
 Pelos illustres feitos que esta gente
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

45

Que se o facundo Vlysses escapou
 De ser na Ogygia Ilha eterno escravo,
 E se Antenor os seys penetrou,
 Iliricos, & a fonte de Timauo.
 E se o piedoso Eneas nauegou
 De Scila, & de Caribdis o mar brauo,
 Os vossos mōres cousas intentando,
 Nouos mūdos ao mūdo iraõ mostrādo

46

Fortalezas, Cidades, & altos muros
 Por elles vereis, filha, edificados:
 Os Turcos bellacissimos, & duros
 Delles sempre vereis desbaratados:
 Os Reys da India liures, & seguros,
 Vereis ao Rey potente sojugados;
 E por elles de tudo em fim lenkores,
 Serāo dadas na terra leys melhores.

47

Vereis este, que agora presuroso
 Por tantos medos oIndo vai buscādo,
 Tremar d'elle Neptuno de medroso,
 Sem vento suas aguas encrespando:
 O caso nunca visto, & milagroso
 q̃ trema, & ferua o mar e calma estādo!
 O gente forte, & de altos pensamentos,
 Que tãbẽ della hāo medo os Elemētos!

48

Vereis

Vereis a terra, que a agua lhe tolhi
 q̃ inda ha de ser hũ porto muy decet
 Em que vão descansar da longa via
 As naos, que nauegarem do Occidẽte
 Toda esta cõsta emfim, q̃ agora vrdia
 O mortifero engano, obediente
 Lhe pagará tributos, conhecendo
 Não poder resistir ao Luso horrendo

49

E vereis o mar roxo tam famoso
 Tornar-se-lhe amarello de infiado:
 Vereis de Ormuz o Reyno poderoso
 Duas vezes tomado, & sojugado:
 Ali vereis o Mouro furioso
 De suas mesmas setas traspassado;
 Que quẽ vai cõtra os vossos clero v
 Que se resiste, contra sy peleja.

50

Vereis a inexpugnabel Diu forte,
 Que dous cercos terá dos vossos sãdo
 Ali se mostrarà seu preço, & sorte,
 Feitos de armas grãdissimos fazendo
 Enuejoso vereis o grãõ Mauorte,
 Do peito Lusitano fero, & horrendo
 Do Mouro ali veraõ, q̃ a voz extrem
 Do falso Masamede ao Ceo blasfem

51

Goa vereis aos Mouros ser tomada
 A qual virà despois a ser senhora
 De todo o Oriente, & sublimada
 Cos triunfos da gente vencedora:
 Ali soberba, altiva, & exalçada,
 Ao gentio, que os Idolos adora,
 Duro frea porà, & a toda a terra,
 Que cuidar de fazer aos vossos quem

Vereis a fortaleza sustentarse
 De Cananor com pouca força, & gète;
 E vereis Calecut desbaratar-se,
 Cidade populosa, & tam potente:
 E vereis em Cochim assinalar-se
 Tanto hum peito soberbo, & insolète,
 Que cy tata ja mais cantou victoria,
 q a si mereça eterno nome, & gloria.

53

Nunca cõ Marte instructo, & furioso,
 Se vio ferner Leucate, quando Augusto
 Nas ciuis Accias guerras animoso,
 O Capitão venceo Romano injusto:
 que dos pños da Aurora, & do famoso
 Nilo, & do Bactro Scitico, & robusto,
 A victoria trazia, & prela rica,
 Preso da Eypcia linda, & não pudica.

54

Como vereis o mar feruendo acêso
 Cõs incendios dos vossos pelejando,
 Leuando o Idolatra, & o Mouro preso
 De nações diferentes triumphando;
 E fogeita a rica Aurea Chersonezo,
 Até o longinquo China nauegando:
 E as Ilhas mais remotas do Oriente,
 Serlheha todo o Oceano obediente.

55

De modo, filha minha, que de geito
 Amostraram esforço mais q humano,
 Que nunca se verá tam forte peito,
 Do Gangetico mar, ao Gaditano:
 Nem das Boreais ondas ao Estreito,
 Que mostrou o agrauado Lusitano:
 Posto q em todo o mudo, de afrótados
 Resuscitassem todos os passados.

Como isto disse, manda o cõsagrad
 Filho de Maya à tetra, porque tenha
 Hum pacifico porto, & sossegado,
 Para onde sem receyo a frota venha:
 E para que em Mombaca aaventurado
 O forte Capitaõ se não detenha,
 Lhe mãda mais q̃ è sonhos lhe mostre
 A terra, onde quieto reponsasse.

57

Ià pelo ar o Cylenêo voava,
 Com as azas nos pès à terra dece,
 Sua vara fatal na mão leuava,
 Com que os olhos cansados adormec
 Com esta, as tristes almas reuocava
 Do inferno, & o vento lhe obedece:
 Na cabeça o galero costumado,
 E desta arte a Melinde foy chegado.

58

Configo a Fama leua, porque diga
 Do Lusitano, o preço grande, & raro,
 q̃ o nome illustre ahũ certo amor ob
 E faz a quẽ o tem, amado & caro: (ga
 Desta arte vay fazendo a gente amiga
 Co rumor famosissimo, & preclaro,
 Ià Melinde em desejos arde todo,
 De ver da gente forte o gesto, & mod

59

Dali para Mombaca logo parte,
 Aonde as naos estauaõ temerosas,
 Para que à gente mande, que se aparte
 Da barra inimiga, & terras sospeitosas:
 Porque muy pouco val esforço, & ar
 Contra infernais vontades enganosa
 Pouco val coraçãõ, astucia, & siso,
 Se lá dos Ceos não vem celeste aulso

Meyo caminho a noite tinha andado,
 E as Estreilas no Ceo,co a luz alhea,
 Tinhaõ o largo mundo alumiado,
 E sò co sono a gente se recreya;
 O Capitaõ illustre já cansado,
 De vigiar a noite,que arreceya,
 Breue repouso entam aos olhos daua,
 A outra gente a quartos vigiaua.

61

Quãdo Mercurio é sonhos lhe aparece
 Dizendo, fuge, fuge Lusitano,
 Da cilada que o Rey maluado tece,
 Por te trazer ao fim,& extremo danoz
 Fuge, que o vento,& o ceo te favorece,
 Sereno o tempo tês,& o Ocean,
 E outro Rey mais amigo,noutra parte,
 Onde podes seguro agasalharte.

62

Naõ tês aqui senão aparelhado,
 O hospicio,que o cru Diomedes daua,
 Fazendo ser manjar acostumado,
 De cauallos a gente, que hospedaua;
 As Aras de Búfiris infamado,
 Onde os hospedes tristes imolaua,
 Teràs certas aqui,se nõito esperas:
 Fuge das gentes perfidas,& feras.

63

Vaite ao longo da costa discorrêdo,
 E outra terra acharàs de mais verdade
 Lá quasi junto, donde o sol ardendo,
 Iguala o dia,& noite em quantidade:
 Ali tua frota alegre recebendo
 Hú Rey,có muitas obras de amizade,
 Gasalhado seguro te daria,
 E para a India certa,& sabia guia,

64

26

Isto

Isto Mercurio disse, & o sono leu-
 ao Capitão, que cõ muy grãde espan-
 Acorda, & vê ferida a escura treua,
 De hũa subita luz, & rayo sancto:
 E vendo claro quanto lhe relena,
 Não se deter na terra iniqua tanto:
 Cõ nouo sprito ao mestre seu mada
 que as vellas dèsse ao vèto, q̃afllopran

65

Day vellas, disse, day ao latgo vè-
 q̃ o ceo nos fauorece, & Deos o mã-
 Que hũa mensageiro vi do claro alsè-
 Que sò è fauor de nossos passos an-
 Aleuantase nisto o mouimento
 Dos marinheiros, de hũa & d'outra
 Leuaó, gritando as ancoras acima,
 Mostrando a rude força, que se estin-

66

Neste tẽpo, que as ancoras leuaú-
 Na sóbra eicura os Mouros escõdi-
 Mansamente as amarras lhe cortau-
 Por terem, dando á costa, destruido
 Mas com vista de Lincez vigiaúo,
 Os Portuguezes sempre apercebido
 Elles como acordados os sentiraó,
 Voando, & não remando lhe fugira

67

Mas já as agudas proas apartan-
 Hiaó as vias humidas de argento,
 Afllopralhe galerno o vento, & bran-
 Com suaue, & seguro mouimento:
 Nos perigos passados vaó falando,
 Que mal se perderam do pensamen-
 Os casos grandes, donde em tátoape-
 A vida em saluo escapa por acerto

68

Tinha hũa volta dado o sol ardente,
 e goutez de neq̃aça, quando viraõ
 ao longe dõs navios, brandamente
 os ventos navegando, que respiraõ;
 porque aviaõ de ser da Maura gente,
 para elles arribando, as vèllas mittaõ;
 e de temor do mal que arrebentaõ,
 por se salvar a gente á costa de qua! 69

Não he o hurró, que fica taõ mizalhofo;
 mas nas mãos vay cair do Lusitano,
 em o rigor de Marte furioso,
 sem a furia horrenda de Vulcano;
 que, como fosse debil, & medroso,
 da pouca gente o fraco peito humano,
 não teve resistencia, & se ajuera,
 mais dano resistindo recebêra. 70

E como o Gama muito de se affe-
 piloto para a India, que buscava,
 ajudou q̃ entre estes Mouros o comalle,
 mas não lhe esocedeo como enlaava;
 que nenhum delles ha, q̃ lhe ensinasse,
 que parte dos ceos a India estava,
 orein dizem lhe todos, que tem perto
 delinde, onde acharam Piloto certo. 71

Quando do Rey os Mouros a bõdade,
 e a liberal, & syncero peito,
 a magnificencia grande, & humanidade,
 tom partes de grandissimo respeito;
 e Capitaõ o assella por verdade,
 porque já lho dissera deste geito,
 e Cylenão em sonhos, & partia
 para o de o sonho, & o Mouro lhe dizia. 72

Era no tempo alegre, quando entra
 No roubador de Europa a luz Feber
 Quando hũ & o outro corno lhe aquece
 E Flora derramava o d'Almathea: (u
 A memoria do dia renouava
 O presuroso sol, que o ceo rodea,
 Em q' aquelle, a que tudo estã fugia
 O selo pôs a quanto tinha feito.

73

Quando chegava a frota àquella pra
 Onde o Reyno Melinde já se via,
 De toldos adornada, & leda de arte
 Que bem mostra estimar o sancto d
 Treme a bandeira, voa o estendarte,
 A cor purpurea ao longe apparecia:
 Soão os atambores, & pandeiros,
 E así entravaõ ledos, & guerreiros.

74

Enche-se toda a praya Melindana
 Da gète, que vem a ver a leda arma
 Gète mais verdadeira, & mais huma
 q' toda a d'outra terra atrás deixada
 Surge diante a frota Lusitana,
 Pega no fundo a ancora pesada:
 Mândão fora hũ dos Mouros, q' tomã
 Porque sua vinda ao Rey manifestar

75

O Rey, que já sabia da nobreza,
 Que tão os Portuguezes engrandece
 Tomarem o seu porto tanto preza,
 Quanto a gente fortissima merece
 E com verdadeiro animo, & pureza
 Que os peitos genziosos ennobrec
 Lhe manda rogar muito que deixe
 Para que de seus Reynos se servis

São offerecimentos verdadeiros,
 E palauras synceras, não dobradas,
 As q'o Rey mada aos nobres caualeiros,
 Que tanto mar, & terras tem passadas:
 Mandalhe mais lanigeros carneiros,
 E galinhas domesticas ceuadas,
 Cõ as frutas, que então na terra auia,
 E a vontade à dadiua excedia.

77

Recebe o Capitão alegremente
 O mensageiro ledo, & seu recado,
 E logo manda ao Rey outro presente,
 Que de longe trazia aparelha do:
 Escarlata purpurea, cor ardente,
 O ramofo coral fino, & prezado,
 Que debaixo das aguas molle crece,
 E como he fóra dellas, se endurece.

78

Manda mais hũ na pratica elegante,
 Que co Rey nobre as pazes cõcertasse,
 E que de não sair naquelle instante
 De suas naos em terra, o desculpasse:
 Partido assi o Embaixador prestante,
 Como na terra ao Rey se apresentasse,
 Com estilo, que Pallas lhe ensinava,
 Estas palauras tais fallando oraua.

79

Sublime Rey, aquẽ do Olimpo puro
 Foy da suma justis a concedido
 Refrear o soberbo pouo duro,
 Não menos delle amado, que temido:
 Como porto muy forte, & muy seguro,
 De todo o Oriente conhecido,
 Te vimos a buscar, para que achemos
 Em ti o remedio certo, que queremos.

Não fomos roubadores, que passamos
 Pelas fracas Cidades descuidadas,
 A ferro, & a fogo às gentes vão matando
 Por roubarlhe as fazendas cobradas
 Mas da soberba Europa navegando
 Himos buscando as terras apartadas
 Da India grande, & rica, por mandado
 De hũ Rey, q' temos alto, & sublimado

81

Que geração tam dura hahi de gente
 Que barbaro costume, & ylança tem
 Que não vedem os porcos tão somenos
 Mas inda o hospicio da deserta areia
 Que mã' tẽsão q' peito em nós se fôr
 Que de tam pouca gente se arreceia
 Que com laços armados tam fingidos
 Nós ordenassem vernos destruidos

82

Mas tu, em quẽ muy certo confias
 Acharse mais verdade, ò Rey benigno
 E aquella certa ajuda em ti esperas
 Que teue o perdido Itaco em Alcino
 A teu porto seguros navegamos,
 Conduzidos do interprete diuino,
 q' pois a ti nos manda, està muy claro
 q' es de peito syncero, humano, & raro

83

E não cuides ò Rey, que não saia
 O nosso Capitão esclarecido
 A verte, ou a servirte, porque visse
 Ou sospeitasse em ti peito fingido
 Mas saberás que o fez, porque cõp
 O regimento em tudo obedecido
 De seu Rey, q' lhe mãda, quão fãya
 Deixado a frota é nenhũ porço, q'

84

E porq̃ he de vassallos o exercicio,
 Que os mēbros tem regidos da cabeça,
 Não quererás, pois tēs de Rey o officio,
 Que ninguem a seu Rey desobedeça:
 Mas as mercês, & o grande beneficio,
 Que ora acha é ti, promete, q̃ conheça
 Em tudo aquillo, q̃ elle & os seus poderẽ,
 Em quanto os rios para o mar correrẽ.

85

Assi dizia, & todos juntamente
 Hús com outros em pratica fallando,
 Louuauão muito o estamago da gente,
 Que tãtos Ceos, & mares vay passando:
 E o Rey illustre, o peito obediente
 Dos Portugueses, na alma imaginando,
 Tinha por valor grande, & muy subido
 O do Rey, que he tam longe obedecido.

86

E com risonha vista, & ledo aspeito,
 Respõde ao Embaixador, q̃ tãto estima:
 Toda a sospeita mã tiray do peito,
 Nenhũ frio temor em vós se imprima,
 Que vosso preso, & obras saõ de geito,
 Para vos ter o mūdo em muita estima;
 E quem vos fez molesto tratamento,
 Não pôde ter sobido pensamento.

87

De não sair em terra toda a gente
 Por obseruar a vsada preminencia,
 Ainda que me pese estranhamente,
 Im muito tenho a muita obediencia:
 Mas se lho o regimentõ não consente,
 Nem eu consentirey, que a excelencia
 De peitos taõ leais em sy desfaça,
 Jò porque a meu desejo satisfaça.

88

C

Porém

CANTO

Porém como a luz crastina chega
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irey visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo há tantos dias
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, & longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos
Piloto, munições, & mantimentos.

89

Isto disse, & nas agoas se esconde
O filho de Latona, & o mensageiro
Coa embaixada alegre se partia
Para a frota, no seu batel ligeiro:
Enchemse os peitos todos de alegria
Por terem o remedio verdadeiro
Para acharem a terra, que buscava
E assi ledos a noite festejava.

90

Não faltaõ ali os rayos de arteficio
Os tremulos cometas imitando,
Fazem os Bombardeiros seu officio,
O Ceo, a terra, & as ondas atroando
Mostrase dos Cyclôpas o exercicio
Nas bôbas, q de fogo estaõ queimando
Outros có vozes, com q o Ceo ferio
Instrumentos altissonos tangiam.

91

Respondem-lhe da terra juntamente
Co rayo volteando, com zomido
Anda em giros no ar a rôda ardente
Estoutra o pó sulfureo escondido:
A grita se aleuanta ao Ceo, da gente
O Mar se via em fôgos acendido,
E não menos a terra, & assi festeja
Hum ao outro à maneira de peleja

92

Mas já o Ceo inquieto reuoluendo,
gentes incitana a seu trabalho,
já a mãy de Menon a luz trazendo,
o sono longo punha certo atalho:
vãose as sombras lentas desfazendo
sobre as flores da terra, é frio orvalho,
quando o Rey Milindano se embarcau
ver a frota, que no mar estaua.

93

Vãose em derredor feruer as prayas
a gente, que a ver sô concorre leda:
trazem da fina purpura as cabayas,
mostrão os panos da tecida seda:
em lugar de guerreiras azagayas,
do arco, que os cornos arremeda
a Lua, trazem ramos de Palmeira,
e os que vencem, coroa verdadeira.

94

Hũ batel grande & largo, q̃ toldado
vinha de sedas de diuersas cores,
traz o Rey de Melinde, acompanhado
de nobres de seu Reyno, & de senhores:
vem de ricos vestidos adornado,
segundo seus costumes, & primores:
na cabeça hũ fôta guarnecida
d'ouro, & de seda, & d'algozãm tecida.

95

Cabaya de Damasco rico, & fino,
da Tyria cor, entre elles estimada,
um colar ao pescoço de ouro fino,
onde a materia da obra he superada:
d'um resplandor reluze adamantino,
na cinta a rica adaga bem laurada,
nas alparcas dos pês, em fim de tudo
cobrem ouro, & aljofarão veludo.

C A N T O

Cô hũ redondo amparo alto de seda,
 N'ũa alta & dourada hastea enxerido,
 Hum ministro à solar quentura veda,
 q' não offenda, & queime o Rey subido:
 musica traz na proa, estranha, & leda,
 De aspero som, horriſſimo ao ouuido:
 de trombetas arcadas em redondo,
 Que ſem côcerto fazem rudo eſtrondo,

97

Não menos guarnecido o Luſitano
 Nos ſeus bateis da frõta ſe partia
 A receber no mar o Melindano,
 Com luſtroſa, & honrada companhia:
 Veſtido o Gama vê ao modo Hiſpano,
 Mas Franceſa era a roupa, que veſtia,
 De cetim da Adriatica Veneza,
 Carmeſi, cor que a gente tanto preza:

98

De boroẽs d'ouro as mãgas vê tomadas
 Onde o Sol reluzindo a viſta cega:
 As calças ſoldadeſcas recamadas,
 Do metal, que Fortuna a tantos nega:
 E com pontas do meſmo delicadas
 Os golpes do gibaõ ajunta, & achega:
 Ao Italico mudo a aurea eſpada,
 Pruma na gorra, hũ pouco declinada.

99

Nos de ſua companhia ſe mostrava
 Da tinta, que dà o Múrice excellente,
 A varia cor, que os olhos alegrava,
 E a maneira do trajo diferente:
 Tal o fermoſo eſmalte ſe notava,
 Dos veſtidos olhados juntamente,
 Qual aparece o arco rutilante,
 Da bella Nimpha filha de Thaumante

Sonorosas trombetas incitauão
 Os animos alegres resonando.
 Dos Mouros os bateis o mar coalhauão
 Os toldos pelas agoas arrojando:
 As bombardas horrifonas bramauão,
 Com as nuuês de fumo o Sol tomando,
 Ameuda ôse os brados acêdidos, (dos.
 Yapaô co as mãos os Mouros os ouui-

101

Jà no batel entrou do Capitã
 O Rey, que nos seus braços o leuaua,
 Elle coa cortesia, que a razã
 (Por ser Rey) requeria, lhe fallaua:
 C'úas mostras de espãto, & admiraçã
 O Mouro o gesto, & modo lhe notaua,
 Como quẽ em may grãde estima tinha
 Gente, que de tão longe à India vinha.

102

E com grandes palauras lhe offerçe
 Tudo, o q de seus Reynos lhe cóprisse,
 E que se mantimento lhe fallece,
 Como se proprio fosse lho pedisse:
 Dizlhe mais, que por fama bẽ conhece
 A gente Lusitana, sem que a visse:
 Que já ouuio dizer, que noutra terra
 Com gente de sua ley tiuesse guerra.

103

E como por toda Africa se soa,
 Lhe diz os grandes feitos, que fizerão,
 Quando nella ganharão a coroa
 Do Reyno, onde as Hesperidas viuerão:
 E com muitas palauras apregoa
 O menos, que os de Luso merecerao,
 E o mais, que pela fama o rey sabia,
 Mas desta sorte o Gama respondia.

104

C3

O ru

C A N T O

O tu, que sô tiueste piedade,
 Rey benigno, da gente Lusitana,
 Que com tanta miseria, & aduersidade,
 Dos mares exprimenta a furia insana
 Aquella alta, & diuina eternidade,
 q̃ o Ceo reuolue, & rege a gēte humana,
 Pois que de ti tais obras recebemos,
 Te pague o q̃ nos outros não podemos.

105

Tu sô de todos, quātos queima Apollo,
 Nos recebes em paz do mar profundo,
 Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
 Refugio achamos bom, fido, & jocūdo:
 Em quanto apacentar o largo Polo
 As Estrellas, & o Sol der lume ao mundo
 Onde quēr q̃ eu uiuer, cō fama & gloria
 Vuiram teus lououres em memoria.

106

Isto dizendo, os barcos vão remando
 Para a frôta, que o Mouro ver deseja,
 Vão as naos húa, & húa rodeando,
 Porque de todas tudo note, & veja:
 Mas para o Ceo Vulcano fuzilando,
 A frôta co as bombardas o festeja,
 E as trombetas canôras lhe tangião,
 Cos anafis os Mouros respondiaõ.

107

Mas despois de ser tudo já notado
 Do generoso Mouro, que pasmaua,
 Ouindo o instrumento inusitado,
 Que tamanho terror em sy mostraua:
 Mandaua estar quieto, & ancorado
 N'agoa o batel ligeiro, que os leuaua,
 Por fallar deuagar co forte Gama,
 Nas cousas, de q̃ tem noticia, & fama.

108

Em

Em práticas o Mouro differentes,
 Se delectaua, perguntando agora
 Pelas guerras famosas, & excellentes,
 Co pono auídas, que a Mafoma adora:
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hesperia, vltima onde moras
 Agora pelos pòuos seus visinhos,
 Agora pelos humidos caminhos.

109

Mas antes, valeroso Capitão,
 Nos conta, lhe dizia diligente,
 Da terra tua o clima, & regiam
 Do múdo, onde morais distantemente
 E assi de vossa antiga geraçam,
 E o principio do Reyno tam potente,
 Cos successos das guerras do começo,
 Que sem sabelas, fey que são de prego.

110

E assi tambem nos conta dos rodeyos
 Longos, em que té traz o mar ifado,
 Ventio os costumes barbaros alheyos,
 Que à nossa Africa ruda tem criado:
 Conta, q̃ agora vem cos aureos freyos
 Os cauallos, que o carro marchetado
 Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,
 O vêto dorme, o mar, & as ondas jazem.

111

E não menos co tempo se parece
 O desejo de ouirte o que contares:
 Que quem hà, q̃ por fama não conhece
 As obras Portuguezas singulares?
 Não tanto despiado resplandece
 De nos o claro Sol, para julgares,
 Que os melindanos té taó rudo peito,
 Que não estimẽ muito hũ grande feito.

112

C 4

Co-

CANTO

Cometerão soberbos os Gigantes;
Cõ guerra vã, o Olimpo claro, & pure
Tentou Peritho, & Theseo, de ignorâtes
O Reyno de Plutaõ horrêdo, & escuro;
Se ouue feitos no mûdo taõ possantes
Naõ menos he trabalho illustre, & duro
Quanto foy cometer Inferno, & Ceo,
Que outrem cometa a furia de Nerêo.

113

Queimou o sagrado templo de Diana
Do sutil Tesifonio fabricado,
Horostrâto, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, & nomeado:
Se tambem com tais obras nos engana
O desejo de hum nome auentajado,
Mais razãõ he q̃ queira eterna gloria,
Quê faz obras taõ dignas de memoria.

CANTO III.

1



Gora tu Caliope me en-
sina,
O que contou ao Rey o
illustre Gama:
Inspira immortal can-
to, & voz diuina
Neste pelto mortal, que tanto te ama:
Assi o claro inuentor da Medicina,
De quê Orpheo pariste, ó linda Dama,
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothõe
Te negue o amor deuido, como soe.

2

Poem.

Poem tu Nina em effeito meu desejo,
 Como merece a gente Lusitana,
 Que veja & saiba o mundo, que do Tejo
 O licor de Aganipe corre & manar
 Deixa as flores do Pindo, que já vejo
 Banhar ne Apollo na agoa soberana:
 Seraõ direy, que rês algum receo,
 Que se escureça o teu querido Orpheo.

3

Promptos estauaõ todos escuitando,
 O que o sublime Gama contaria,
 Quando, despois d'hũ pouco estar cuidã
 Aleuantando o rosto, assi dizia:
 Mandasme o Rey, que conte declarãdo
 De minha gente a grão genealogia,
 Não me mãas cõtar estranha historiaz
 Mas mãasme louuar dos meus a gloria

4

Que outrẽ possa louuar esforgo alheo,
 Cõsa he, que se costuma, & se deseja:
 Mas louuar os meus proprios arreceo,
 Que louuor tão sospeito mal me este;
 E para dizer tudo, temo, & creio,
 Que qualquer longo tempo curto seja:
 Mas pois o mandas, tudo se te deue,
 Irey contra o que deuo, & serey breue.

5

Alẽ disso, o q̃a tudo emfim me obriga,
 He não poder mentir, no que disser,
 Porque de feitos tais, por mais que diga,
 Mais me hã de ficar inã por dizer:
 Mas porque nisto a ordem leue & siga,
 Segundo o que delejas de saber,
 Primeiro tratarey da larga terra,
 Despois direy da sangniosa guerra.

6

C5

En-

Entre a Zona, q̃ o Cancro senhorea,
 Mèta Septentrional do Sol luzente,
 E aquella, que por fria se arrecea
 Tanto, como a do meyo por ardente;
 Faz a soberba Europa, a quem rodea,
 Pela parte do Arcturo, & do Occidente,
 Com suas falsas ondas o Occeano,
 E pela Austral o mar Mediterraneo.

7

Da parte, dõde o dia vem nascendo,
 Com Asia se auizinha, mas o Rio,
 Que dos môtes Rhipheos vay corrédo,
 Na alagoa Meotis, curuo & frio
 As diuide: & o mar, q̃ fero, & horrendo
 Vio dos Gregos o irado senhorio,
 Onde agora de Troya triunfante
 Não vê mais q̃ a memoria o nauegante.

8

Là, onde mais debaxo està do Polo,
 Os montes Hyperboreôs aparecem,
 E aquelles, onde sempre sopra Eolo,
 E co nome dos sopros se ennobrecem:
 Aqui tam pouca força tem de Apollo
 Os rayos, ique no mundo resplâdecem,
 Que a neve està contino pelos montes,
 Gelado o mar, geladas sempre as fôrtes.

9

Aqui dos Scythas grande quantidade
 Viuem, que antigamente grande guerra
 Tiuerão sobre a humana antiguidade,
 Cos que tinhaõ entaõ a Egypcia terra
 Mas quem tam fôra estaua da verdade
 (Ia que o juyzo humano tanto erra)
 Para que do mais certo se informára,
 Ay campo Damasceno o perguntára.

Agora nestas partes se nomea
 A Lapia fria, a inculta Noruéga,
 Escandinavia ilha, que se arrea
 Das victorias, que Italia não lhe nega:
 Aqui, em quanto as agoas não reírea
 O congelado Inuerno, se nauega
 Hum braço do Sarmatico Oceano
 Pelo Brusio, Suecio, & frio Dano.

11

Entr' este Mar, & o Tanais viue estranha
 Gente, Ruthenos, Moscos, & Liunionos,
 Sarmatas outro tempo, & na mótanha
 Hircinia, os Marcomãos são Polonios:
 Sugeitos ao Imperio de Alemanha,
 Sam Saxones, Boemios, & Panonios,
 E outras varias nações, q' o Reno frio
 Lava, & o Danúbio, Amasis, & Albis Rio.

12

Entre o remoto Istro, & claro estreito,
 Aonde Helle deixou co nome a vida,
 Estaõ os Thraces de robusto peito,
 Do fero Marte, patria tam querida;
 Onde co Hëmo, o Rhodope sugeito
 Ao Otomano està, que sometida
 Bizancio tem a seu seruiço indino;
 Boa injuria do grande Constantino.

13

Lògo de Macedonia estão as gentes,
 A quem lava do Axio a agoa fria:
 E vos tamhem, ò terras excellentes,
 Nos costumes, engenhos, & ousadia,
 Que criastes os peitos eloquentes,
 E os juizos de alta fantasia,
 Cõ que tu clara Grecia o ceo penetras,
 E não menos por armas, q' por letras.

14

C6

Lògo

CANTO

Lògo os Dalmatas viuê, & no seyo,
 Onde Anténor já muros leuantou,
 A loberba Veneza está no meyo
 Das agoas, que tam baixa começou:
 A terra, hū braço vê ao mar, q̃ cheyo
 De esforço, nações varias fogeitou,
 Braço forte de gente sublimada,
 Não menos nos engenhos, q̃ na espada.

15

Entorno o cerca o Reydo Neptunino,
 Os muros naturais por outra parte;
 Pelo meyo o diuide o Apenino,
 Que tam illustre fez o patrio Marte:
 Mas despois que o porteiro stê diuino,
 Verdêdo o esforço veyo, & bellica arte:
 Sobre está já da antiga potestade,
 Tanto Deos se contenta da humildade.

16

Gallia ali se verà, que nomeada
 Dos Cefareos triumphos foy no mundo,
 Que do Sequana, & Rhòdano he regada,
 Do Garumna frio, & Rhone fundo:
 Logo os montes da Nimpia sepultada,
 Tyrene, se aleuantão, que segundo
 Antiguidades contaõ, quando arderão
 Rios d'ouro, & de prata então corçeraõ.

17

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
 Como cabeça ali de Europa toda,
 Em cuio senhorio & gloria estranha,
 Muitas voltas tem dado a fatal roda:
 Mas nunca poderà có força, ou manha
 A fortuna inquieta pòrlhe noda,
 Que lha não tire o esforço & ousadia
 Dos bellicosos peitos, que em sy cria.

18

Com

Có Tingitania entesta, & ali parece
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,
 Onde o sabido estreito se ennobrece,
 Co extremo trabalho de Thebano:
 Com nações diferentes se engrandece,
 Cercadas com as ondas do Oceano,
 Todas de tal nobreza, & tal valor,
 Que qualquer dellas cuida q̃ he melhor

19

Tem o Tarragonez, que se fez claro,
 Sujeitando Parténope inquieta,
 O Nauarro, as Asturias, que reparo
 Já foraõ contra a gente Mahometa;
 Té o Galego cauto, & o grande & raro
 Castelhana, a quem fez o seu Planeta,
 Restituidor d'Esanha, & senhor della,
 Bethis, Liaõ, Granada, com Castella.

20

Eis aqui quasi cume da cabeça
 De Europa toda, o Reyno Lusitano,
 Onde a terra se acaba, & o mar começa,
 E onde Phebo repousa no Oceano:
 Este quis o Ceo justo, que floresça
 Nas armas, contra o torpe Mauritano,
 Deitandoo de sy fora, & lá na ardente
 Africa estar quieto o nam consente.

21

Esta he a ditosa patria minha amada,
 Aa qual se o Ceo me dà, q̃ eu sê perigo
 Torne, com esta empresa ja acabada,
 Acabese esta luz ali comigo:
 Esta foy Lusitania diriuada,
 De Luso, ou Lyfa, q̃ de Baccho antigo
 Filhos foraõ parece, ou cõpanheiros,
 E nella entam os Incolas primeiros.

C A N T O

Desta o Pastor nasceo, q̃ no seu nome
 Se vê, que de homẽ forte os feitos teue,
 Cujã fama ninguem virã, que dome,
 Pois a grande de Roma não se atreut:
 Esta o velho, q̃ os filhos proprios come
 Por decreto do Ceo ligeiro, & lene,
 Veo a fazer no mundo tanta parte,
 Criãdoã Reyno illustre, & foi dest'arte.

23

(nha,

Hũ Rey, por nome Affõso, foy na Espa-
 Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
 q̃ por armas sãguineas, forçã & manha,
 A muitos fez perder a vida, & terra:
 Voando deste Rey a fama estranha,
 Do Herculãno Calpe à Caspia ferra,
 Muitos (para na guerra esclarecerse)
 Vinhaõ a elle, & á morte offerecerse.

24

E com hũ amor intrinseco acendidos
 Da Fè, mais que das honras populares,
 Erãõ de varias terras cõduzidos, (res
 Deixãdo a patria amada, & proprios li
 Despois que em feitos altos & subidos,
 Se mostrarão nas armas singulares,
 Quis o famoso Affonso, que obras tais,
 Leua sem premio digno, & doẽs iguais.

25

Destes Henrique dizem, que segundo
 Filho d'hũ Rey de Vngria exprimẽtado,
 Portugal ouue em sorte, que no mundo
 Entã não era illustre, nem prezado:
 E para mais final d'amor profundo,
 Quis o Rey Castelhana, que casado
 Com Teresa sua filha o Conde fosse,
 E com ella das terras tomou posse.

26

Est

Este depois que cõtra os descendentes
Da escraua Agãr victorias grãdes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deue:
Em premio destes feitos excellentes,
Deulhe o supremo Deos em tẽpo breue
Hũ filho, que illustrasse o nome vſano
Do bellicosõ Reyno Lusitano.

27

Ia tinha vindo Henrique da conquista
Da Cidade Hyerosolima sagrada,
E do Iordaõ a area tinha vista,
Que vio de Deos a carne em sy lauada;
Que não tendo Gotfredo a quẽ resistia,
Depois de ter Iudẽa sojugada,
Muitos, que nestas guerras o ajudaraõ,
Para seus senhorios se tornaraõ.

28

Quando chegado ao fim de sua idade
O forte & famoso Vngaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O sprito deu, a quem lho tinha dado:
Ficaua o filho em tenra mocidade,
Em quem o pay deixaua seu trassador:
Que do mudo os mais fortes igualaua,
Que de tal pay tal filho se esperaua.

29

Mas o velho rumor, não sey se errado
(q̃ é tanta antiguidade não ha certeza):
Conta, q̃ a mãy tomando rodo o estado
Do segundo Hymenẽo: não se despreza
O filho orfão deixaua desherdado,
Dizendo, que das terras a grandeza,
E o senhorio todo sã seu era,
Porque para salar seu pay lhas dera.

Mas o Principe Affonso, que desta arte
 Se chamaua, do Auò tomando o nome,
 Vendose em luas terras não ter parte,
 Qa mãy có seu marido as mãda & come
 Feruendolhe no peito o duro Marte,
 Imagina consigo como as tome,
 Reuoluidas as cousas no conceito,
 Ao propósito firme segue o effeito.

31

De Guimaraës o campo se tingia
 Co sangue proprio da intestina guerra,
 Onde a mãy, que tam pouco o parecia,
 A seu filho negaua o amor, & a terra;
 Có elle posta em campo já se via,
 E não vé a soberba o muito que erra
 Contra Deos, cõtra o maternal amor,
 Mas nella o sensual era mayor.

32

O Progne crua, ò mágica Medéa,
 Se em vossos propios filhos vos vingais
 Da maldade dos pays, da culpa alhea,
 Olhay que inda Teresa pecca mais:
 Incontinencia ma, cubiça fea,
 São as causas deste erro principais:
 Scylla por hũa mata o velho pay,
 Esta por ambas contra o filho vay.

33

Mas já o Principe claro, o vencimento
 Do padraсто & da inica mãy leuaua,
 Já lhe obedecê a terra num momento,
 Que primeiro contra elle pelejaua:
 Porem vencido de ira o entendimento,
 A mãy em ferros asperos ataua,
 Mas de Deos foi vingada e tẽpo breue,
 Tanta veneração aos pays se deue.

Eis! se ajunta o soberbo Castelhana,
Para vingar a injuria de Teresa,
Contra o tam raro em gente Lusitano,
A quẽ nenhũ trabalho agrava, ou pesa:
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da Angelica defesa,
Nãõ sãõ contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

35

Nãõ passa muito tẽpo, quando o forte
Principe em Guimaraẽs estã cercado,
De infinito poder, que desta sorte
Foy refazerse o imigo magoado.
Mas com se offerrecer à dura morte,
O fiel Egas amo, foy liurado,
Que de outra arte podẽra ser perdido,
Segundo estaua mal apercebido.

36

Mas o leal vassallo conhecendo,
Que seu senhor nãõ tinha resistencia,
Se vay ao Castelhana, prometendo
Que elle faria darlhe obediencia:
Leuanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, & consciencia
D'Egas Moniz: mas nãõ cõsente o peito
Do moço illustre, a outrem ser sogeito.

37

Chegado tinha o prazo prometido,
Em q o Rey Castelhana jã aguardaua,
Que o Principe a seu mando sometido,
Lhe desse a obediencia, que esperaua:
Vendo Egas, que ficaua fementido,
O que delle Castella nãõ cuydaua,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palaura mal cõmprida.

C A N T O

E com seus filhos & mulher se parte
A aleuantar cõ elles a fiança,
Descalços, & despídos, de tal arte,
que mais mõe a piedade q̃ avingança
Se pretendes Rey alto de vingarte,
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido,
Ate pagar co a vida o prometido.

39

Ves aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, & da cõsorte
Se a peitos generosos, & excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte: (te
Ves aqui as mãos, & a lingua delinque
Nellas sós exprimenta toda sorte
De tormentos de mortes pelo estillo
De Scinis, & do touro de Perillo.

40

Qual diante do algoz o condenado,
Que jà na vida a morte tem bebido,
Poẽ no cepo a gargãta, & jà entregado
Espera pelo golpe tam temido:
Tal diante do Principe indignado
Egas estaua a tudo offerecido:
Mas o Rey vendo a estranha lealdade
Mais pode emfim, que a ira, a piedade

41

ò gram fidelidade Portuguesa,
De vassallo, que a tanto se obrigaua,
q̃ mais o Persa fez naquella empresa,
Onde rosto & narizes se cortaua?
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo. suspiraua,
Que mais o seu Zopyro saõ prezara,
Que vinte Babilonias, que tomara,

Mas já o Principe Affonso aparelhava
 O Lusitano exercito ditoso,
 Contra o Mouro, q as terras habitava
 D'alem do claro Tejo deleitoso:
 Já no campo de Ourique se assentava
 O arrayal soberbo, & bellicoso,
 Defronte do inimigo Sarraceno,
 Posto q em força, & gēte tão pequeno.

43

Em nenhũa outra cousa confiado,
 Senão no summo Deos, q o Ceo regia,
 Que tampouco era o pouo bautizado,
 Que para hum sō cem Mouros aueria:
 Julga qualquer juyzo sossegado,
 Por mais temeridade, que ousadia,
 Cometer hum tamanho ajuntamento,
 Que para hũ caualleiro ouuesse cento.

44

Cinco Reys Mouros são os inimigos,
 Dos quais o principal Ismár se chama,
 Todos exprimentados nos perigos
 da guerra, óde se alcãça a illustre fama:
 Seguem guerreiras Damas seus amigos,
 Imitando a fermosa & forte Dama,
 De quẽ tanto os Troyanos se ajudarão,
 E as que o Termodonte já goitirão.

45

A matutina luz serena, & fria,
 As Estrellas do Pollo já apartava,
 Quando na Cruz o Filho de Maria,
 Amostrandose a Affonso, o animava:
 Elle adorando quem lhe apparecia,
 Na Pé todo inflamado así gritava:
 Aos infieis, Senhor, aos infieis,
 E não a mi, que creyo o que podeis.

C A N T O

Com tal milagre, os animos da gente
Portuguesa, inflamados leuantauão,
Por seu Rey natural, este excellente
Principe, que do peito tanto amaua
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o ceo tocuaõ,
Dizendo em alta voz, real, real,
Por Affonso alto Rey de Portugal.

47

Qual cos gritos & vozes incitado
Pela montanha o ràbido Molofo,
Contra o Touro remete, que fiado
Na força esta do corno temeroso:
Ora pèga na orelha, ora no lado,
Latindõ mais ligeiro, que forçoso,
Atè q emfim rompêdolhe a garganta,
Do brauo a força horrêda se quebrã

48

Tal do Rey nouo, o estamago acêdido,
Por Deos & pelo pouo junramente,
O barbaro comete apercebido,
Cõ o animoso exercito rompente:
Leuantã nisto os perros o alarido
Dos gritos, tocam a arma, ferue a gita
As lanças & arcos tômaõ, tubas soaõ,
Instrumentos de guerra tudo atroaõ.

49

Bem como quando a flama, que ateadã
Foy nos àridos campos (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co vèto, o seco mato vay queimando:
A pastoral companhia, que deitada
Co doce sono estaua, despertando,
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, & foge para a aldea.

Deſta arte o Mouro, atonito & toruado
 Toma ſem têtto as armas mui depreſſa,
 Não foge, mas eſpera conſiado,
 E o ginete belligero arremeffa:
 O Portuguez o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atraueſſa:
 Hũs cãem meynos mortos, & outros vão
 A ajuda conuocando do Alcorzô.

51

Ali ſe vem encontros temeroſos,
 Para ſe deſfazer hũa alta ſerra,
 E os animais correndo furioſos,
 q̃ Neptuno a moſtrou, terindo a terra;
 Golpes ſe dão medonhos, & forçoſos,
 Por toda a parte ádaua acesa a guerra;
 Mas o de Luſo arnez, couraça & malha,
 Rompe, corta, deſfaz, abolla & talha.

52

Cabeças pelo campo vão ſaltando,
 Braços, pernas, ſem dono & ſe ſentido,
 E doutros as entranhas palpitando,
 Pallida a cor, o geſto amorticido;
 Já perde o campo o exercito nefando,
 Correm rios do ſangue deſparzido,
 Com q̃ também do câpo a cor ſe perde,
 Tornado carmeſi, de branco & verde.

53

Já fica vencedor o Luſitano,
 Recolhendo os trofeos & prela rica,
 Deſbaratado & roto o Mauro Hiſpano,
 Tres dias o gram Rey no campo fica;
 Aqui pinta no branco eſcudo vſano,
 Que agora eſta victoria certifica,
 Cinco eſcudos azuis eſclarecidos,
 Em ſinal deſtes cinco Reys vencidos.

E nestes cinco escudos pinta os trinta
 Dinheiros, porque Deos fora vendido,
 Escreuendo a memoria em varia tinta
 Daquelle, de quem foy fauorecido;
 Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
 Porque assi fica o numero cumprido,
 Contando duas vezes o do meyo,
 Dos cinco azuis, q̃e Cruz pintado veyo.

55

Passado já algum tempo, que passada
 Era esta gram victoria, o Rey subido
 A tomar vay leiria, que tomada
 Fora, muy pouco auia, do vencido;
 Com esta a forte Arronches sojugada
 Foy juntamete, & o sepre ennóbrecido
 Scabelicastro, cujo campo ameno,
 Tu claro Tejo, regas tam sereno.

56

A estas nobres villas sometidas,
 A junta taõbẽ Mafra, em pouco espaço,
 E nas serras da Lúa conhecidas,
 Sojuga a fria Sintra o duro braço;
 Sintra, onde as Nayades escondidas
 Nas fontes, vaõ fugindo ao doce laço,
 Onde Amor as enreda brandamente,
 Nas agoas acendendo fogo ardente.

57

E tu nobre Lisboa, que no mundo
 Facilmente das outras es Princeza,
 Que edificada foy do facundo,
 Por cujo engano foy Dardania acesa;
 Tu a quem obedece o mar profundo,
 Obedeceste à força Portuguesa,
 Ajudada tambem da forte aimada,
 Que das Boreais partes foy mandada.

Là do Germanico Albis, & do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o pouo Sarraceno,
Muitos cõ tẽgaõ sanõta eraõ partidos;
Entrando a boca jà do Tejo ameno,
Cõ o arrayal do grãde Affonso vnidos,
Cuja alta fama entãõ subia aos ceos,
Foy posto cerco aos muros Vlissecos.

59

Cinco vezes a Lũa se escondera,
E outras tãtas mostrãra cheyo o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendera,
Ao duro cerco, que lhe estaua posto;
Foy a batalha tam sanguina & fera,
Quanto obrigaua o firme presuposto,
De vencedores asperos, & ouzados,
E de vencidos jà desesperados.

60

Desta arte emfim tomada se rendeo
Aquel a, que nos tempos jà passados
Aa grande força nunca obedeceo,
Dos frios pẽuos Scythicos ouzados;
Cujo poder a tanto se estendeo,
q̃ o Ibero ovio, & o Tejo amedrõtados;
E emfim cõ Bethis tãto algũs podẽraõ,
Que à terra de Vandalia nome dẽraõ.

61

Que Cidade tam forte por ventura
Auerà, que resista, se Lisboa
Nãõ pode resistir à força dura
Da gente, cuja fama tanto voa;
Iã lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alanquer, por onde soa
O tó das frescas agoas entre as pedras,
q̃ murmurando lava, & Torres vedras.

62

E

C A N T O

Evòs também, ò terras transtaganas,
Affamadas co dom da flaua Ceres,
Obedeceis às forças mais q humanas,
Entregádohe os muros, & os poderes;
E tu, laurador mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Q Eluas, & Moura, & Serpa conhecidas,
E Alcaçare do sal, estam rendidas.

63

Eis a nobre Cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argento
Vem sustètar de lóge a terra, & a gente,
Pelos arcos reaes, que cento & cento
Nos ares se alevantaó nobremente,
Obedeceo, por meyo & ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

64

Iâ na Cidade Beja vay tomar
Vingança de Trancofo destruida,
Affonso, que não sabe sossegar,
Por estender co a fama a curta vida;
Não se lhe pôde muito sustentar
A Cidade, mas sendo ja rendida,
Em toda a cousa viua, a gente irada
Prouando os fios vay da dura espada.

65

Com estas sojugada foy Palmella,
E a piscofa Cizimbra, & juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente;
sentio o a Villa, & vio a serra della,
Que a socorrella vinha diligente,
Pela fralda da serra descuydado,
Do temeroso encontro inopinado,

66

O Rey de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros pioës, darmas & d'ouro
Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:
Mas qual no mes de Mayo o brauo tou-
cos ciumes de vaca arreceosos, (ro
Sentindo gente, bruto. & cego amante
Saltea o descuydado caminhante.

67

DeSta arte Affonso, subito mostrado,
Na gente dà, que passa bem segura,
Fere mata, derriba denodado,
Foge o Rey Mouro, & sô da vida curar
D'hû panico terror todo assombrado,
Sò de seguillo o exercito procura;
Sendo estes, que fizeraô tanto aballo
No mais, que só sessenta de cavallo.

68

Logo segue a victoria sem tardança
O gram Rey incançavel, ajuntando
Gentes de todo o Reyno, cuja viança
Era andar sempre terras conquistando:
Cercar vay Badajoz, & logo alcança
O fim de seu desejo pelejando.
Com tanto esforço & arte: & valentia,
Que a fez fazer às outras companhia.

69

Mas o alto Deos, q para longe guarda
O castigo daquelle, que o merece,
Ou para q se emende às vezes tarda,
Ou por segredo, q homê não conhece:
Se atequi sepre o forte Rey resguarda
Dos perigos, a que elle se offerece,
Agora lhe não deixa ter defesa,
Da maldiçãô da gnây, que estava presa!

70

D

Que

C A N T O

Que estando na Cidade, que cercara
Cercado nella foy dos Leoneses,
Porque a conquista della lhe tomara,
De Leão sendo, & não dos Portuguezes
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muytas vezes,
Q' é ferros quebra as peinas, indo acôr
Aa batalha, onde foy vencido & preso

71

O famoso Pompeyo não te pene
De teus feitos illustres a ruyna,
Nem ver, que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria dina:
Posto que o rio Phasis, ou Syene,
Q' pera nenhũ cabo a sombra inclina,
O Beotes gellado, & a linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente.

72

Poisto q' a rica Arabia, & que os feroes
Eniocos, & Colchos, cuja fama
Oveo dourado estêde: & os Capadoces
E Indea, que hũ Deos adora & ama:
E que os molles Sophenos, & os atroos
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As águas dos dous rios, cuja fonte
Estã noitro mais alto & sancto monte

73

E posto enfim q' desdo mar de Athlã
Ate o Scythico Tauro, monte erguido
Jã vencedor te vissem, não te espante,
Se o campo Emathio fôr te vio vencido
Porq' Affonso veras soberbo & ouante
Tudo render, & ser despois rendido:
Assi o quis o conselho alto, celeste,
Que vença o sogro a ti, & o gẽro a este

74

To

Tornado o Rey sublime finalmente
Do diuino luyzo castigado,
Despois q̃ em Santarem soberbamente
Em vaó dos Sarracenos foy cercado:
E despois que do Martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado,
Do sacro promontorio conhecido,
Aa Cidade Vlisiea foy trazido.

75

Porque leuasse auante seu dese.o,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alentejo,
Com gente, & co belligero aparelho;
Sancho, d'esforço, & d'animo sobejo,
Auante passa, & faz correr vermelho
O rio, que Seuilha vay regando,
Co sangue Mauro, barbaro & nefando.

76

E com esta victoria cobiciosa,
Ia não descança o mogo ate que veja
Outro estrago, como este, temeroso
No barbaro, que tem cercado Beja;
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo, que deseja;
Assi esfragado o Meuro, na vingança
De tantas perdas poem sua esperança.

77

Ia se ajuntão do mûte, a quem Medusa
O corpo fez perder, que teue o Ceo;
Ia vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge, que assento foy de Anteo;
O morador de Abila não se escusa,
Que tam bẽ com suas armas se moueo,
Ao som da Mauritana & ronca tuba,
Todo o Reyno, que foy do nobre Iuba.

C A N T O

Entrava com toda esta companhia
O Miralmomini em Portugal,
Treze Reis Mouros leua de valia,
Entre os quais tem o sceptro imperial
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vay cercar em Santarem
Porem não lhe socede muito bem.

79

Dalhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil, o Mouro iroso,
Não lhe aproneita ja trabuco horrêdo
Mina secreta, Ariete forçoso;
Porq o filho de Afonso, não perdendo
Nada do esforço, & acordo generoso
Tudo prouê com animo & prudencia
Q' toda a parte ha esforço & resistencia

80

Mas o velho, a quem tinhaõ ja obriga
Os trabalhosos annos ao sossego,
Estando na Cidade, cujo prado
Enverdecem as agoas do Mondego;
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarem, do Mauro pouo cego,
Se parte diligente da Cidade,
Que não perde a presteza cõ a idade

81

E co a famosa gente à guerra usada,
Vay socorrer o filho, & assi ajuntados
A Portuguesa furia costumada,
Em breue os Mouros tẽ desbaratados
A campina, que toda està qualhada
De mariotas, capuzes variados,
De cavalloos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos chea fica.

82

10

Logo todo o restante se partio
 De Lusitania, postos em fugida,
 O Miralmomini sô não fugio,
 Porque antes de fogir lhe fuge a vida.
 A quem lhe esta victoria permitio,
 Daõ louuorés & graças sem medida;
 Que em casos taõ estranhos claramête
 Mais peleja o fauor de Deos q̃ a gente.

83

De tamanhas victorias triumphaua
 O velho Affonso, Principe subido,
 Quãdo, quẽ tudo é invencêdo andaua,
 Da larga, & muita idade foy vencido.
 A palida doença lhe tocava
 Com fria mão o corpo enfraquecido;
 E pagaraõ seus annos deste geito
 Aa triste Libitina sen direito.

84

Os altos promontorios o choraraõ,
 E dos rios as agoas faudosas
 Os semeados campos alargaraõ,
 Com lagrimas correndo piedosas;
 Mas tanto pelo mundo se alargaraõ
 Com fama suas obras valerosas,
 Que sempre no seu Reyno chamaraõ
 Affonso, Affonso os eccos, mas em vaõ.

85

Sancho forte mancebo, que ficára
 Imitando seu pay na valentia,
 E que em sua vida ja se exprimentara,
 Quando o Bethis de sangue se tingia;
 E o barbaro poder desbaratara
 Do Ismaelita Rey de Andaluzia;
 E mais quando osq̃ Beja évão cercaraõ
 Osgolpes de sen braço emsy prouaraõ.

86

D3

Des-

C A N T O

Depois que foy por Rey aleuantado,
 Auendo poucos annos que reynaua,
 A Cidade de Silues tem cercado,
 cujos campos o barbaro lurrara;
 Foy das valentes gentes ajudado,
 Da Germanica armada, que passaua,
 De armas fortes & gente apercebida,
 A recobrar Iudea ja perdida.

87

Passauaõ a ajudar na sancta empresa
 O roxo Frederico, que moueo
 O poderoso exercito, em defesa
 Da Cidade, onde Christo padeceo;
 Quando Guido co a gente em sede accio
 Ao grande Saladino se rendeo
 No lugar, onde aos mouros sobejanaõ
 As agoas, que os de Guido desejaõ.

88

Mas a fermosa armada, que viera,
 Por contraste de vento, àquella parte
 Sancho quis ajudar na guerra fera,
 Ia que em seruiço vay do sancto Marte
 Assim como a seu pay acontecera,
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte
 Do Germano ajudado, Silues toma,
 E o braue morador destrue, & doma.

89

E se tantos tropheos do Mahometa
 Aleuantando vay, tambem do forte
 Leonès não consente estar quieta
 A terra vsada aos casos de Manorte;
 Ate que na ceruiz seu jugo meta
 Da soberba Tui, que a mesma sorte
 Vio ter a muitas villas suas vizinhas,
 E por armas tu Sâcho humildes tinhas.

Mas entre tantas palmas ralteado
 Da temerosa morte, fica herdeiro
 Hum filho seu de todos estimado,
 q̃ foy segundo Affonso, & Rey terceiro.
 No tẽpo deste aos Mouros foy tomado
 Alcaçare do sal por derradeiro;
 Porque d'antes os Mouros o tomaraõ,
 Mas agora estruidos o pagaraõ.

91

Morto despois Affonso lhe succede
 Sancho segundo, manso & descuydado,
 Que tãto ẽ seus descuydos se desmede,
 Que d'outrẽ, que mãdava, era mãdado.
 De gouernar o Reyno, que outro pede,
 Por causa dos priuados, foy priuado,
 Porque como por giles se regia,
 Em todos os seus vicios consentia.

92

Não era Sancho não tam deshoneſto
 Como Nero, que hum moço recebia
 Por molher, & despois horrẽdo incesto
 Com a mãy Agripina comeria.
 Nem tam cruel às g̃ntes, & moleſto,
 Que a Cidade queimasse onde viuia;
 Nem tam mao como foy Heliogabãlo,
 Nem como o molle rey Sardanapãlo.

93

Nem era o pouo seu tiranizado
 Como Sicilia foy de seus tyranos,
 Nem tinha como Phalaris achado
 Gencro de tormentos inhumanos.
 Mas o Reyno de altiuo, & coſumado
 A ſenhores em tudo ſoberanos,
 A Rey não obedece, nem consente,
 Que não ſor mais que todos excellẽte.

C A N T O

Por esta causa o Reyno governou
O Conde Bolonhês, despois alçado
Por Rey, quando da vida se apartou
Seu irmão Sãcho, sempre ao ocio dado
Este Affonso o Terceiro se chamou,
E desque teue o Reyno segurado,
Em dilatálo cuida, que em terreno,
Não cabe o altiuo peito, tão pequen

95

Da terra dos Algarues, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupêra co braço, & deita fóra
O Mouro mal querido ja de Marte.
Este de todo fez liure, & senhora
Lusitania, com força, & bellica arte;
E acabou de oprimir a nação forte
Na terra, q' aos de Luso coube em sor

96

Eis despois vem Diniz, que bem par
Do brauo Affôso estirpe nobre & dir
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Cô este o Reyno prospero floresce,
(Alcançada ja a paz aurea, diuina)
Em constituições, leys & costumês,
Na terra ja tranquilla claros lumes

97

Fez primeiro em Coimbra exercitar
O valeroso officio de Minerva,
E de Helicon as Musas fez passar
A pisar de Mondego a fertil herua.
Quanto pode de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui referua
Aqui as capellas dâ tecidas de ouro
Do Baccaro, & do sempre verde Lor

98

Nobres vilas de nouo edificou,
 Fortalezas, castellos muy seguros,
 E quasi o Reyno todo reformou,
 Com edificios grandes, & altos muros:
 Mas de pois q' a dura Atropos cortou,
 O fio de seus dias ja maduros,
 Ficou lhe o filho pouco obediente,
 Quarto Affonso, mas forte & excelête

99

Este sempre as soberbas Castellhanas,
 Cõ peito desprezou firme & sereno,
 Porque não he das forças Lusitanas
 Temer poder maior por mais peqno.
 Mas porê quando asgentes Mauritana
 A possuir o Hiperico terreno,
 Entraraõ pellas terras de Castella,
 Foy o soberbo Affonso a socorrella.

100

Nunca com Semicamis gente tanta
 Veo os campos Hidaspios enchendo,
 Nem Atila, que Italia toda espanta,
 Chamandose de Deos aqoute horreado,
 Gottica gente trouxe tanta, quanta
 Do Sarraceno barbaro estupendo,
 Co poder excessiuo de Granada,
 Foy nos campos Tartesios ajuntada.

101

E vendo o Rey sublime Castellhano
 A força inexpugnael, grande & forte,
 Temendo mais o fim do pouo Hispano
 Ia perdido hũa vez, q' a propria morte
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
 Lhe mandaua a carissima consorte,
 Mulher de que a manda, & filha amada
 Daquelle, a cujo Reyno foi mandada.

102

D 5

En -

CANTO

Entraua a fermosissima Maria
 Pelos Paternais paços sublimados,
 Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados.
 Os cabellos angelicos trazia
 Pelos eburneos hombros espalhados,
 Diante do Pay ledo, que a agasalha,
 Estas palauras tais chorando espalha,

103

Quantos pòuos a terra produzio
 D'Africa toda, gente fera & estranha,
 O gram Key de Marròcos conduzio
 Para vir possuir a nobre Espanha.
 Poder tamanho junto não se vio
 Depois q' o falso mar a terra banha;
 Trazem ferocidade, & furor tanto,
 q' a viuos medo, & a mortos faz espâta

104

Aquelle, que me deste por marido,
 Por defender sua terra amedrontada,
 Co pequeno poder, offerecido
 Ao duro golpe está da Maura espada;
 E se não for contigo socorrido, (da
 Vernehas delle) & do Reyno ser priua
 Viua triste, & posta em vida escura,
 Sem marido, sem Reino, & sem vêtura,

105

Por tanto, ò Rey, de quẽ có puro medo
 O corrente Mulica se congella,
 Rompe toda a tardança, acude cedo
 Aa miseravel gente dẽ Castella.
 Se esse gesto, que mostras claro & ledo
 De pay o verdadeiro amor effella:
 Acude & corre pay, que se não corres,
 Pode ser que não aches, quẽ socorres.

106

Nã

Não de outra sorte a tímida Maria
 Fallando está, q' a triste Venus, quando
 A Iúpter seu pay fauor pedia,
 Para Eneas seu filho, nauegando:
 Que a tanta piedade o cómoia,
 Que caído das mãos o rayo infando,
 Tndo o clemente Padre lhe concede,
 Pelsandolhe do pouco, que lhe pede.

107

Mas ja cos esquadrões da gēte armada
 Os Eborenses campos vam qualhados,
 Lustra cosol o arnès, a lança, à espada.
 Vam rinchando os cauallos jaezados:
 A canõra trombeta embandeirada
 Os corações à paz acostumados,
 Vay às fulgentes armas incitando,
 Pelas concauidades retumbando.

108

Entre todos no meyo se sublima,
 Das insignias Reais acompanhado
 O valeroso Affonso, que por cima
 De todos, leua o collo aleuantado:
 E sómente co gesto esforça & anima
 A qualquer coração amedrontado;
 Assim entra nas terras de Castella,
 Com a filha gentil Raynha della.

109

Juntos os dous Affonsos finalmente
 Nos campos de Tarifa, estam defronte
 Da grande multidão da cega gente,
 Pera qué são pequenos cāpo & monte:
 Não ha peito tão alto & tão potente,
 Que de desconfiança não se afronte,
 Em quanto não conheça, & claro veja,
 Que co braço des seus Christo peleja.

Estam de Agar os netos quasi rindo,
 Do poder dos Christãos fraco & peqño,
 As terras como suas repartindo
 Antemão, entre o exercito Agareno,
 Que com titulo falso possuindo
 Está o famoso nome Sarraceno;
 Assim tambem com falsa conta & nua,
 Aa nobre terra alhea chamaõ sua.

III

Qual o membrudo & barbaro Gigante,
 Do Rey Saul com causa tam temido,
 Vendo o Pastor iderme estar diante,
 Só de pedras & esforço apercebido:
 Com palauras soberbas arrogante,
 Despreza o fraco moço mal vestido,
 Que rodeando a funda o defengana,
 quão mais pode a fê, q a força humana

III

Desta arte o Mouro perfido despreza
 O poder dos Christãos, & não entende,
 Que está ajudado da alta fortaleza,
 A quem o Inferno horrifico se rende:
 Cõ ella o Castelhana, & com destreza,
 De Marrocos o Rey co nete & offende;
 O Portugues, q tudo estima em nada,
 Se faz temer ao Reyno de Granada.

III

Fis as lanças, & espadas reteniãõ
 Por cima dos arneses, brauo estrago,
 Chamão (segũdo as leys q ali seguiãõ)
 Hũs Matamede, & outros Sanctiago:
 Os feridos com grita o Ceo feriaõ,
 Fazendo de seu sangue bruto lago,
 Onde outros meos mortos s'afogauãõ,
 Quando do ferro as vidas escapauãõ.

Com esforço tamanho estrue, & mata
 O Luso ao Granadil, q̃ em pouco espaço
 Totalmente o poder lhe desbarata,
 Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:
 De alcançar tal victoria tam barata,
 Inda não bem contente o forte brago,
 Vay ajudar ao brauo Castelhana,
 Que pelejando està co Mauritano.

115

Ia se hia o Sol ardente recolhendo
 Para a casa de Thetis, & inclinado
 Para o Ponente o vespero trazendo,
 Estaua o claro dia memorado: (rêdo
 Quão do poder do mouro grãde, & hor
 Foi pelos fortes Reys desbaratado,
 Com tanta mortandade, q̃ a memoria
 Nũca no mũdo vio tam grão victoria.

116

Naõ matou quarta parte o forte Mario
 Dos que morreraõ neste vencimento,
 Quão as agoas co sangue do aduersa-
 Fez beber ao exercito sedento: (rio
 Nem o Peno asperissimo contrario
 Do Romano poder de nascimento,
 Quando tãtos matou da illustre Roma,
 Q̃ alqueires tres de aneis dos mortos to

117

(ma.

E se tu tantas almas so podesse
 Mandar ao Reyno escuro do Cocito,
 Quando a sancta Cidade desfizeste
 Do pouo pertinaz no antigo rito:
 Permissãõ, & vingança foy celeste,
 E naõ força de brago. O nobre Tito,
 Que assi dos Vates foy profetizado,
 E depois por IESV certificado.

118

D 7

Pas-

CANTO

Passada esta tam prospera victoria,
Tornado Affonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
ô caso triste, & dino de memoria,
Que do sepulchro oshomês desenterra
Aconteceo da misera, & mesquinha,
Que depois de ser morta foy Rainha.

119

Tu sô, tu puro Amor, com força cruz,
Que os corações humanos tão obrig
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fota perfida inimiga:
Se dizem féro Amor, que a sede tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres aspero, & tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

120

Estauas linda Inez posta em sossego
De teus annos colhendo doce fruto,
Naquelle engano da alma, ledô, & cego
Que a fortuna não deixa durar muito.
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto
Aos montes ensinando, & ás cruinhas
O nome, que no peito escrito tinhas.

121

Do teu Principe ali te respondiaô
As lembranças, q na alma lhe morauaô,
Que sempre ante seus olhos te traziaô,
Quão dos teus fermosos se apartauaô
De noite em doces sonhos, q mentiaô,
De dia em pensamentos, que voauaô:
E quanto emfim cuidaua, & quanto via,
Erão tudo memorias de alegria.

D'outras bellas senhoras, & Princezas
 Os desejados thalamos engeita,
 q' tudo emfim, tu puro amor, desprezas
 Quando hum gesto suave te fogeita:
 Vendo estas namoradas estranhezas
 O velho pay sesudo, que respeita
 O murmurador do pouo, & a fantasia
 Do filho, que casar se não queria:

123

Tirar Inez ao mundo determina,
 Por lhe tirar o filho, que tem preso,
 Crendo co sangue sô da morte indina
 Matar do firme amor o fogo aceso:
 Que furor consentio, que a espada fina
 Que pode sustentar o grande peso
 Do furor Mauro, fosse alevantada
 Contra húa fraca dama delicada?

124

Traziaõna os horríficos algozes
 Ante o Rey, ja mouido a piedade,
 Mas o pouo com falsas, & ferozes
 Razoës, à morte crua o persuade:
 Ella com tristes, & piedosas vozes
 Saidas sô da magoa, & faudade
 Do seu Principe, & filhos, que deixaua,
 Que maisq'a propria morte a magoaua.

125

Para o Ceo crytallino alevantando
 Com lagrimas os olhos piedosos,
 Os olhos, porq' as mãos lhe estaua atádo
 Hú dos duros ministros rigurosos:
 E despois nos mininos atentando,
 Que tão queridos tinha, & tão mimos
 Cujá orfindade como mãy temia,
 Para o auô cruel assi dizia.

C A N T O

Se ja nas brutas feras, cuja mente
 Natura fez cruel de nascimento,
 E nas aues agrestes, que somente
 Nas rapinas aereas têm o intento,
 Com pequenas crianças vio a gente
 Terem tam piedoso sentimento,
 Como co a mãy de Nino ja mostrara
 E cos irmãos, que Roma edificara.

127

Ó tu, q̃ tês de humano o gesto, & o pei
 (Se de humano he, matar hũa donzel
 Fraca, & sem força, só por ter logeito
 O coração, a quem soube vencella)
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tês à morte escura della,
 Mouate a piedade sua, & minha,
 Pois te não mone a culpa, q̃ não tinha.

128

E se, vencendo a Maura resistencia,
 A morte sabes dar com fogo, & ferro,
 Sabe tambem dar vida com clemencia
 A quem para perdela não fez erro.
 Mas se to assi merece esta innocencia,
 Poeme em perpetuo, & misero desten
 Na Scythia fria ou là na Lybia ardente
 Onde em lagrimas viua eternamente.

129

Poemme onde se vse toda a feridade,
 Entre Lioês, & Tygres, & verey
 Se nelles achar posso a piedade,
 Que entre peitos humanos não achey
 Ali co amor intrinseco, & vontade,
 Naquelle, por quem mouro, ciarey
 Estas reliquias suas, que aqui viste,
 Que refrigerio sejaõ da mãy triste.

Queria perdoarlhe o Rey benigno,
 Mouido das palanras, que o magoaõ,
 Mas o pertinaz pouo, & seu destino
 (q̃ desta sorte o quis) lhe não perdoaõ:
 Arrancaõ das espadas de aço fino,
 Os que por bó tal feito ali apregoaõ;
 Cõtra hũa dama, ò peitos carnicheiros,
 Feros vos amostrais, & caualheiros?

131

Qual contra a linda moça Policena,
 Consolação extrema da mãy velha,
 Porque a sombra de Achilles a cõdena,
 Co ferro o duro Pirro se aparelha:
 Mas ella os olhos, cõ que o ar serena,
 (Bem comõ paciente, & mansa ouelha)
 Na misera mãy postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece.

132

Tais contra Inèz os brutos moradores
 No cõlo de alabastro, que sostinha
 As obras, cõ q̃ Amor matou de amores
 Àquelle, que despois a fez Raynha:
 As espadas banhãdo, & as brâcas flores,
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarniçauaõ, feruidos, & irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.

133

Bem podéras, ò Sol, da vista destes
 Teus rayos apartar aquelle dia,
 Como da seua mesa de Thyestes, (mãe:
 Quando os filhos por mão de Atteu co-
 Vos, ò concauos vales, que podestes
 A voz extrema ouir da boca fria,
 O nome do seu Pedro, q̃ lhe ouuistes,
 Por muito grande espaço repetistes.

C A N T O

Assi como a bonina , que cortada
Antes do tempo foy, candida & bella
Sendo das mãos lasciuas maltratada
Da minina, q̃ a trouxe na capella, (d
O cheiro traz perdido, & a cor murcha
Tal está morta a pallida donzella,
Secas do rosto as rosas, & perdida
A branca, & viua cor, co a doce vida

135

As filhas do Mondego a morte escun
Longo tempo chorando memoraraõ
E por memoria eterna, em fonte pur
As lagrimas choradas transformaraõ
O nome lhe poseraõ, que inda dura
Dos amores de Inez, que ali passaraõ
Vede, que fresca fonte rega as flores,
q̃ lagrimas são agoa, & o nome amor

136

Naõ correo muito tempo, q̃ a vingan
Naõ visse Pedro das mortais feridas,
Que em tomãdo do Reino a governa
A tomou dos fugidos homicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcan
q̃ ambos inimigos das humanas vida
O concerto fizeraõ duro, & injusto,
q̃ có Lepido, & Antonio fez Augusto

137

Este castigador foy riguroso,
De latrocinios, mortes, & adulterios,
Fazer nos maos cruzes, fero, & iroso
Erão os seus mais certos refrigerios:
As cidades guardando justioso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladroes castigando á morte deu
Que o vagabundo Alcides, ou Theseu

138

D

Do justo & duro Pedro nasce o brando
 (Vede da natureza o desconcerto)
 Remisso, & sem cuidado algũ, Fernão,
 q' todo o Reyno pos em muito aperto:
 Que vindo o Castelhano deuastando
 As terras sem defesa, esteue perto
 De destruirse o Reino totalmente,
 q' hũ fraco Rey faz fraca a forte gente.

139

Ou foy castigo claro do peccado
 De tirar Lianor a seu marido,
 E casarse com ella de en'euado
 N'um falso parecer mal entendido:
 Ou foy que o coração fogeito, & dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido;
 Molle s: fez, & fraco, & bem parece
 q' hũ baxo amor os fortes enfraquece.

140

Do peccado tiueraõ sempre a pena
 Muitos, que Deos o quis, & permitio;
 Os que foraõ roubar a bella Elena,
 E com Apio tambem Tarquino o vio:
 Pois por quẽ Daniã sancto se condena,
 Ou quem o Tribu illustre destruo
 De Benjamin, bem claro n'olo ensina
 Por Sarra Farã, Sicheim por Dina.

141

E pois se os peitos fortes enfraquece
 Hum inconcesso amor desatinado,
 Bem no filho de Alcmena se parece,
 Quãdo è Omfale andava trã'sformado:
 De marco Antonio a fama se escurece,
 Com ser tanto a Cleopãtra afeigoador:
 Tu tambem Peno prospero o sentiste,
 Depois q' a moça vil na Apulia viste.

142

Mas

C A N T O

Mas quem pôde liurar-se por ventura
 Dos laços q' amor arma brandamente
 Entre as rosas, & a neve humana pu
 O ouro, & o alabastro transparente?
 Quem de hũa peregrina fermosura,
 De hũ vulto de Medusa propriamen
 Que o coração conuerte, q' tem preso
 Em pedra não, mas em delejo aceso.

143

Quê vio hũ olhar seguro, hũ gesto br
 Hũa suaue, & angelica excellencia, (q'
 q' em si está sêpre as almas trãsformã
 Que tiuesse contra ella resistencia?
 Desculpado por certo está Fernando,
 Para quem tem de amor experiencia
 Mas antes tendo liure a fantasia,
 Por muito mais culpado o julgaria.

CANTO IV.

I



Es pois da procellosa
 pestade.
 Nocturna sombra, &
 bilante vento,
 Traz a manhã sero
 claridade,
 Esperan a de porto, & saluamento.
 Aparta o Sol a negra escuridade,
 Remouendo o temor ao pensamento
 Assim no Reyno forte aconteceo
 Depois que o Rey Fernando falleceo

Porque se muito os nossos desejaraõ,
Quem os danos, & offensas vâ vingado
N'aquelles, q̃ tambẽ se aproucitaraõ,
Do descuido remisso de Fernando;
Despois de pouco tempo o alcançaraõ,
Ioanne sempre illustre aleuantando
Por Rey, como de Pedro vnico erdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

3

Ser isto ordenaçaõ dos ceos diuina,
Por finais muito claros se mostrou,
Quãdo em Euora a voz de hũa minina
Ante tempo falando o nomeou:
E como cousa emfim, q̃ o Ceo destina,
No berço o corpo, & a voz aleuantou,
Portugal; Portugal, alçando a mão,
Disse, pelo Rey nouo Dom Ioaõ.

4

Alteradas então do Reino as gentes
Co odio, q̃ occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, & euidentes
Faz do pouo o furor, por onde vinha:
Matando vaõ amigo s & parentes
Do adultero Conde, & da Raynha,
Com quẽ sua incontinencia desonestã
Mais despois de viuua manifesta.

5

Mas elle emfim cõ causa deshonrado
Diante della a ferro frio morre, (do,
D'outros muitos na morte acõpanha-
q̃ tudo ofogo erguido queima, & corre:
Quem como Astianãs precipitado
(Sem lhe valerem ordẽs) de alta torre:
A quem ordẽs, nem aras, nem respeito,
Quem nũ por ruas, & em pedaços feito.

6

OL

PO-

C A N T O

Podêse pôr em longo esquecimento
As cruezas mortais, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, & do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio:
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mûdo descobriu
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

7

Beatriz era a filha, que casada
Co Castelhana estâ, que o Reyno pede
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho conceder:
Com esta voz Castella alenquantada,
Dizendo, que esta filha ao pay succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regioës, & varias terras.

8

Vem de toda a Prouincia, q. de hû Br
(Se foy) ja teue o nome diriuado;
Das terras q Fernando, & que Rodrig
Ganhârao do tirano, & Mauro estas
Não estimão das armas o perigo
Os que cortando vão co duro arado
Os campos Ieoneses, cuja gente
Cos Mouros foy nas armas excellen

9

Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntanao
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquivir as agoas lavão
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os Tyrios habitava
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas columnas nas bandeiras

Tembem vem lá do Reyno de Toledo,
 Cidade nobre, & antiga, a quẽ cercado
 O Tejo em torno vay suaue, & ledô,
 Que das serras de Conca vem manado:
 A vós outros tãbẽ não tolhe o medo,
 Ô sordidos Galegos, duro bando,
 Que para resistirdes, vos armastes
 Aquelles, cujos golpes já prouastes.

II

Tãbẽ moue da guerra as negras furias
 A gente Bizcainha, que carece
 De polidas razoẽs, & que as injurias
 Muito mal dos estranhos compadece:
 A terra de Guipuscoa, & das Asturias,
 Que com minas de ferro se ennobrece,
 Armou d'elle os soberbos matadores,
 Para ajudar na guerra a seus senhores.

12

Ioane, a quẽ do peito o esforço crece,
 Como a Sanfã Hebreo da guedelha,
 Posso que tudo pouco lhe parece,
 Cos poucos de seu Reyno se aparelha:
 E não porque conselho lhe falece
 Cos principais senhores se aconselha,
 Mas só por ver das gentes as sentenças,
 Q sempre ouue entre muitos differenças.

13

Não falta cõ razoẽs, quẽ desconcerte
 Da opiniaõ de todos, na vontade,
 Em quẽ o esforço antigo se conuerte
 Em desusada, & mã deslealdade:
 Podendo ô temor mais, gelado, inerte,
 Que a propria, & natural fidelidade,
 Negaõ o Rey, & a patria, & se conuem
 Negaram (como Pedro) o Deos que tem.

Mas nunca foy q̃ este erro se sentisse
 No forte Dô Nuno Aluarez, mas ante
 Posto q̃ em seus irmãos tão claro visse
 Reprouando as vontades inconstante
 A aquellas duuidosas gentes disse,
 Com palauras mais duras, q̃ elegante
 A mão na espada irado, & não facudo
 Ameaçando a terra, o mar, & o mundo

15

Como, da gente illustre Portuguesa
 Ha de auer, quẽ refusa o patrio Marte
 Como, desta Prouincia, que Princeza
 Foy das gẽtes na guerra em toda parte
 Ha de sair, quem negue ter defesa,
 Quẽ negue a fê, o amor, o esforço, &
 De Portugues, & por nenhũ respeito
 O proprio Reyno queira ver sogeito

16

Como? não sois vos inda os descẽda
 Daquel'es, que debaixo da bandeira
 Do grande Enriquez, feros, & valentes
 Vencestes esta gente tam guerreira?
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes
 Poserão em fugida, de maneira
 Que sete illustres Côdes lhe trouxes
 Presos, a fôra a presa que teuerão?

17

Com quem forão contino sopeados
 Estes, de quem o estais agora vos,
 Por Dinis, & seu filho sublimados,
 Senão cos vossos fortes pays, & aucto
 Pois se có seus desculdos, ou peccados
 Fernão em tal fraqueza así vos po
 Torneuos vossas forças o Rey nouo
 Se he certo, que co Rey se muda o po

Rey tendes tal, que se o valor tiuerdes
Igual ao Rey, que agora aleuantastes,
Desbaratareis tudo, o que quizerdes,
Quanto mais, a quem ja desbaratastes:
E se cõ isto emfim vos não mouerdes
Do penetrante medo, que tomastes,
Atay as mãos a vosso vão receyo,
Que eu só resistirey ao jugo alheyo.

19

Eu sô com meus yassallos, & com esta,
(E dizendo isto arranca mea espada),
Defenderey da forga dura, & infesta
A terra nunca de outrem sojugada:
Em virtude do Rey, da patria mesta,
Na lealdade ja por vos negada,
Vencerey, não sô estes aduersarios,
Mas quãtos a meu Rey fore cõtrarios.

20

Bé como entre os mãcebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sôs de Canas,
Ia para se entregar quasi mouidos,
A fortuna das forças Africanas,
Cornelio moço os faz, que compelidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarã, em quãto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida.

21

Dest'arte a gête força. & esforça Nuno
Que com lhe ouir as vltimas razoës,
Remouem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os coraçoes:
Nos animais cavalgaõ de Neptuno,
Brandindo, & volteando arremessoës,
Vão correndo, & gritado a boca aberta,
Vinha o famoso Rey, que nos liberta.

CANTO

Das gentes populares hũs aprouaõ
A guerra, com que a patria se sustin
Hũs as armas alimpão, & renouaõ,
Que a ferrugem da paz gastadas tin
Capacetes estoiam, peitos prouão,
Arma-se cada hum como conuinha:
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras, & tenções de seus amores

23

Com toda esta lustrosa companhia,
Ioanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as agoas abundantes:
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era, os muy possantes
Orientais exercitos, sem conto,
Com q̃ passaua Xerxes o Helesponto

24

Dom Nuno Aluares digo, verdadeir
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como ja o fero Hano o foy primeiro
Para Franceses. para Italianos:
Outro tambem famoso caualleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandalos, & regelos,
Mein Rodriguez se diz de Vasconcelos

25

E da outra ala, que a esta corresponde
Antão Vasquez de Almada he Capitão
q̃ despois foi de Abráches nobre Côa
Das gentes vay regendo a seftra mão
Logo na retagoarda não se esconde
Das quinas & castellos o pendaõ,
Com Ioanne Rey forte em toda parte
Que escurcedo o prego vay de Marte

Estavaõ pelos muros temerosas,
 E de hũ alegre medo quasi trías, (tas,
 Rezãdo as mãys, irmãs, damas, & elpã
 Prometendo jejús, & Romarias:
 Ia chegaõ as esquadras bellicosas
 Defronte das imiças companhias,
 Que com grita grandissima os recebẽ,
 E todas grande duvida concebem.

27

Respondem as trombetas mensageiras,
 Pisaros sibilantes, & atambores,
 Alferezes volteãõ as bandeiras,
 Que variadas sãõ de muitas cores:
 Era no seco tempo, que nas eiras
 Ceres o fructo deixa aos lauradores,
 Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,
 Baccho das vuas tira o doce mosto,

28

Deu final a trombeta Castelhana
 Horrendo, fero, ingente, & ten:roso,
 Ouvioo o monte Artabro, & Guadiana
 Atras tornou as ondas de medroso:
 Ouvioo o Douro, & a terra Trãstágana,
 Correo ao mar o Tejo duvidoso,
 E as mãys, q o som terribel escutãrãõ,
 Aos peitos os filhinhos apertãrãõ.

29

Quantos rostos ali se vem sem cor,
 Que ao coraçãõ acode o sangue amigo
 Que nos perigos grandes, o temor
 He mayor muitas vezes, que o perigo:
 E se o não he, pareceo, que o furor
 De offender, ou vencer o duro inigo,
 Paz não sentir, q he perda grãde, & rara
 Dos membros corporais da vida cara.

Começase a trauar incerta guerra,
 D'ábas partes se moue a primeira al
 Hús leua a defenſaõ da propria terra,
 Outros as eſperanças de ganhala: (a
 Logo o grãde Pereira, em quẽ se enc
 Todo o valor, primeiro ſe aſſinala,
 Derriba, & encôtra, & a terra emfim
 Doſq a tâto deſejaõ, ſendo alhea. (m

31

La pelo eſpeſſo ar os eſtridentes
 Farpoẽs, ſetas, & varios tiros voaõ,
 Debaxo dos pẽs duros dos ardentes
 Caualllos, tremẽ a terra, os valles ſoa
 Eſpedaçãõ ſe as lanças, & as frequen
 Quedas, co as duras armas tudo atroa
 Retrecem os inimigos ſobre a pouca
 Gente do fero Nuno, que os a pouca.

32

Eis ali ſeus irmãos contra elle vaõ,
 (Caſo feo & cruel) mas naõ ſe eſpanta
 Que menos he querer matar o irmão
 Quẽ cótra o Rey, & a patria ſe aleuã
 Deſtes arrenegados muitos ſaõ
 No primeiro eſquadraõ, que ſe adiz
 Cótra irmãos, & parêtes (calo eſtranho
 Quais nas guerras ciuis de Iulio Maga

33

ò tu Sertorio, ò nobre Coriolano,
 Catilina, & voſoutros dos antigos,
 Que contra voſſas patrias, có profana
 Coraçãõ, voſ fizestes inimigos;
 Se là no reyno eſcuro de Sumano
 Receberdes grauiffimos caſtigos,
 Dizeilhe, que tambem dos Portugueſes
 Algũs tredores ouue algũas vezes.

Rôpêse aqui dos nossos os primeiros,
 Tantos dos inimigos a elles vão:
 Está ali Nuno, qual pellos outeiros
 De Ceita está o fortissimo Liaô:
 Que cercado se vê dos caualleiros,
 Que os campos vão correr de Tetuaô;
 Perseguêno co as lanças, & elle iroso
 Toruado hũ pouco está, mas não me-

35

(droso.

Com torua vista os vê, mas a natura
 Ferina, & a ira não lhe compadecem,
 q̃ as costas dê, mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa. que recrecem:
 Tal está o caualleiro, que a verdura
 Tinge co sangue alheyo, ali perecem
 Algũs dos seus, que o animo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.

36

Sentio Ioane a afronta que passaua
 Nuno, que como sabio capitaô,
 Tudo cortia, & via, & a todos daua
 Com presença, & palauras coraçãõ:
 Qual parida Lioa fera, & braua,
 Que os olhos, que no ninho sós estaô,
 Sentio, q̃ em quãto o pasto lhe buscara
 O pastor de Massilia lhes furtara.

37

Corre raiuosa, & freme, & có bramidos
 Os môtes sette irmãos atroa, & abala,
 Tal Ioane com outros escolhidos
 Dos seus, correndo acode à primeira ala:
 ò fortes companheiros, ò subidos
 Caualeiros, a quem nenhum se igoala,
 Defendey vossas terras, que a esperança
 Da liberdade, está na vossa lança.

38

E 3

Ve-

CANTO

Vedefme aqui, Rey voſſo, & cópanha
 E entre as lanças, & ſetas, & os arnes
 Dos inimigos cõro, & vou primeiro
 Pelejay, verdadeiros Portugueſes:
 Isto diſſe o magnanimo guerreiro,
 E ſopelando a lança quatro vezes,
 Com força tira, & deſte vnico tiro
 Muitos lançaraõ o vltimo ſolpiro.

39

Porque eis os ſeus aceſos nouamente
 D'hũa nobre vergonha, & hõroſo foy
 Sobre qual mais cõ animo valente
 Perigos vencerã do Marcio jogo:
 Perfiãõ, tinge o ferro o fogo ardente
 Rõpẽ malhas primeiro, & peitos logo
 Aſſi recebem junto, & daõ feridas,
 Como a quẽ ja naõ doe perder as vidas.

40

A muitos mandãõ ver o Eſtigio lago,
 Em cujo corpo a morte, & o ferro enco
 O Mestre morre ali de Sãtiago,
 Que fortiffimamente pelejaua:
 Morre tambem fazendo grãde eſtrago
 Ontro mestre cruel de Calatrava;
 Os Pereiras tambem arrenega dos
 Morrẽ, arrenegãdo o Ceo, & os Fado

41

Muitos tãbem do vulgo vil ſem nome
 Vaõ, & tãbẽ dos nobres ao profunda
 Onde o Triſauce Caõ perpetua fome
 Tem das almas que paſſaõ deſte mudo
 E porque mais aqui ſe a manſe, & do
 A ſoberba do imigo ſuribundo,
 A ſublime bandeira Caſtelhana
 Eoy derribada aos pès da Luſitana.

Aquí a fera batalha se encrucece
 Com mortes, gritos, sangue, & cutiladas,
 A multidão da gente, que parece,
 Tem as flores da propria cor mudadas;
 Já as costas dão, & as vidas; já falece
 O furor, & sobejaõ as lançadas;
 Já de Castella o Rey desbaratado
 Se vê, & de seu proposito mudado.

43

O campo vay deixando ao vencedor,
 Contento de lhe não deixar a vida,
 Seguemno, os que ficaraõ, & o temor
 Lhe dà não pès, mas alas à fugida:
 Encobrem no profundo peito a dor
 Da morte, da fazenda despendida,
 Da magoa, da deshonra, & triste nojo
 De ver outrem triufar de seu despojo.

44

Algũs vão maldizendo, & blasfemando
 Do primeiro, que guerra fez no mudo,
 Outros a sede dura vão culpando
 Do peito cobiçoso, & sitibundo:
 Que por tomar o alheo, o miserando
 Põu a uentura as penas do profundo,
 Deixando tantas mãys, tantas esposas,
 Sem filhos, sem maridos, desditosas.

45

O vencedor Ioane esteue os dias
 Costumados no câpo, em grande gloria
 Com offertas depois, & romarias
 As graças deu a quẽ lhe deu victoria:
 Mas Nuno, q não quer por outras vias
 Entre as gentes deixar de si memoria,
 Senão por armas sempre soberanas,
 Para as terras se passa Translaganas.

C A N T O

Ajudao seu destino de maneira,
 Que fez igoal o effeito ao pensamen
 Porque a terra dos Vandalos fronte
 Lhe concede o despojo, & o vécim
 Ia de-Seuilha a Bethica bandeira,
 E de varios senhores n'um moment
 Se lhe derriba aos pès sem ter defe
 Obrigados da força Portuguesa.

47

Destas, & outras victorias longame
 Erão os Castelhanos opprimidos,
 Quando a paz desejada ja da gente
 Derão os vencedores aos vencidos:
 Depois que quis o Padre omnipot
 Dar os Reys inimigos por maridos
 Às duas illustrissimas Inglesas,
 Gentis, fermosas, inclitas Princesas.

48

Não sofre o peito forte vsado á gue
 Não ter imigo já, a quem faça dano,
 E assi não tendo, a quẽ vècer na ter
 Vay cometer as ondas do Occeano
 Este he o primeiro Rey, que se desten
 Da patria, por fazer, que o Africano
 Conheça pellas armas, quanto exco
 A ley de Christo à ley de Mafamede.

49

Eis mil nadantes aues pello argento
 Da furiosa Thetis inquieta,
 Abrindo as pandas asas vaão ao vent
 Para onde Alcides pôs a extrema me
 O monte Abyla, & o nobre fundame
 De Ceit: toma, & o torpe Mahomet
 Desta fôra, & segura toda Espanha
 Da Iuliana má, & desleal manha.

Q V A R T O.

Não consentio a morte tantos annos
Que de Heroe tam ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Ceo supremo quis que pouoasse:
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou, que o leuou, quem governasse,
E augmẽtasse a terra mais que d'antes
Inclita geraçam, altos Infantes.

51

Não foy do Rey Duarte tam ditoso
O tempo, que ficou na summa alteza,
Que así vay alternando o tempo iroso
O bem co mal, o gozõ co a tristeza:
Quem vio sempre hũ estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?
Pois inda neste Reyno, & neste Rey,
Nam vsou ella tanto desta ley.

52

Vio ser catiuo o Santo irmão Fernão
Que a tam altas empresas aspiraua,
Que por saluar o pouo miserando,
Cercado, ao Sarraceno s'entregaua:
Sò por amor da patria està passando
A vida de senhora feita escrava,
Por nam se dar por elle a forte Ceita,
Mais o publico bẽ, que o seu respeita.

53

Codro porq̃ o inimigo nam venceffe
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo porque a patria nam perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida;
Este porque se Espanha não temesse
A catiuẽiro eterno se conuida:
Codro, nem Curcio, ouuido por espãto
Nem os Decios leais fizêrão tanto.

54

E 5

Mas

C A N T O

Mas Affonso do Reino vnico herde
 (Nome em armas ditoso, é nossa He
 q̃ a soberba do barbaro fróteiro
 Tornou em baxa, & humilima mi
 Fora por certo inuicto caualleiro,
 Se nam quifera ir ver a terra Iberia
 Mas Africa dirã ser impossiucl
 Poder ninguem vencer o Rey terr

55

Este pôde colher as maçãs de ouro
 Que samente o Tyrinthio colher p
 Ao jugo, q̃ elle pos ao brauo Mour
 A ceruiz inda agora nam sacode;
 Na fronte a palma leua, & overde
 Das victorias do barbaro, que acc
 A defender Alcacer, forte villa,
 Tangere populosa, & a dura Arzila

56

Porem ellas emfim por força entr
 Os muros abaxãraõ de Diamante,
 às Portuguezas forças, costumada
 A derribarem quanto achãõ diante
 Marauilhas em armas estremadas,
 E de escriptura dignas elegante,
 Fizerão caualleiros nesta empresa
 Mais, affinando a fama Portugueza

57

Porem depois tocado de ambigã
 E gloria de mandar amara, & bell
 Vay cometer Fernando de Aragaõ
 Sobre o potente Reyno de Castela
 Ajuntase a inimiga multidão
 Das soberbas, & varias gentes de
 Desde Cadiz ao alto Perineo,
 Que tudo ao Rey Fernando obed

58

Naõ quis ficar nos Reynos ocioso
 O mancebo Ioanne, & logo ordena
 De ir ajudar o pay ambicioso,
 Que entaõ lhe foy ajuda naõ pequena:
 Sahiose emfim do trance perigoso,
 Com fronte naõ toruada, mas serena,
 Desbaratado o pay sanguinolento,
 Mas ficou duuidoso o vencimento.

59

Porque o filho sublime, & soberano,
 gentil, forte, animoso cavalleiro,
 Nos contrarios fazendo immenso dano,
 Todo hũ dia ficou no campo inteiro:
 Desta arte foy vencido Octauiano,
 E Antonio vencedor seu companheiro,
 Quãdo daquelles, que Cesar mataraõ,
 Nos Philipicos campos se vingaraõ.

60

Porem despois q a escura noite eterna
 Affonso aposentou no Ceo sereno,
 O Principe, q o Reyno entaõ governa,
 Foy Ioanne segundo, & Rey trezeno:
 Este por auer fama sempiterna,
 Mais do q tentar pode homẽ terreno
 Tentou, q foy buscar da roxa Aurora
 Os terminos, q eu vou buscando agora.

61

Manda seus cõpanheiros, que passaraõ
 Espanha, França, Italia celebrada,
 E là no illustre porto se embarcaraõ,
 Onde ja foy Partènope enterra da:
 Nàpoles, onde os Fados se mostraraõ,
 Fazendoa a varias gentes sojugada,
 Pela illustrar no fim de tantos annos,
 Co senhorio de inclitos Hispanos.

62

E 6

Pelo

C A N T O

Pelo mar alto Siculo nauegaõ,
Vão-se às prayas de Rhodes arenosas
E dali às ribeiras altas chegaõ,
Que co a morte de Magno são famo
Vão a Memphis, & as terras, q se re
Das enchentes Niloticas vndosas:
Sobem à Ethiopia, sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o santo ri

63

Passaõ tambem as ondas Erytrèas,
Que o Pouo de Israel sem Nao pass
Ficaõlhe atràs as serras Nabatheas,
Que o filho de Imaèl co nome orno
As costas odoríferas Sabeas,
Que a mãy do bello Adonis são hón
Cercaõ, com toda a Arabia descubert
Felix, deixando a Petrea, & a Desert

64

Entraõ no estreito Persico, onde dur
Da confusa Babel, inda a memoria,
Ali co Tigre o Eufrates se mistura,
Que as fontes onde nascê té por glori
Dali vam em demanda da agoa pura,
Que causa ainda será de larga histori
Do fndo, pellas ondas do Oceão,
Onde não se atreueo passar Trajàno.

65

Viram gentes incognitas, & estranhas,
Da India, da Carmania, & Gedrosia,
Vêdo varios costumes, varias manhas
Que cada Regiaõ produz & cria:
Mas de vias tam ásperas, tamanhas
Tornar se facilmente não podia,
La morreraõ emfim, & lá ficarão,
Que à desejada patria não tornarão.

66

P

Parece que guardava o claro ceo
 A Manoel, & seus merecimentos,
 Esta empresa tam ardua, que o moueo
 A subidos & illustres mouimentos:
 Manoel, que a Ioane socedeo
 No Reyno, & nos altiuos pensamentos,
 Logo como tomou do Reyno o cargo,
 Tomou mais a conquista do mar largo.

67

O qual, como do nobre pensamento
 Daquella obrigaçã, que lhe ficara
 De seus antepassados, cujo intento
 Foy sempre acrescentar a terra chara,
 Não deixasse de ser hum sô momento
 Conquistado no tempo, que a luz clara
 Foge, & as estrellas nitidas, que saem,
 A repouso conuidaõ, quando caem.

68

Estando ja deitado no aureo leito,
 Onde imaginações mais certas sam,
 Renoluendo contino no conceito,
 De seu officio, & fangue a obrigaçam
 Os olhos lhe ocupou o sonno aceito,
 Sem lhe desocupar o coraçam,
 Porque tanto que lasso se adormece,
 Morteo em varias formas lhe aparece.

69

Aqui se lhe apresenta, que subia
 Taõ alto, q̃ tocava a prima Esphera,
 Donde diante varios mundos via,
 Nações de muita gēte estranha, & feras:
 E lá bem junto donde nace o dia,
 Depois que os olhos lógos estendera,
 Vio d'antigos lóginquos & altos môtes
 Nacerem duas claras & altas fontes.

C A N T O

Aues agrestes, feras & alimarias
 Pelo monte seluatico habitauaõ,
 Mil aruores syluestres & heruas vaõ
 O passo & o trato às gentes atalhã
 Estas duras montanhas aduersarias
 De mais cõuersaçaõ, por sy mostrã
 q̃ desq̃ Adam peccou aos nossos annos
 Não as romperão nunca pés humanos

71

Das agoas se lhe antolha que sahião
 Parelle os largos passos inclinando
 Dous homẽs, que muy velhos parecẽ
 De aspeito, inda q̃ agreste, venerandõ
 Das pontas dos cabellos lhe sahião
 Gotas, q̃ o corpo todo vaõ banhando
 A cor da pelle baça & denegrida,
 A barba hirsuta, intensa, mas cõpiã

72

D'ambos de dous a fronte coroada
 Ramos naõ conhecidos & heruas tinã
 Hum delles a presença traz cansada
 Como quẽ de mais longe ali caminha
 E aly a agoa com impeto alterada
 Parecia, que d'outra parte vinha;
 Bẽ como Alphẽo de Arcadia em Syria
 Vay buscar os abraços de Aretusa.

73

Este, que era o mais graue na pessoa
 Dest'arte para o Rey de longe brada
 O tu a cujos Reynos & coroa
 Grande parte do mûdo està guardada
 Nõs outros, cuja fama tanto voa,
 Cujã ceruiz bem nunca foy domada,
 Te auisamos q̃ he tempo, que ja miedã
 A receber de nõs tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste, tenho o berço verdadeiro,
Estoutro he o Indo Rey, q̃ nesta serra,
Que vés, seu nascimento tem primeiro:
Custartêmos com tudo dura guerra,
Mas insistindo tu por derradeiro,
Com não vistas victorias, sem receyo,
A quantas gentes vès porás o freyo.

75

Naõ disse mais o rio illustre & santo,
Mas ambos desaparecê num momento,
Acorda Manuel c' hum nouo espanto,
E grande alteraçã de pensamento;
Estendeo nisto Phebo o claro manto
Pello escuro Emispherio sonolento:
Veyo a manhã no ceo pintãdo as cores
De pudibunda rosa & roxas flores.

76

Chama o Rey os senhores a conselho,
E propoêlhe as figuras da visam,
As palauras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração:
Determinaõ o nautico aparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente, q̃ mandar, cortando mares,
A buscar nõuos climas, nõuos ares.

77

Eu que bẽ mal cuidaua, que em effeito
Se possesse, o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me prometia:
Não sey porque razão, porq̃ respeito,
Ou porque bõ final, que em mi se via,
Me poê o inclyto Rey nas mãos a chaue
Deste cometimento grande & graue.

C A N T O

E com rogo & palauras amorosas,
 q̃ he hũ mado nos Reis, q̃ a mais ob
 Me disse: As cousas arduas & lustras
 Se alcançaõ cõ trabalho & cõ fadiga
 Faz as pessoas altas & famosas
 A vida, que se perde, & que periga,
 q̃ quãdo ao medo infame não se fere
 Entaõ, se menos dura, mais se este

79

Eu vos tenho entre todos escolhido
 Para hũa empresa, qual a vòs se deu
 Trabalho illustre, duro & esclarecido
 O que eu sey, que por mi vos ferà
 Não sofri mais, mas lògo, ò Rey sub
 Auenturarme a ferro, a fogo, a nene
 He tam pouco por vos, q̃ mais me p
 Ser esta vida coula tam pequena.

80

Imaginay tão grandes auenturas,
 Quais Euristeo a Alcides inuentaua,
 O Lião Cleonéo, Harpias duras,
 O porco de Erimantho, a Ydra bra
 Decer emfim às sombras vãs, & escuras
 Onde os campos de Dyte a Estige la
 Porque a mayor perigo, a mòr afro
 Porvos, ò Rey, o espirito & carne lie

81

Com mercès sumptuosas me agrade
 E com razoes me louua esta vontade
 Que a virtude louuada viue & crece,
 E o louuor a altos casos persuade:
 A acompanharme lògo se offerece
 Obrigado d'amor & d'amizade,
 Não menos cobiçoso de hõra & san
 O charo meu irmão Paulo da Gama

82

Mais se me ajunta Nicolão Coelho,
De trabalhos muy grande soffredor,
Ambos sam de valia & de conselho,
D'experiencia em armas & furor:
Ta de manceba gente me aparelho,
Em que crece o desejo de valor,
Todos de grãde esforgo, & assi parece,
Quem a tamanhas coulas se offerece.

83

Forão de Manoel remunerados,
Porque cõ mais amor se apercebessem
E com palauras altas animados,
Para quantos trabalhos socedessem:
Assi foram os Mynias ajuntados
Para que o veo doura do combatessem
Na fatidica Nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.

84

E ja no porto da inclyta Vlissea
C'hum aluoroço nobre, & c'hũ desejo,
(Onde o licor mestura a branca areia
Co salgado Neptuno o doce Tejo):
As naos prestes estam, & nam refrea
Temor nenhum o iuuenil despejo,
Porque a gente maritima &a de Marte
Estam para seguirme a toda parte.

85

Pellas prayas vestidos os soldados
De varias cores vem, & varias artes,
E nam menos de esforgo aparelhados
Para buscar do mundo nõuas partes:
Nas fortes naos os ventos sossegados
Ondeão os aerios estandartes,
Ellas prometem vendo os mares largos
De ter no Olimpo estrellas como a de

C A N T O

Despois de aparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede & manda
Aparelhamos a alma para a morte
Q̃ sépre aos Nautas ante os olhos anda
Para o sumo poder, q̃ a Etherea cor
Sustenta sô co a vista veneranda,
Imploramos fauor, que nos guiasse
E que nossos começos aspirasse.

87

Partimonos assi do santo templo,
Que nas prayas do mar està assento
Que o nome tẽ da terra, par a exemplo
Dõde Deos foi em carne ao mûdo do
Certificote, ò Rey, que se contempla
Como fuy destas prayas apartado,
Cheyo dentro de duuida & receyo,
Q̃ apenas nos meus olhos ponho olho

88

A gente da Cidade aquelle dia
(Hús por amigos, outros por parte
Outros por ver fomento) concorria
Saudosos na vista & descontentes
E nós co a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solene a Deos orando
Para os bateis viemos caminhando

89

Em tam longo caminho & duuidoso
Por perdidos as gentes nos julgaua
As mulheres c'hum choro piedoso
Os homens com sospiros, q̃ arrancava
Máys, esposas, irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentaua
A desesperação, & frio medo
De ja nos não tornar a ver tam cedo

Qual vai dizendo: ó filho a qué eu tinha
 ò para refrigerio, & doce amparo
 Desta cansada ja velhice minha,
 q em choro acabará, penoso & amaro:
 Porq me deixas misera & mezquinha?
 Porque de mi te vãs, ò filho charo
 A fazer o funereo enterramento,
 Onde sejas de peixes mantimento?

91

Qual é cabelle: ó doce & amado esposo,
 Sem qué não quis amor q viuer possa,
 Porque his aventurar ao mar iroso
 Essa vida, q he minha, & não he vossa?
 Como por hum caminho duvidoso
 Vos esquece a afeiçãõ tão doce nossa?
 Nosso amor, nosso vaõ contentamento
 Quereis que cõ as vellas leue o vento?

92

Nestas & outras palaúras que diziaõ
 De amor, & de piedosa humanidade,
 Os velhos & os mininos os seguião,
 Em quem menos esforço poê a idade:
 Os montes de mais perto respondiaõ,
 Quasi mouidos de alta piedade,
 A branca areia as lagrimas banhau aõ,
 q em multidaõ cõ ellas se igualau aõ.

93

Nõs outros senti a vista aleuantarmos
 Nem a mãy, nem a esposa, neste estado
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos
 Do proposito firme começado:
 Determiney de assi nos embarcarmos
 Sem o despedimento costumado,
 Que posto q he de amor vfança boa,
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

C A N T O

Mas hum velho d'aspeito venerando
 Que ficaua nas prayas, entre a gente
 Postos em nòs os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, descontente,
 A voz pesada hũ pouco aleuandando
 Que nòs no mar ouuimos claramente
 C'hum faber sô d'experiencias feito
 Tais palauras tirou do experto peito

95

ô gloria de mandar, ô vãa cubiça
 Desta vaidade, a quẽ chamamos Fa
 O fraudulentto gosto, que se atica
 C'hũa aura popular, q̃ honra se cha
 Que castigo tamanho, & que justia
 Fazes no peito vão, que muito te a
 Que mortes, que perigos, q̃ torme
 Que crueldades nelles exprimentas

96

Dura inquietação d'alma & da vida
 Fonte de desemparos & adulterios
 Sagaz consumidora conhecida
 De fazendas, de reynos, & de imper
 Chamaõte illustre, chamaõte subida
 Sendo digna de infames vituperios
 Chamaõte fama, & gloria soberana
 Nomes, cõ quẽ se opouo necio eng

97

A que nõuos defastres determinas
 De leuar estes reynos & esta gente
 Que perigos, que mortes lhe destina
 Debaixo d'algun nome preminente
 Que promessas de Reinos, & de min
 Douro, que lhe faràs tam facilmen
 Que famas lhe prometteràs? q̃ histo
 Que triumphos? q̃ palmas? q̃ victo

98

o tu geração daquelle infano,
 ujo peccado & desobediencia
 aõ semente do reyno soberano
 e pos neste desterro & triste ausencia:
 as inda d'outro estado mais q̃ huma-
 a quieta & da simples innocẽcia, (no
 dade d'ouro, tanto te priuon,
 ue na de ferro & d'armas te deitou.

99

a que nesta gostosa vaidade
 tanto enleuas a lue fantasia,
 a que â bruta crueza & feridade
 olesste nome, esforço & valentia;
 a que prezas em tanta quantidade
 o desprezo da vida, que deuia
 de ser sempre estimada, pois que ja
 temeo tanto perdella, quem a dà.

100

Naõ tens junto contigo o Ismaelita,
 Cõ quẽ sempre teràs guerras sobejas?
 Não segue elle do Arabio a ley maldita
 Se tu pella de Christo sô pellejas?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras & riqueza mais desejas?
 Não he elle por armas esforçado
 Se queres por victorias ser louuado?

101

Deixas criar às portas o inimigo,
 Por ires buscar outro de tam longe,
 Por quem se despouoe o reyno antigo,
 Se enfraqueça, & se vâ deitãdo a lóge?
 Buscas o incerto & incognito perigo,
 Porque a fama te exalte, & te lisonge,
 Chamandote senhor com larga copia
 Da India, Persia, Arabia, & de Etiopia.

C A N T O

ò maldito o primeiro, que no mundo
 Nas ondas vella pôs em seco lenho,
 Digno da eterna pena do profundo,
 Se he justa a justa ley, que figo & tenho:
 Nunca juyzo algũ alto & profundo,
 Nem cythara sonora, ou viuo engenho
 Te dé por isso fama, nem memoria,
 Mas cõtigo se acabe o nome & gloria,

103

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo
 O fogo, que ajûtou ao peito humano,
 Fogo, que o mûdo em armas accêdeo,
 Em mortes, é deshóras (grande engano)
 Quanto melhor nos fora Prometeo,
 E quanto para o mundo menos dano,
 Que a tua estatua illustre não tiuera
 Fogo de altos desejos, que a mouera.

104

Não cometera o moço miserando
 O sarro alto do pay, nem o ar vazio
 O grande Architector co filho, dando
 hũ nome ao mar, & o outro fama ao rio
 Nenhum cometimento alto & nefando
 Por fogo, ferro, agua, calma, & frio,
 Deixa intentado a humana geraçãõ;
 Misera sorte, estranha condiciãõ!

†

C A N

CANTO V.

I



Stas sentenças tais o velho
honrado

Vociferando estaua, quan-
do abrimos

As alas ao sereno, & fosse-
gado

Vêto, & do porto amado nos partimos:
E como he ja no mar costume vïado,
A vella desfraldando o Ceo ferimos,
Dizendo Boa viagem, logo o vento
Nos troncos fez o vïado mouimento.

12

Entraua neste tempo o eterno lume
No animal Nemeo truculento,
E o mundo, que co tempo se consume,
Na sexta idade andaua êfermo, & lêto:
Nella vê, como tinha por costume,
Curfos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais nouêta & sete, em q corria,
Quando no mar a armada se esbandia.

3

Ia a vista pouco & pouco se desterra
Daquelles patrios montes, que ficaua ô
Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra
De Sintra, & nella os olhos se alôgauão:
Ficauanos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lâ deixauão
E ja despois que toda se escondeo,
Não vimos mais emfim q mar, & Ceo.

E

Assi

C A N T O

Afsi fomos abrindo aquelles mares
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo, & os novos ares
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes, & lugares,
Terra que Antêo num tempo possuyó,
Deixando à mão esquerda, q' à direita
Não ha certeza d'outra, mas sospeita.

5

Passamos a grande ilha da madeira
Que do muito arvoredo afsi se chama
Das que nós pouoamos; a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nê por ser do mundo a derradeira
Se lhe acentajaão quantas Venus ama,
Antes sendo esta sua se esquecêra
De Cypro, Guido, Pafos, & Cythêra.

6

Deixamos de Massilia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastaõ,
Gente que as frescas agoas nunca gosta,
Nem aservas do campo bẽ lhe abastaõ,
A terra a nenhũ fructo emfim desposta
Onde as aues no ventre o ferro gastaõ,
Padecendo de tudo extrema inopia
Que aparta a Berberia de Ethiopia:

7

Passamos o lemite aonde chega
O sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os pousos, a quem nega
O filho de Climène a cor do dia:
Aqui gentes estranhas lava, & rega
Do negro Sanagà a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinario o nome perde
Chamandose dos nossos Caboverde.

8

Passa

Passadas tendo ja as Canareas ilhas,
 Que tiueraõ por nome Fortunadas,
 Entramos nauegando pelas filhas (das:
 Do velho Hesperio, Hesperidas chama
 Terras por onde nouas marauilhas
 Andaraõ vendo ja nossas armadas,
 Ali tomamos porto com bom vento,
 Por tomarmos da terra mantimento.

9

A aquella ilha aportamos, que tomou
 O nome do guerreiro Sanctiago,
 Sancto, que os Espanhoes tanto ajudou
 A fazerem nos Mouros brauo estrago:
 Daqui tanto que Boreas nos ventou
 Tornamos a cortar o immenso lago
 Do salgado Oceano, & assi deixamos
 A terra, onde o refresco doce achamos.

10

Por aqui rodeando a larga parte
 De Africa, que ficaua ao Oriente,
 A prouincia Ialofo, que reparte
 Por diuerſas nações a negra gente:
 A muy grande Mandinga, por cuja arte
 Logramos o metal rico, & luzente,
 Que do Curuo Gambea as agoas bebe,
 As quais o largo Athlantico recebe.

11

As Dorcadas passamos pouoadas
 Das Irmãs q' outro tempo ali viuião,
 Que de vista total sendo priuadas,
 Todas tres d'hum ſo olho ſe ſeruião:
 Tu ſó, tu cujas tranças encrespadas
 Neptuno lá nas agoas acendiaõ,
 Tornada ja de todas a mais fea
 De bjuoras encheſte a ardente aſea.

C A N T O

Sêpre éfim para o Austro a aguda proa
 No grandíssimo golfaó nos meremos
 Deixando a serra asperrima Lioa,
 CoCabo a quêdasPalmas nome demos:
 O grande rio, onde batendo soa
 O mar nas prayas notas, que ali temos
 Ficou, co a ilha illustre que tomou
 O nome d'hum q o lado a Deos tocou.

13

Aly o muy grande reyno està de Congo
 Por nôs já conuertido à fé de Christo,
 Por onde o Zaire passa claro, & longo,
 rio pellos antigos nunca visto:
 Por este largo mar emfim me alongo
 Do conhecido Polo de Calisto,
 Tendo o termino ardente já passado,
 Onde o meyo do mundo he limitado.

14

Jà descoberto tinhamos diante
 Lá no nouo Hemispherio nòua estrella
 Não vista de outra gente, que ignorante
 Algũs tempos effeue incerta della:
 Vimos a parte menos rutilante,
 E por falta d'estrellas menos bella,
 Do Polo fixo, onde inda se não sabe
 Que outra terra comece, ou mar acabe.

15

Assi passando aquellas regioês,
 Por onde duas vezes passa Apollo,
 Dous inuernos fazendo, & dous verões
 Em quãto corre d'hum ao outro Polo
 Por calmas, por tormêtas, & opressões
 Que sempre faz no mar o irado Eolo,
 Vimos as Vrlas a pesar de Iuno
 Banharemse nas agoas de Neptuno.

16

Cor

Contarte longamente as perigosas
Cousas do mar, q os homẽs não entẽde
Subitas trouoadas temerosas,
Relampados q o ar em fogo acendem:
Negros chuueiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trouaões, q o mudo fendẽ,
Não menos he trabalho, q grande erro,
Ainda que tiuesse a voz de ferro.

17

Os casos vi que os rudos marinheiros,
q tem por mestra a longa experiencia,
Cõtão por certos sēpre, & verdadeiros
julgando as cousas sô pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que sô por puro engenho, & por ciẽcia
Vem do mundo os segredos escódidos
julgaõ por falsos, ou mal entendidos.

18

Vi claramente visto o lume viuo
Que a maritima gente tem por santo,
Em tēpo de tormenta, & vento esquiuo
De tempestade escura, & triste pranto:
Não menos foy a todos excessiuo
Milagre, & cousa certo dẽ alto espanto,
Ver as nuuẽs do mar com largo cano
Soruer as altas agoas do Oceano.

19

Eu o vi certamente (& não presumo
Que a vista me enganaua) levantar-se
No ar hum vaporzinho, & sutil fumo,
E do vento trasido, rodear-se:
De aqui levado hũ cano ao Polo sumo
Se via, taõ delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia,
Da materia das nuuẽs parecia.

C A N T O

Hia se pouco, & pouco acrescentando,
 E mais q' hũ largo masto se engrossaua,
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 Osgolpes'grâdes de agoa em si chupaua:
 Estauase co as ondas ondeando,
 Encima delle hũa nuuem se espessaua,
 Fazendose mayor, mais carregada
 Coa carga grãde d'agoa em si tomada.

21

Qual roxa Sanguesuga se vertia
 Nos beiços da alimaria, q' imprudente,
 Bebendo a recolheo na fonte fria,
 Fartar co sangue alheyo a sede ardête:
 Chupãdo mais & mais se engrossa & cria
 Ali se enche, & se alarga grandemente,
 Tal a grande coluna, enchêdo aumenta
 A si, & a nuuem negra que sustenta.

22

Mas despois que de todo se fartou
 O pé que tem no mar a si recolhe,
 E pello Ceo chouendo emfim voou,
 Porque coa agoa a jacête agoa molhe
 Aas ondas torna as ondas que tomou,
 Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe;
 Vejaõ agora os sabios na escriptura,
 Que segredos são estes de Natura.

23

Se os antigos Philosophos, q' andáraõ
 Tantas terras, por ver segredos dellas,
 As marauilhas que eu passei, passáraõ
 A taõ diuersos ventos dando as vellas
 Que grandes escripturas que deixáraõ
 Que influicão de lignos, & de estrellas
 Que estranhezas, q' grâdes qualidades
 E tudo sem mentir, puras verdades.

24

M

Mas já o Planeta, q̃ no Ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro (madas
Mostrara, em quãto o mar cortaua a ar
Quãdo da Eterea gauea hũ marinheiro
Prompto co a vista, terra, terra, brada,
Salta no bordo aluorogada a gente,
Cos olhos no Horizonte do Oriente.

25

A maneira de nuués se começaõ
A descobrir os montes, q̃ enxergamos,
As ancoras pesadas se adereçaõ,
As vellas já chegados amainamos:
E para que mais certas se conheçaõ
As partes taõ remotas, onde estamos,
Pelo nouo instrumento do Astrolabio
Inuençaõ de sutil juizo, & sabio.

26

Desembarcamos lôgo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalkou,
De ver cousas estranhas desejaõ
Da terra, que outro pouo não pison:
Porẽm eu cos pilotos na arenosa
Praya, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a vniuersal pintura.

27

Achamos ter de todo já passado
Do Semicapro pexe a grande meta,
Estando entre elle, & o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secretas:
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
q̃ tomaraõ per força, em quãto apanha
De mel os doces faues na montanha.

C A N T O

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal estre-
Nem elle entêde a nós, nem nós a elle
Seluagem mais que o bruto Polifem
Começolhe a mostrar da rica pelle
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria,
A nada disto o bruto se mouia.

29

Mádo mostrarlhe peças mais somen-
Contas de Chrystalino transparente,
Algũs loantes cascaueis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente
Vi lôgo por sinais, & por acenos,
Que com isto se alegra grandemente,
Mandoo soltar cô tudo, & assi caminha
Para a pouoação, que perto tinha.

30

Mas lôgo ao outro dia seus parceiros
Todos nũs, & da cor da escura treua,
Decendo pelos asperos outeiros
As peças vẽ buscar, que estoutro leua
Domesticos já tanto, & companheiros
Se nos mostraõ, que fazem q̃ se atra
Fernaõ Velloso a irver da terra o tra
E partirse cô elles pelo mato.

31

Hẽ Velloso no braço confiado,
E de arrogante cre que vay seguro,
Mas sendo hũ grãde espaço já passa
Em que algũ bom final saber procura
Estando, a vista alçada, co cuidado
No aventureiro, eis pelo monte dur
Aparece, & segundo ao mar caminha
Mais apressado do que fora vinha.

32

O ba

O batel de Coelho foy depressa
 Pelo tomar, mas antes que chegasse,
 Hum Ethiope ousado se arremessa
 A elle, porque não se lhe escapasse:
 Outro & outro lhe saê, vese em pressa
 Velloso, sem q' alguem lhe ali ajudasse,
 Acudo eullôgo, & equâto o remo aperto
 Se mostra hũ bãdo negro descuberto.

33

Da espessa nuuem sêtas, & pedradas
 Chouem sobre nosoutros sem medida,
 E não forão ao vento em vaô deitadas,
 Que esta perna trouxe eu ali ferida:
 Mas nós como pessoas magoadas
 A reposta lhe demos tam tecida
 Que em mais q' nos bafretes se sosveita
 Que a cor vermelha leuam desta feita.

34

E sendo já Velloso em saluamento,
 Lógo nos recolhemos para a armada,
 Vendo a malicia fea, & rudo intento
 Da gente bestial, bruta, & maluada:
 De quem nenhũ melhor conhecimento
 Podemos ter da India desejada,
 Que estarmos inda muito longe della,
 E assi torney a dar ao vento a vella.

35

Disse entã a Velloso hũ companheiro
 (Começandose todos a sorrir)
 Oulã, velloso amigo, aquelle outeiro
 He melhor de decer, que de subir:
 Si he, responde o ousado aventureiro,
 Mas quando eu para cá vi tantos vir,
 Daquelles caês, depressa hũ poucovim,
 Por me lêbrar, q' estaueis cá sem mim.

36

E 4.

Con.

C A N T O

Contou então, que tanto que passára
Aquelle môte os negros, de quem fall
Avante mais passar o não deixaraõ,
Querendo, se não torna, ali matallo:
E tornandose, logo se emboscaraõ,
Porque faindo nós para tomallo,
Nos podessem mãdar ao reino escuro
Por nos roubarem mais a seu seguro.

37

Porém já cinco Soes eraõ passados,
Que dali nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem nauegados
Prosperamente os ventos altoprand
Quando húa noite estado descuidado
Na cortadora proa vigiando,
Húa nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

38

Taõ temerosa vinha, & carregada,
Que pos nos coraçoões hũ grãde med
Bramindo o negro mar, de lôge brad
Como se dèsse em vão nalgũ roched
Ô potestade, disse, sublimada,
Que ameaço diuino, ou que segredo,
Este clima, & este mar nos apresenta
Que môr cousa parece, que tormenta

39

Naõ acabana, quando húa figura
Se nos mostra no ar, robusta, & vallida
De disforme, & grandissima estatura
O rosto carregado, a barba esqualida
Os olhos encouados, & a postura
Medonha & má, & a cor terrena & pallida
Cheos de terra, & crespos os cabellos
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grãde era de membros, & hã posso
 Certificar-te, que este era o segundo
 De Rhodes e stranhissimo Colosso,
 Que hũ dos sete milagres foi do mudo;
 Cũtõ de voa nofalla norrêdo & grosso,
 Que pareceo sair do mar profundo,
 Arrepiãse as carnes, & o cabelo
 A my, & a todos, sã de ouuilo, & velo.

41

E disse. O gente oufada mais, q̃ quantas
 No mundo cometerãõ grandes cousas,
 Tu que por guerras cruas, tais, & tãtas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas;
 Pois os vedados terminos quebrantas,
 E nauegar meus longos mares oufas,
 Q̃ eu tãto tẽpo ha jã q̃ guardo, & tenho,
 Nũca arãdos destranho, ou proprio le-

42

(nho.

Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza, & do humido elemento,
 A nenhum grande humano concedido;
 De nobre, ou de immortal merecimento.
 Ouue os danos de my, que apercebidos
 Estãõ, a teu sobejo atreuimento,
 Por todo o largo mar, & pela terra,
 Que inda hasde sojugar cõ dura guerra

43

Sabe, que quantas naos esta viagem,
 Que tu fazes, fizerem de atreuidas,
 Inimiga terãõ esta paragem
 Com ventos, & tormentas delmedidas;
 E da primeira armada, que passagem
 Fizer por estas ondas insultridas,
 Eu farey dimprouiso tal castigo,
 Que seja mór o dano, que o perigo.

44

E S

Aqui

C A N T O

Aqui espero tomar (se não me enganar)
De quem me descobrio suma vingança
E não se acabará sô nisto o dano
De vossa pertinace confiança;
Antes em vossas naos vereis cada anno
(Se he verdade oq meu juyzo alcança)
Naufragios, perdiçoës de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte

45

E do primeiro Illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Ceos,
Serei eterna, & nòua sepultura,
Por juyzos incognitos de Deos;
Aqui porà da Turca armada dura
Os soberbos, & prosperos tropheos;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

46

Outro tambem virà de honrada fama
Liberal, caualleiro, namorado,
E consigo trará a fermosa dama,
q Amor por grã mercê lhe terà dada.
Triste vêtura, & negro Fado os chama
Neste terreno meu, que duro, & irado
Os deixará d'hum crú naufragio vias
Para verem trabalhos excessiuos.

47

Veraõ morrer cõ fome os filhos caros
Em tanto amor gèrados, & nascidos;
Verão os Cafres asperos, & avaros
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os crystalinos membros, & preclaros
Aa calma, ao frio, ao ar veraõ despido
Depois de ter pisada longamente
Cos delicados pès a areia ardente.

48

E

E verão mais os olhos, que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na feruida, & implacavel espessura;
 Ali despois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dor, de magoa pura,
 Abraçados as almas soltarão
 Da fermosa, & miserima prisão.

49

Mais hia pordiante o môstro horrendo
 Dizendo nossos Fados, quando alçado
 Lhe disse eu. Quê es tu, q̃ esse estupendo
 Corpo, certo me tem marauilhado?
 A boca, & os olhos negros retorcendo,
 E dando hũ espãtofo, & grande brado,
 Me respondeo cóvoz pesada, & amara,
 Como quem da pergunta lhe pesara.

50

Eu sou aquelle occulto, & grãde Cabo,
 A quẽ chamais vós outros Tormentorio
 q̃ nunca a Ptolomeu, Põponio, Estrabo,
 Plinio, & quantos passaraõ fuynotio.
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto Promontorio,
 Que para o Polo Antartico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto offende.

51

Fuy dos filhos asperros da terra,
 Qual Encelado, Egeo, & o Centimano;
 Chameime Adamastor, & fuy na guerra
 Contra o q̃ vibra os rayos de Vulcanõ:
 Não que possesse serra sobre serra,
 Mas cóquistando as ondas do Oceano
 Fuy capitão do mar, por onde andava
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

C A N T O

Amores da alta esposa de Pelêo
 Me fizeram tomar tamanha empresa;
 Todas as Deosas desprezei do Ceo,
 Sò por amar das agoas a Princeza;
 Hum dia a vi coas filhas de Nerêo
 Sair nua na praya, & lôgo presa
 A vontade finti, de tal maneira
 q̃ inda não sinto cousa q̃ mais queira.

53

Como fosse impossivel alcançalla,
 Pela grandeza fea de meu gesto,
 Determinei por armas de tomalla,
 E a Doris este calo manifesto;
 De medo a Deosa então por mi lhe fallou,
 mas ella cum fermolo riso honesto,
 Respondeo. Qual será so amor bastante
 De Nimpha, q̃ sustête o d'hum Gigante?

54

Com tudo por liurarmos o Oceano,
 De tanta guerra, eu buscarei maneira,
 Com q̃ com minha hõra escuse o dano;
 Tal resposta me torna a mensageira;
 Eu que cair não pude neste engano
 (Que he grãde dos amantes a cegueira)
 Encherãome cõ grandes abundanças
 O peito de desejos, & esperanças.

55

Jà nescio, já da guerra desistindo,
 Hũa noite de Doris prometida,
 Me aparece de longe o gesto lindo
 Da branca Thetis vnica despida;
 Como doudo corri de longe, abrindo
 Os braços, para aquella, que era vida
 Deste corpo, & começo os olhos bellos
 A lhe bejsar, as faces, & os cabellos.

56

O que

O que não sei de nojo como o conte!
 E crendo ter nos braços quem amava,
 Abraçado me achei cum duro monte
 De aspero mato, & de espessura braua;
 Estando cum penedo fronte a fronte,
 Qu'eu pelo rosto angelico apertaua,
 Nã fiquei homẽ não, mas mudo & q̃do;
 E junto d'hum penedo outro penedo.

57

O Nimpha a mais fermosa do Oceano,
 Já que minha presença não te agrada,
 Que te custaua terme neste engano,
 Ou fosse monte, nuuẽ, lonho, ou nada?
 Daqui me parto irado, & quasi insano
 Da magoa, & da deshonra ali passada,
 A buscar outro mundo, onde não visse
 Quẽ de meu prato & de meu mal se risse.

58

Eraõ já neste tempo meus irmãos
 Vécidos, & em miseria extrema postos,
 E por mais segurar-se os Deos vãos,
 Algũs a varios montes sottopostos:
 E como contra o Ceo não valem mãos,
 Eu q̃ chorado andaua meus desgostos,
 Comecey a sentir do Fado imigo
 Por meus atreuimentos o castigo.

59

Conuertese-me a carne em terra dura,
 Em penedos os ossos se fizeraõ,
 Estes membros, que ves, & esta figura
 Por estas, longas agoas se estenderaõ:
 Emfim minha grandissima estatura
 Neste remoto cabo conuerteraõ
 Os Deoses, & por mais dobrada magoas
 Me anda Thetis cercando destas agoas.

C A N T O

Assi contaua, & cū medonho choro
Subito dante os olhos se apartou,
Desfez-se a nuuem negra, & cū sonoro
Bramido, muito longe o mar soou:
Eu, leuātando as mãos ao sancto Coro
Dos Anjos, que tam longe nos guiou,
A Deos pedi, que remouesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros

61

Iá Phlegon, & Pyrôis vinhaó tirando
Cos outros dous o carro radiante,
Quādo a terra alta se nos foi mostrão
Em que foi conuertido o gram gigante
Ao longo desta costa, começando
Iá de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hū pouco nauegamos
Onde segunda vez terra tomamos.

62

A gente, que esta terra possuhia,
Posto que todos Ethiôpes erão,
Mais humana nō trato parecia,
Que os outros, q̃ tã mal nos receberia
Com bailos, & com festas de alegria
Pela praya arenosa a nós vieraó,
As mulheres consigo, & o manso gado
Que apacentauaó, gordo, & bẽ criado

63

As mulheres queimadas, vem encima
Dos vagarosos bois, ali sentadas,
Animais, que elles tem em mais estima
Que todo o outro gado das manadas
Cantigas pastoris, em prosa, ou rima,
Na sua lingua cantão concertadas,
Co doce som das rusticas auenas,
Imitando de Titiro as Camenas.

64

Ed

Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos tratárao,
Trazendonos galinhas, & carneiros
A troco doutras peças, q̃ leuárao: (ros
Mas como nũca emfim meus cõpanhei-
Palaura sua algũa lhe alcançárao,
Que desse algum final do q̃ buscamos,
As vellas dando, as ancoras leuamos.

65

Ia aqui tinhamos dado hũ gram rodeo
À costa negra de Africa, & tornaua
A proa a demandar o ardente meyo
Do Ceo, & o Polo Antartico ficaua:
Aquelle ilheo deixamos, onde veyo
Outra armada primeira, que buscava
O tormentorio Cabo, & descuberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

66

Daqui fomos cortando muitos dias
(Entre tormentas tristes, & bonanças,)
O largo mar, fazendo novas vias
Sò conduzidos de arduas esperanças:
Co mar hum tẽpo andamos em perñas
Que como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achamos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

67

Era mayor a força em demasia
Segundo para tras nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento, que assoprava:
Injuriado Noto da peñia,
Em que co mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fezvêcer a grão corrente.

68

F 8

Tra-

C A N T O

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em q̃ tres Reys das partes do Oriente
Forão buscar hum Rey de pouco nado
No qual Rey outros tres ha junta neta
Neste dia outro porto foy tomado
Por nòs, da mesma já contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome deu
Do dia, em que por elle nos metemos.

69

Desta gente refresco algum tomamos,
E do rio fresca agoa, mas com tudo
Nenhum final aqui da India achamos
No pouo com nosoutros casi mudo:
Ora vê Rey quamanha terra andamos
Sem sair nunca deste pouo rudo,
Sem vermos nunca noua, nem final
Da desejada parte Oriental.

70

Ora imagina agora quam coitados
Andariamos todos, quam perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados
Por climas, & por mares não sabidos
E do esperar comprido tão cansados,
Quanto a desesperar já compellidos,
Por ceos não naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

71

Corrupto já, & danado o mantimento
Danoso & mau ao fraco corpo humano
E alem disso nenhum contentamento,
Que se quer da esperança fosse enganoso
Cres tu que se este nosso aiuntamento
De soldados, não fora Lusitano,
Que durára elle tanto obediente
Por vêtura a seu Rey, & a seu regente!

72

Cro

Cres tu que já não foram levantados
 Contra seu capitaó se os resistira,
 Fazendose Piratas, obrigados
 De desesperaçáo, de fome, de ira?
 Grandemête por certo estão prouados,
 Pois q' nenhum trabalho grande os tira
 Daquella Portuguesa alta excellencia,
 De lealdade firme, & obediencia.

73

Deixando o porto emfim do doce rio,
 E tornando a cortar a agoa salgada,
 Fizemos desta costa algum desuio
 Deitando para o pégo toda a armada:
 Porque ventando Nôto manso, & frio
 Não nos apanhasse a agoa da enseada,
 Que a costa faz ali daquella banda,
 Donde a rica Sôfála o ouro manda.

74

Esta passada, lôgo o leve leme
 Encomendado ao sacro Nicolao, (me,
 Para onde o mar na costa brada, & ge-
 A proa inclina d'hũa, & doutra nao:
 Quando indo o coraçáo, q' espera, & te-
 E q' tanto fiou d'hũ fraco pao, (me,
 Do que esperava já desesperado,
 Foy d'hũa novidade aluorocado.

75

E foy, que estando já da costa perto,
 Onde as prayas, & valles bem se viaó,
 Num rio, que ali sae ao mar aberto,
 Bateis á vella entraução, & sabião:
 Alegria m uy grande foy por certo,
 Acharmos já pessoas, que sabião
 Nauegar, porque entr'ellas esperamos
 De achar novas algúas, como achamos

C A N T O

Ethiopes são todos, mas parece
Que com gente melhor comunicaua
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a lingoagem sua, que falauão.
E com pano delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertauão,
Com outro, que de tinta azul se tingem
Cada hũ as vergonhosas partes cobrem

77

Pela Arabica lingua, que mal falão,
E q̃ Fernão Martinz muy bem entendeu
Nos dizem, q̃ por naos, q̃ estas iguaes
Na grãdeza, o seu mar se corta, & fere
Mas q̃ là donde sae o Sol se abalaão
Para onde acosta ao Sul se alarga & fere
E do Sul para o Sol, terra onde auia
Gente así i como nós da cor do dia.

78

Muy grandemente aqui nos alegramos
Cõa gẽte, & cõ as nouas muito mais
Pelos sinais, que neste rio achamos
O nome lhe ficou dos bons sinais:
Hum padraõ nesta terra aleuanta
(Que para assinalar lugares tais
Trazia algũs) o nome tem do bello
Gmador de Tobias a Gabello.

79

Aqui de limos, cascas, & dostrinhas
Nojosa criaçã das agoas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminhos
Lógos do mar, vẽ sordidas, & imundas
Dos hospedes, que tinhamos visinhos
Com mostras a prasiueis, & jocundas
Ouemos sempre o vsado mantinhamos
Limpos de todo o falso pensamento

Mas naõ foi da esperança grãde & immẽsa
 Que nesta terra ouuemos, limpã & pura
 A alegria, mas logo a recompensa
 A Ramnusia com nõua desventura:
 Assim no Ceo sereno se dispensa
 Cõ esta condiçãõ pesada, & dura
 Facemos; o pesar terã firmeza,
 Mas o bem logo muda a natureza.

81

E foy, que de doença crua, & fea,
 A mais que eu nunca yi, desemparrãõ
 Muitos a vida, & em terra estranha & a-
 Os ossos para sèpre sepultãõ: (lhez
 Quem auerã que sem o ver o crea?
 Que tã disformemẽte ali lhe inchãõ
 As gengiuas na boca, que crecia
 A carne, & juntamente apodrecia.

82

Apodrecia cum fetido, & bruto
 Cheiro, q̃ o ar visinho inficionaua,
 Não tinhamos ali medico astuto,
 Sururgiãõ sutil menos se achaua: (cto;
 Mas qualq̃r neste ofício pouco instru-
 Pela carne ja podre assi cortaua,
 Como se fora morta, & bem conuinha,
 Pois que morto ficaua, quem a tinha.

83

Emfim que nesta incognita espessura
 Deixamos para sèpre os cópanheiros,
 Q̃ em tal caminho, & em tãta deliuetura
 Foraõ sempre comnosco auẽtureiros:
 Quãfacil he ao corpo a sepultura! (ros
 Quaesq̃r ondas do mar, quaesq̃r outei-
 Estranhos, assi mesmo como aos nossos
 Receberão de todo o illustre os ossos.

84

Assi

C A N T O

Assi que deste porto nos partimos
 Com mayor esperança, & mór tristeza
 E pela coísta abaixo o mar abrimos,
 Buscando algum final de mais firmeza
 Na dura Moçambiç emfim surgimos
 De cuja falsidade, & mã vileza
 Ia seràs sabedor, & dos enganos
 Dospouos de Mõbaça pouco human

85

Atê que aqui no teu seguro porto,
 (Cujã brandura, & doce tratamento)
 Darã saude ahúvino & vida ahú mor
 Nos trouxe a piedade do alto assen
 Aqui repouso, aqui doce conforto,
 Noua quietação do pensamento
 Nos dêste, & ves aqui, se atêto ouvi
 Te contei tudo quanto me pediste.

86

Iulga tu agora Rey se ouue no mundo
 Gêres, que tais caminhos cometesses
 Cris tu que tanto Eneas, & o facundo
 Vlysses pelo mundo se estendessem?
 Ousou algum a ver do mar profundo
 Por mais versos, q̃ d'elle se escreue
 Do q̃ euvi, a poder d'esforço, & de a
 E do q̃ inda ei de ver, a qitaua parte

87

Esse que bebeo tanto da agoa Aonia
 Sobre quem tem contenda peregrina
 Entre si, Rhode, Smirna, & Colofon
 Atenas, Yos, Argo, & Salamina:
 Effoutro que esclarece toda Aulonia
 A cuja voz altrifona, & diuina,
 Ouvindo opatrio Mincio se adorme
 Mas o Tibre co som se ensoberuece.

88

fé, louuê, & escreuaó sêpre estremos
 eões seus Semideoses, & encareçaó,
 agindo Magas, Circes, Polifemos,
 renas, que co canto os adormeçaó:
 emlhe mais nauegar à vella, & remos
 Cicones, & a terra, onde se esqueçaó
 s companheiros, em gostâdo o Loto,
 emlhe perder nas agoas o Piloto.

89

entos soltos lhe finjaó, & imaginem
 os odres, & Calipsos namoradas,
 arpias, que o manjar lhe contaminê,
 ecer às sombras nuas já passadas:
 ue por muito, & por muito q se afine
 estas fabulas vâas taóbem sonhadas,
 verdade, que eu conto nua, & pura
 encê toda grandiloca escriptura.

90

a boca do facundo Capitaó
 endendo estauaó todos embebidos,
 quando deu fim à longa narração
 dos altos feitos grandes, & subidos:
 louua o Rey o sublime coração
 dos Reys em tâtas guerras conhecidos,
 a gente louua a antiga fortaleza,
 a lealdade d'animo, & nobreza.

91

ay récontando o pouo, que se admira
 O caso cada qual, que mais notou,
 Nenhum delles da gente os olhos tira,
 Que tam longos caminhos rodeou:
 Mas já o mácebo Delio as redeas vira,
 Que o irmão de Lampecia mal guiou,
 Por vir a descâsar nos Tethios braços,
 e Rey se vay do mar aos nobrespacos.

CANTO

Quão doce he o louvor, & a justa gloria
 Dos proprios feitos, quando são soados
 Qualquer nobre trabalha, q' é memoria
 Vença, ou iguale os grãdes ja passados
 As enuejas da illustre, & alha historia
 Fazem mil vezes feitos sublimados;
 Quem valerosas obras exercita
 Louvor alheo muito o esperta, & incita

93

Nam tinha em tão os feitos gloriosos
 De Achilles Alexandro na pelleja,
 Quanto de quem o cãta, os numerosos
 Versos, isso só louua, isso deseja:
 Os tropheos de Melciades famosos
 Tem istocles despertão só de enueja,
 E diz, que nada tanto o deleitava
 Como a vez, q' seus feitos celebraua.

94

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
 Que essas nauegações, q' o mudo canta
 Não merecê tamanha gloria, & fama
 Como a sua, q' o Ceo, & a terra espanta
 Simas aquelle Heroe, q' estima, & ama
 Cõ doês, mercès, fauores. & hõra tanta
 A lira Mantuana faz, que soe
 Eneas, & a Romana gloria voe.

95

Dã a terra Lusitana Scipioes,
 Cesares, Alexandres, & dã Augustos,
 Mas não lhe dã cõ tudo aquelles do
 Cujã falta os faz duros, & robustos:
 Octauio, entre as maydres opressões
 Compunha versos doutos, & venustos
 Não dir. Fulvia certo, que he menti
 Quã to a deixaua Antonio por Glab

y Cesar sojugando toda França,
as armas não lhe empedem a sciência,
a nua mão a pena, & noutra a lança
qualqua de Cicero a eloquencia:
que de Scipião se sabe & alcança,
e nas comedias grande experiencia;
e Alexandro a Homero de maneira,
de sempre se lhe sabe à cabeceira.

97

não ouue forte Capitão,
que não fosse também doutor & sciēte,
a Lacia, Grega, ou Barbara nação,
ou da Portuguesa tão lamente;
em vergonha o não digo, que a razão
algum não ser por versos excellente,
e não se ver prezado o verso & rima,
porquê não sabe a arte nã na estima:

98

por isso, & não por falta de Natura
não há tãbẽ Virgilios, nem Homeros,
nem auerã, se esse costume dura,
nem Eneas, nem Achilles ferros;
mas o pior de tudo he, que a ventura
tam asperos os fez, & tam Austēros,
tam rudos, & de engenho tam remisso
a muitos lhe dà pouco, ou nada disso.

99

as Musas agardeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
a dar aos seus na lira nome, & fama,
e toda a illustre, & bellica fadiga;
e elle, nẽ que na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
sem as filhas do Tejo, que deixassem
as tellas douro fino, & que o cãtassem.

C A N T O

Porque o amor fraterno, & puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he samente o presuposto
Das Tagides gentis, & seu respeito;
Porém não deixe effim de ter desposto
Ninguê a grâdes obras sempre o peito
Que por ella, ou por outra qualq'r via
Não perderá seu preço, & sua valia,

C A N T O VI.

1



Lão sabia em que mo-
festejasse
O Rey Pagã os for-
nauegantes,
Para que as amiza-
alcançasse

Do Rey Christão, das gêtes tâ possã
Pesalhe que tam longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez visinho,
Dôde Hercules ao mar abriu camin-

2

Com jogos, danças, & outras alegria
(Segundo a policia Melindana)
Com vsadas, & ledas pescarias,
Cô q' a Lageia Antonio alegre, & en-
Este famoso Rey todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusado
Com frutas, aues, carnes, & pescado

3

Mas vendo o Capitaõ que se detinha
a mais do que deuia, & o fresco vento
O conuida que parta, & tome a sinha
Os Pilotos da terra, & mantimento,
Nã se quer mais deter, q̃ ainda tinha
Muito para cortar do falso argento:
do Pagã m benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

4

Pedelhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas Frotas visitado,
Que nenhũ outro bem mayor deseja,
q̃ dar a tais baroẽs seu Reyno, & estado:
E q̃ em quanto seu corpo o sprito reja,
Estarã de continuo aparelhado
A por a vida, & Reyno totalmente
Por taõ bõ Rey, por taõ sublime gente.

5

Outras palauras tais lhe respondia
O Capitaõ, & logo as vellas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
que tanto tempo ha ja q̃ vay buscãdo:
No Piloto, que leua nã auia
Falsidade, mas antes vay mostrando
A nauegação certa, & assi caminha
Ja mais seguro, do que dantes vinha.

6

As ondas nauegauã do Oriente
Ja nos mares da India, & enxergauã
Os talamos do Sol, que nace ardente,
Ja quasi seus desejos se acabauã;
Mas o mao Tionẽo, que na alma sente
As venturas, que entã se aparelhauã
A gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasfema, & desatir a

C A N T O

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma,
Não no pôde estoruar, que destinado
Está doutro poder, que tudo doma.
Do Olimpo dece emfim desesperado
Novo remedio em terra busca, & tom
Entra no humido reino, & vaíse à Cor
Daquelle, a quẽ o mar cahio em son

8

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se escóde
Lá donde as ondas saem furibundas
Quãdo às iras do vento o mar respõde
Neptuno mora, & moraõ as jocundas
Nereidas, & outros Deoses do mar, co
As agoas campo deixaõ às cidades
Que habitaõ estas humidas deidades

9

Descobre o fundo nunca descoberto
As áreas ali de prata fina,
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa crystalina;
Quanto se chegaõ mais os olhos po
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro, & radiante

10

As portas d'ouro fino, & marchetadas
Do rico aljofar, que nas conchas na
De esculptura fermosa estaõ lauradas
No qual do trado Baccho a vista pa
E vê primeiro em cores variadas
Do velho Chaos a tam confusa face,
Vemse os quatro elemetos traslada
Em diversos officios occupados,

Ali sublime o Fogo estaua encima,
 Que em nenhũa materia se soffinha,
 Daqui as cousas viuas sempre anima,
 Depois q̃ Promethêo furtado o tinhas
 Logo apos elle leue se sublinha
 O inuisivel Ar, que mais asinha
 Tomou lugar, & nẽ por quẽte, ou frio
 Algum deixa no mundo estar vasio.

12

Estaua a Terra em montes reuestida
 De verdes eruas, & arvores floridas,
 Dando pasto diuerso, & dando vida
 As alimarias nella produzidas:
 A clara forma ali estaua esculpida
 Das agoas entre a terra desparzidas,
 De pescados criando varios modos,
 Cõ seu humor-mâtêdo os corpostodos.

13

Noutra parte esculpida estaua a guerra
 Que tiueraõ os Deoses cos Gigantes;
 Esta Tipheo debaxo da alta serra
 Do Etna, que as flamas lãga crepitãtes:
 Esculpido se vè ferindo a terra
 Neptuno, quando as gentes ignorantes
 Delle o caualllo ouueram, & a primeira
 De Minerua pacifica Oliueira.

14

Pouca tardança faz Lyéo irado
 Na vista destas cousas, mas entrando
 Nos paços de Neptuno, que auisado
 Da vinda sua, o estaua jã aguardando,
 As portas o recebe, acompanhado
 Das Nymphas, q̃ se estaõ marauilhãdo,
 De ver que cometendo tal caminho,
 Entre no Reino d'agoa, o Rey do vinho.

15

62 O Nep-

CANTO

6 Neptuno, lhe disse, não se espante
De Baccho nos teus reynos receberes
Porq̃ també cos grandes, & possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes
Máda chamar os Deoles do mar, an
q̃ fale mais, se ouirme o mais quise
Verao da desfuentura grandes modos
Ouçaó todos o mal, que toca a tod

16

Iulgando ja Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, lógo manda
Tritaó, q̃chame os Deoses da agoa fr
q̃ o mar habitaó d'hũa, & doutra bã
Tritaó, que de ser filho se gloria
Do Rey, & da Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro, & feyo
Trombeta de seu pay, & seu Correy

17

Os cabellos da barba, & os que deca
Da cabeça nos hombros, todos era
Hús limos prenhes d'agoa, & bẽ pa
Que nunca brádo pentem conhece
Nas pontas pendurados não falece
Os negros mixilhoes, que ali se gera
Na cabeça por gorra tinha posta
Hũa muy grande casca de Lagosta.

18

O corpo nú, & os membros genitais
Por não ter ao nadar impedimento
Mas porẽm de pequenos animais
Do mar, todos cubertos cento, & d
Camaroões, & Cangrejos, & outros m
Que recebem de Phebo crescimento
Ostras, & Birbigoes, do mulco suj
às costas coa casca os Caramujos.

19

Na mão a grande concha retorcida,
 Que trazia, com força já tocava,
 A voz grande canora foy ouvida
 Por todo o mar, que longe retumbava:
 A toda a companhia apercebida
 Dos Deoses, para os Paços caminhava
 Do Deos, q' fez os muros de Dardania,
 Destroídos despois da Grega infania.

20

Vinha o Padre Oceano acompanhado
 Dos filhos, & das filhas que gèrara,
 Vem Nereo, que com Doris foy casado,
 Que todo o mar de Nimphas povoara:
 O Propheta Prothèo, deixando o gado
 Maritimo pacer pela agoa amara,
 Ali veyo tambem, mas já sabia
 Que o padre Lyèo no mar queria.

21

Vinha por outra parte a linda esposa
 De Nepruno, de Celo, & Vesta filha,
 Graue, & leda no gesto, & tão fermosa,
 Que se amansava o mar de marauilha:
 Vestida húa camisa preciosa
 Trazia de delgada beatilha,
 Que o corpo crystalino deixa ver-se,
 Que tanto hê não he para esconder-se:

22

Amphitrite fermosa como as flores,
 Neste caso não quis que falecesse,
 O Delphin traz cõfigo, que os amores
 Do Rei lhe aconselhou, que obedecessem
 Cos olhos, que de tudo são senhores,
 Qualquer parecerà que o Sol venceisse,
 Ambas vem pela mão, igoal partido,
 Pois ambas são esposas d'hum marido.

C A N T O

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo veyo a ter diuino estado,
Configo traz o filho, bello Infante,
No numero dos Deoses relatado:
Pela praya brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, q o salgar
Mar sempre cria, & às vezes pela areia
No colo o toma a bella Panopea.

24

E o Deos, q foi nũ tẽpo corpo humano
E por virtude da erua poderosa
Foy conuertido em pexe, & deste da
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feyo engano,
Que Circes tinha vſado coa fermosa
Scylla, q elle ama, desta sendo amado,
q a mais obriga a nor mal empregado.

25

Ia finalmente todos assentados
Na grande sala nobre, & diuinal,
As Deosas em riquissimos estrados,
Os Deoses em cadeiras de crystal:
Forão todos do Padre agasalhados,
Que co Thebano tinha assento igual,
De fumos enche a casa a rica massa,
q no marnaco & Arabia e cheiro paſſa.

26

Estando sossegado já o tumulto
Dos Deoses, & de seus recebimentos
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Tyonè de seus tormentos
Hum pouco carregandose no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos
So por dar aos de Luso triste morte
Co ferro alheyo, fala desta sorte.

Príncipe, que de juro senhoreas
 D'hú Polo, ao outro Polo o mar irado,
 Tu que as gentes da terra toda enfreas,
 Que não passem o termo limitado:
 Tu padre Oceano, que rodeas
 O mundo vniuersal, & o tens cercado,
 Com justo decreto así permites,
 Que dentro viraó só de seus limites:

28

E vos Deoses do mar, que não sofreis
 Injuria algũa em vosso reyno grande,
 Que cõ castigo igoal vos não vingueis
 De quẽquer q̃ por elle corra, & ande:
 Que descuydo foy este, em que vineis?
 Quem pode ser que tanto vos a grande
 Os peitos, com razaõ endurecidos
 Cõtra os humanos fracos, & atrevidos?

29

Vistes que com grandissima ousadia
 Foraõ ja cometer o Ceo supremo,
 Vistes aquella insana fantasia
 De tentarem o mar com vella, & remos
 Vistes, & ainda vemos cada di,
 Soberbas, & insolencias tais, que temo
 Q̃ do mar, & do Ceo em poucos annos
 Venhaõ Deoses a ser, & nós humanos.

30

Vedes agora a fraca geraçaõ
 Que d'hum vassallo meu o nome toma
 Com soberbo, & altiuo coizaço,
 A vos, & a my, & o mundo todo domar
 Vedes o vosso mar cortando vaõ,
 Mais do que fez a gente alta de Roma;
 Vedes que o vosso reyno deusando,
 Os vossos estatutos vão quebrando.

C A N T O

Eu vi q̃ contra os Mynias, q̃ primeiro
 No vosso reyno este caminho abri-
 zoreas injuriado, & o companheiro
 Aquilo, & os outros todos resistirão
 Pois se do ajuntamento aventureiro
 Os ventos esta injuria assi sentirão,
 Vos a quem mais cõpete estavingando
 Que esperais? porq̃ a pôdes em tardar

32

E não consinto Deoses que cuideis,
 Que por amor de vos do Ceo deci,
 Nem da magoa da injuria, que sofre
 Mas da que se me faz tambem a mi:
 Que aquellas grandes honras, q̃ sabeis
 Que no mundo ganhey, quando venci
 As terras Indianas do Oriente,
 Todas vejo abatidas desta gente.

33

Que o grão Senhor, & Fados q̃ destinou
 Como lhe bem parece, o baxo mundo
 Famas mores, que nunca determinou
 De dar a estes baroões no mar profundo
 Aqui vereis ò Deoses como ensinão
 O mal tambem a Deoses: que segundo
 Se ve, ninguem já tem menos valia,
 Que quem com mais razão valer de

34

E por isso do Olimpo ja fugi,
 Buscãdo algũ remedio a meus pesares
 Por ver o preço, que no Ceo perdi,
 Se por dita acharey nos vossos mares
 Mais quis dizer, & não passou daqui,
 Porque as lagrimas ja corrêdo a par
 Lhe saltarão dos olhos, com que logo
 Se acêdem as Deidades dágoa em fogo

35

Aira, com que subito alterado
 O coração dos Deos foy num ponto,
 Não sofre mais conselho bẽ cuidado,
 Nem dilayaõ, nem outro algũ descoto
 Ao grande Eolo mandão já recado
 Da parte de Neptuno, que sem conto
 Solte as furias dos vêtos repugnantes,
 Que não aja no mar, mais nauegantes,

36

Bem quizerá primeiro ali Protheo
 Dizer neste negocio o que sentia,
 E segundo o que a todos pareceo,
 Era algũa profunda prophecia:
 Porem tanto o tumulto se moueo
 Subito na diuina companhia,
 Que Thetis indinada lhe bradou,
 Neptuno sabe bem o que mandou.

37

Ia là o soberbo Hypotades soltaua
 Do carcere e fechado os furiosos
 Ventos, que com palabras animaua,
 Contra os varoẽs audaces, & animosos:
 Subito o Ceo sereno se obumbraua,
 Que os vêtos mais q̃ nũca imperuoso
 Começaõ novas forças a ir tomando,
 Torres, montes, & casas derribando.

38

Em quanto este conselho se fazia
 No fundo agualo, a leda lassa Frota
 Com vento fofegado proseguia
 Pelo tranquilo mar a longa rota:
 Era no tempo quando a luz do dia
 Do Eoo Enispherio esta remota,
 Os do quarto da prima se deitauão,
 Para o segundo os outros desperrauão.

Vécidos vem do sono, & mal despeto
Bocejando a meudo se encoftauaó,
Pelas antenas, todos mal cubertos,
Côtra os agudos ares, que affopraua
Os olhos contra feo querer abertos
Mal esfregando, os mēbros eftirauaó
Remedios côtra o sonno buscar quer
Historias contaó, casos mil referem

40

Com que melhor podemos, hū dizia
Este tempo passar, que he tam pesado
Senam com algum conto de alegria
Com que nos deixe o sono carregado
Responde Lionardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado,
Que contos poderemos ter melhora
Para passar o tempo, que de amores

41

Nam he, disse Velofo, coufa justa
Tratar branduras em tanta aspereta
Que o trabalho do mar, que tâto co
Nam sofre amores, nem delicadeza
Antes de guerra feruida, & robusta
A nossa historia feja, pois dureza
Nossa vida ha de fer, segundo enten
Que o trabalho porvir mo eftâ dizê

42

Consentem nifto todos, & encomêda
A Velofo, que conte ifto, que aprova
Contarei, disse, fem que me reprenda
De contar coufa fabulofa, ou noua
E porq̃ osq̃ me ouvirẽ daqui aprenda
A fazer feitos grandes de alta proua
Dos nacidos direy na nossa terra,
E eftes sejam os doze de Inglaterra.

No tempo que do reyno a redea leue
 Ioão filho de Pedro moderaua,
 Despois que sossegado, & liure o teue
 Do visinho poder, que o molestaua:
 La na grande Inglaterra, que da neue
 Boreal sempre abunda, semeaua
 A fera Erinis dura & mã cizania,
 Que lustre fosse à nossa Lusitania.

44

Entre as damas gêtis da Corte Inglesa,
 E nobres cortesoês, a caso hum dia
 Se levantou discordia em ira acesa,
 Ou foy opiniam, ou foy perfia:
 Os Cortesoês, a quem tam pouco pesa
 Soltar palauras graues de ousadia,
 Dizê que prouarãm, q̃ honras, & tãmas
 Em tais damas não ha, para ser damas.

45

E q̃ se ouuer alguẽ cõ lança, & espada,
 Que queira sustentar a parte sua,
 Que elles em campo raso, ou estacada,
 Lhe darão fea infamia, ou morte crua;
 A femenil fraqueza pouco usada,
 Ou nũca a oprobrios tais, vêdose nua
 De forças naturais conuenientes,
 Socorro pede a amigos, & parentes.

46

Mas como fossem grandes, & possantes
 No reyno os inimigos, nam se atreuem
 Nem parentes, nem feruidos amantes,
 A sustentar as damas, como deuem:
 Com lagrimas fermosas, & bastantes
 A fazer, q̃ em socorro os Deoses leuem
 De todo o Ceo, por rostos de alabastro
 Se vão todas ao Duque de Alencastro.

47

Q 6

Era

C A N T O

Era este Ingrès potente, & militára
Cos Portugueses já contra Castella,
Onde as forças magnanimas prouára
Dos companheiros, & benigna estrella
Naõ menos nesta terra esprimentára
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rey, que por mulher a toma

48

Este, que socorrer lhe naõ queria
Por naõ causar discordias intestinas,
Lhe diz, quando o direito pretendia
Do reyno là das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, & partes tam diuinas,
Que elles los poderiaõ (se naõ erro)
Sustentar vossa parte a fogo, & ferro

49

E se, agrauadas damas, sois seruidas,
Por vos lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas, & polidas,
De vosso agrauo os fação sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palauras d'afagos, & d'amores
Lhe sejaõ vossas lagrimas, que eu crey
Que ali tereis socorro, & forte esteya

50

Dest'arte as aconselha o Duq experto
E logo lhe nomea doze fortes,
E porque cada dama hum tenha certo
Lhe manda que sobr'elles lancẽ sorte
Que ellas so doze saõ; & descuberto
Qual a qual tem caído das consortes,
Cad'ũa escreue ao seu por varios me
Etodas a seu Rei, & o Duq a todos. (da

chega a Portugal o mensageiro,
 Toda a Corte aluoroça a novidade;
 Quisera o Rey sublime ser primeiro,
 Mas não lho sofre a Regia Magestade;
 Qualquer dos Cortesões aventureiro
 Deseja ser, com feruida vontade,
 E so fica por bemaumenturado,
 Quem já vem pelo Duque nomeado.

52

Là na leal Cidade, donde teue
 Origẽ (como he fama) o nome eterno
 De Portugal, armar madeiro leue
 Manda, o que tem o leme do gouerno:
 Apercebem-se os doze em tẽpo breue
 d'armas, &roupas devso mais moderno
 De elmos, cimeras, letras, & primores,
 Caualllos, & concertos de mil cores.

53

Là do seu Rey tomado tem licença
 Para partir do Douro celebrado
 Aquelles, que escolhidos por sentença
 Foraõ do Duque Ingres esperimentado:
 Não ha na companhia differença
 De caualleiro, destro, ou esforçado:
 Mas hum so, que Magriço se dizia,
 Dest'arte falla a forte companhia.

54

Fortissimos conlocios, eu desejo
 Ha muito já de andar terras estranhas
 Porver mais agoas, qas do Douro & Tejo
 Varias gentes, & leys, & varias manhas:
 Agora q' aparelho certo vejo, (nhas)
 (Pois q' do mundo as cousas são tama-
 Quero, se me deixais, ir so por terra,
 Porq' eu serey cõuoscõ em Inglaterra.

C A N T O

E quando caso for, que eu impedido
 Por quem das cousas he vltima linha
 Não for conuolco ao prazo instituido
 Pouca falta vos faz a falta minha:
 Todos por my fareis o que he diuido
 Mas se a verdade osprito me adiuin
 Rios, montes, fortuna, ou sua inueja
 Não faraó, que eu cōuolco là não se

56

Afsi diz, & abraçados os amigos,
 E tomada licença, emfim se parte:
 Passa Liaó, Castella, vendo antigos
 Lugares, que ganhàra o patrio Marte
 Nauarra, cos altíssimos perigos
 Do Perinèò, q̃ Espanha & Gallia part
 Vistas emfim deFrãça as cousas grãde
 Do grãde Imperio foi parar emFrãde

57

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha
 Sem passar se deteu muitos dias,
 Mas dos onze a illustríssima cōpanha
 Cortaó do mar do Norte as ondas frias
 Chegados deInglaterra à costa estran
 Para Londres já fazem todos vias;
 Do Duque saó com festa agasalhados
 E das damas seruidos, & amimados.

58

Chegase o prazo, & dia alsinalado,
 Dé entrar em câpo ja cos doze Ingle
 Que pelo Rey ja tinhaó segurado,
 Armaõse delmos, greuas, & de arnefe
 Ia as damas tẽ por si fulgẽte, & arma
 O Mauorte feroz dos Portugueses,
 Vestemse ellas de cores, & de sedas,
 De ouro, & de joyas mil, ricas, & led

59

N

Mas aquella, a que fora em sorte dado
 Magriço, que não vinha, com tristeza
 Se veste, por não ter quem nomeado
 Seja seu cavalleiro, nesta empresa:
 Bem que os onze apregoão, q' acabado
 Será o negocio assi na Corte Inglesa,
 Que as damas vécedoras se conheção,
 Posto q' dous, & tres dos seus falleção.

60

Ia num sublime, & publico theatro
 Se assenta o Rey Inglês cō toda a corte;
 Estavaõ tres, & tres, & quatro, & quatro,
 Bẽ como a cada qual coubera em sorte:
 Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bato
 De força, esforço, & d'animo mais forte
 Outros doze sair, como os Ingleses
 No câpo, contra os onze Portugueses.

61

Mastigaõ os cavalloos escumando
 Os aureos freos, com feroz semblante;
 Estava o Sol nas armas rutilando
 Como em crystal, ou rigido diamante:
 Mas enxergase num, & noutro bando
 Partido desigoal, & dissonante,
 Dos onze cōtra os doze, quando a gente
 Começa a aluorocar-se geralmente.

62

Viraõ todos o rosto aonde avia
 A causa principal do reboliço,
 Eis entra hum cavalleiro, que trazia
 Armas, cavallo, ao bellico serviço:
 Ao Rey, & às damas falla, & logo se hia
 Para os onze, q' este era o graõ Magriço:
 Abraça os cópanheiros como amigos,
 A quem não falta certo nos perigos.

63

G 8

A

C A N T O

A dama como ouuio, q̃ este era aquel
 q̃ vinha a defender seu nome, & fama
 Se alegra, & veste ali do animal de He
 q̃ a gente bruta mais q̃ a virtude ama
 Ia daõ final, & o fom da tuba impelle
 Os bellicosos animos, que inflama;
 Picaõ despóras, largaõ redeas lògo,
 Abaxaõ lanças, fere a terra fogo.

94

Dos cauallos o estrepito parece,
 Que faz, q̃ o chaõ debaxo todo treme
 O coraçaõ no peito, que estremece,
 De quem os olha, se aluoroça, & tem
 Qual do cauallo voa, que não dece,
 Qual co cauallo em terra dando, gen
 Qual vermelhas as armas faz de brẽ
 Qual cos penachos do elmo açouta

65

(anca

Algum dali tomou perpetuo sono,
 E fez da vida ao fim breue interuallo
 Correndo algũ cauallo vay sem dor
 E noutra parte o dono sem cauallo:
 Cae a soberba Inglaterra de seu trono,
 Que dous, ou tres já fõra vaõ do val
 Os que de espada vem fazer batalha
 Mais achãõ já q̃ arnes, escudo, & mal

66

Gastar palauras em contar estremos
 De golpes feros, cruas estocadas,
 He desses gastadores, que sabemos
 Maos do tempo, com fabulas sonha
 Basta por fim do caso, que entendem
 Que com finezas altas, & affamadas,
 Cos nossos fica a palma da victoria,
 E as damas vencedoras, & com gloria

67

Recolhe o Duque os doze vencedores
 Nos seus Paços, com festas, & alegria,
 Cozinhaes occupa, & caçadores
 Das damas a fermosa companhia;
 Que querem dar aos seus libertadores
 Banquetes mil, cada hora, & cada dia,
 Em quanto se detem em Inglaterra,
 Até tornar à doce, & chara terra.

68

Mas dizem q' cõ tudo o graõ Magriço
 Desejoso de ver as cousas grandes,
 Lá se deixou ficar, onde hum seruiço
 Notauel á Condeffa fez de Frandes:
 E como quem não era ja nouiço
 Em todo trance, onde tu Marte mães,
 Hũ Frances mata em câpo, q' o destino
 Lã teue de Torcato, & de Coruino.

69

Outro tãbem dos doze em Alemanha
 Se lança, & teue hum fero desafio
 Cum Germano enganoso, q' cõ manha
 Não deuida o quis por no extremo fio:
 Contando assi Veloso, ja a companhia
 Lhe pede, que não faça tal desuiço
 Do caso de Magriço, & yencimento,
 Não deixe o de Alemanha é esquecimẽto

70

Mas neste passo assi pròtos estando,
 Eis o mestre, q' olhando os ares anda,
 O apito toca, acordaõ despertando
 Os marinheiros d'hũa, & doutra bãda:
 E porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaueas tomar manda,
 Alerta, disse, estay, que o vento crece,
 Daquella nuem negra, que aparece.

C A N Y O

Não eraõ os traquetes bem tomados,
Quão dà a grande, & subita procel
Amaina, disse o mestre a grãdes braç
Amaina, disse, amaina a grande vella
Não esperaõ os ventos indinados,
Que amainassem, mas jutos dão no
Em pedaços a fazem, cum ruído,
Que o mundo pareceo ser destruydo

72

O Ceo fere com gritos nisto a gente
Cum subito temor, & desacordo,
Que no rôper da vella a Nao pèdem
Toma gram soma d'agoa pelo bordo
Alija, disse o mestre, rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo,
Vão outros dar à bomba não cessar
Aa bomba que nos imos alagando.

73

Correm logo os soldados animosos
A dar à bomba, & tanto que chegar
Os balanços, que os mares temerosos
Derão à Nao, nũ bordo os derribar
Tres marinheiros duros, & forçosos
A menear o leme não bastaraõ,
Talhas lhe punhão d'hũa, & doutra
Sẽ aproueitar doshomẽs força, & ar

74

Os ventos erã tais, que não podêrã
Mostrar mais força d'impeto cruel
Se para derribar então vierão
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que crescerão,
A pequena brandura d'hum batel,
Mostra a possante Nao, q moue espã
Vendo que se sostem nas ondas tan

75

A M

A Nao grãde, em q̃ vay Paulo da Gama,
 Quebrado leua o masto pelo meyo,
 Quasi toda alagada, a gente chama
 Aquelle, que a saluar o mundo veyo:
 Não menos gritos vaõs ao ar derrama
 Toda a Nao de Coelho, com receyo,
 Com quanto teue o mestre tanto tẽto,
 Que primeiro amainou q̃ desse o vẽto:

76

Agora sobre as nuens os subiãõ
 As ondas de Neptuno furibundo,
 Agora a ver parece que deciaõ
 As intimas entranhas do profundo:
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriãõ
 Arruinar a machina do mundo,
 A noite negra, & feya se alumia,
 Cos rayos, em que o Polo todo ardia:

77

As Alcionéas aues triste canto
 Junto da costa braua levantáraõ,
 Lembrandose de seu passado pranto,
 Que as furiosas agoas lhe causáraõ:
 Os Delfins namorados entretanto
 Lã nas conas maritimas entrãrãõ,
 Fugindo à tempestade, & ventos duros
 q̃ nem no fundo os deixa estar seguros,

78

Nunca tam viuos rayos fabricou
 Contra a fera soberba dos Gigantes,
 O grão ferreiro sordido, que obrou
 Do enteado as armas radiantes:
 Nem tanto o grão Tonante arremeçou
 Relampados ao mundo fulminantes,
 No grão diluuiõ, donde sos viuerãõ
 Os dous, q̃ é gẽte as pedras cóueterãõ.

79

Quan-

C A N T O

Quantos montes entaó, q̃ derribára
As ondas, que batiaó denodadas,
Quantas arvores velhas arrancáraó
Do vento brauo as furias indinadas:
As forçosas raizes não cuidáraó
Que nunca para o Ceo fossem viradas
Nem as fundas areas, que podessem
Táto os mares, q̃ encima as reuolue

80

Vendo Vasco da Gama, que tam per
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar até o inferno abert
Ora com noua furia ao Ceo subia;
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio santo, & for
Que o impolsiuel pôde, desta sorte

81

Diuina guarda, angelica, celeste,
Que os Ceos, o mar, & terra senhore
Tu que a todo Israel refugio dèste
Por metade das agoas Eritreas:
Tu que liuraste Paulo, & defendeste
Das Scyrtes arenosas, & ondas feas,
E guardaste cos filhos o segundo
Pouoador do alagado, & vacuo m

82

Se tenho nóuos medos perigosos
Doutra Scylla, & Caribdis ja passad
Outras Scyrtes, & baxos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desemparados,
Se este nosso trabalho não te offende
Mas antes teu seruiço só pretende

83

ditosos aquelles, que puderão
 Entre as agudas lanças Affricanas
 Terror, em quanto fortes soffuerão
 A sancta Fé, nas terras Mauritanas:
 De quem feitos illustres se soberaão,
 De quem ficão memorias soberanas,
 De quem se ganha a vida com perdella
 Doce fazêdo a morte as honras della.

84

Assi dizendo, os ventos que lutaão
 Como touros, indomitos bramando,
 Mais & mais a tormenta acrecêtaão,
 Pela meuda enxarcia assouando:
 Relampagos medonhos não cessauão,
 Feros trouços, que vem representando
 Cair o Ceo dos exos sobre a terra,
 Configo os elementos terem guerra.

85

Mas ja a amorosa Estrella scintilaua
 Diante do Sol claro, no Orizote
 Mensageira do dia, & visitaua
 A terra, & o largo mar, cõ leda fronte:
 A Deosa, que nos Ceos a governaua,
 De quem fuge o enfifero Oriente,
 Tanto q̃ o mar, & a chara armada vira,
 Tocada junto foy de medo, & de ira.

86

Estas obras de Baccho são por certo,
 Disse, mas não será, que suave leue
 Tão danada tenção, que descoberto
 Me será sempre o mal, a que se atreue:
 Isto dizendo, dece ao mar aberto,
 No caminho gastando espaço breue,
 Em quão mada as Nimphas amorosas
 Grinaldas nas cabeças por de rosas.

C A N T O

Erinaldas manda por de varias cores
 Sobre cabellos louros à perfia;
 Quem não dirá, que nacê roxas flor
 Sobre ouro natural, que amor infia
 Abrandar determina por amores
 Dos ventos a nojosa companhia,
 Mostrádo-lhe as amadas Nymphas bel
 q̃ mais fermosas vinhão, q̃ as estrel

87

Assi foy, porque tanto que chegára
 À vista dellas, lôgo lhe falecem
 As forças, com que dantes pelejára
 E já como rendidos lhe obedecem:
 Os pès, & mãos, parece, que lhe atára
 Os cabellos, que os rayos elcurecem
 A Boreas, que do peito mais queria
 Assi disse a bellissima Orithia.

88

Não creas, fero Boreas, que te creya
 Que me tiueste nunca amor constan
 q̃brádura he de amor mais certo an
 E nam conuem furor a firme amant
 Se ja não poês a tanta infania freya
 Não esperes de mi daqui em diante
 Que possa mais amarte, mas temer
 Que amor cõtigo, em medo se cõu

89

Assi mesino a fermosa Galatea
 Dizia ao fero Noto, que bem sabe,
 Que dias ha que em vela se recrea,
 E bem crê que com elle tudo acaba
 Nam sabe o brauo tanto, bẽ se o cre
 Que o coração no peito lhe não cab
 De contête de ver, q̃ a dama o ma
 Louco cuida que faz, se lôgo abra

Desta maneira as outras amansauam
 Subitamente os outros amadores,
 E logo à linda Venus se entregauam,
 Amansadas as iras, & os furores;
 Ella lhe prometeo, vêdo que amauam
 Tempiterno fauor em seus amores,
 Nas bellas mãos tomádo-lhe omenagê
 De lhe serem leais esta viagem.

91

Na manhã clara daua nos outeiros,
 Por onde o Ganges murmurando soa,
 Quando da celsa gauea os marinheiros
 Enxergàrão terra alta pela proa;
 A fôra de tormenta, & dos primeiros
 Mares, o temor vão do peito voa;
 Disse alegre o Piloto Melindano,
 Terra he de Calecut, se não me engano.

92

Esta he por certo a terra, que buscais
 Da verdadeira India, que aparece,
 E se do mundo mais não desejais,
 Vosso trabalho longo aqui fenece:
 Sofrer aqui não pode o Gama mais,
 De ledo em ver que a terra se conhece
 Os geolhos no chão, as mãos ao Ceo,
 A mercê grande a Deos agardeceo.

93

As graças a Deos daua, & razão tinha,
 Que não somete a terra lhe mostraua,
 Que com tanto temor buscando vinha,
 Por quem tão trabalho esprimêtaua,
 Mas via-se liurado tam afinha
 Da morte, que no mar lhe aparelhaua
 O vento duro, feruido, & medonho,
 Como quê despertou de horrêdo sonho.

94

Por

C A N T O

Por meyo destes horridos perigos,
 Destes trabalhos graues, & temores,
 Alcançaõ osq̃ saõ de fama amigos
 As hõras immortais, & os graos ma
 Nam encoftados sempre nos antigo
 Troncos nobres de seus antecessores
 Não nos leitos dourados, entre os
 Animais de Moscouia Zebellinos.

95

Não cos mājares nõuos, & exquisitos
 Nam cos passeos molles, & ociosos
 Nam cos varios deleites, & infinitos
 Que afeminaõ os peitos generosos
 Nam cos nunca vencidos appetitos,
 Que a Fortuna té sempre taõ mimos
 Que não sofre a nenhũ, q̃ o passo m
 Para algũa obra heroica de virtude

96

Mas com buscar co seu forçoso bra
 As honras, q̃ elle chame proprias
 Vigianço, & vestindo o forjado aç
 Sofrendo tempestades, & ondas c
 Vencendo os torpes frios no rega
 Do Sul, & regioẽs de abrigo nuas,
 Engulindo o corrupto mantiment
 Temperado cum arduo sofrimento

97

E com forçar o rosto, que se enfia,
 A parecer seguro, ledõ, inteiro,
 Para o pilouro ardente, que affon
 Eleua a perna, ou braço ao cõpanh
 dest'arte o peito hũ calo hõrolo
 Despertador das honras, & dinhei
 das honras, & dinheiro, que a ven
 Forjou, & não virtude justa, & dur

98

Des

desta arte se esclarece o entendimêto,
 que experiencias fazem repoufado,
 fica vendo, como de alto assento,
 o baxo tracto humano embaraçado:
 este, onde tiuer força o regimento
 direito, & não de affeitos occupado,
 não (como deue) a illustre mando,
 contra vontade sua, & não rogando.

CANTO VII.

I



E se viaõ chegados jun-
 to à terra;
 Que desejada já de tan-
 tos fora,
 Que entre as correntes
 Indicas se encerra,
 o Ganges, que no ceo terreno mora:
 Ora sus gente forte, que na guerra
 quereis levar a palma vencedora,
 à sois chegados, já tendes diante
 a terra de riquezas abundante.

2

Vos, ó geração de Luso, digo,
 que tão pequena parte sois no mûdo,
 Não digo inda no mûdo, mas no amigo
 curral, de quẽ governa o ceo rotundo:
 Vos, a quem não samente algũ perigo
 storma conquistar o pouo immundo,
 mas nem cobiza, ou pouca obediencia
 a madre, q nos ceos està em effencia.

3

H

Vos

C A N T O

Vos Portuguezes poucos,quão forte
Que o fraco poder vosso não pezaís,
Vos que à custa de vossas varias mortes
A ley da vida eterna dilatai :
Assi do ceo deitadas são as sortes,
Que vos por muito poucos que sejaís
Muito fazeis na sancta Christandade
E tão,ò Christo, exaltas a humildade

4

Vedelos Alemães , soberbo gado,
Que por tão largos câpos se apacem
Do successor de Pedro rebelado,
Nouo pastor, & nôua seita inuenta:
Vedelo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error se não cõtem
Não contra o superbissimo Otoman
Mas por sair do jugo soberano.

5

Vedelo duro Ingrès , que se nomea
Rey da velha,& sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea
(Quê vio honra tam lóge da verda
Entre as Boreais neues se recrea,
Nova maneira faz de Christandade
Para os de Christo tem a espada nua
Nam por tomar a terra , que era sua

6

Guardalhe por entanto hũ falso Rey
A Cidade Hierosolima terreste,
Em quão elle não guarda a santa
Da Cidade Hierosolima celeste:
Pois de ti Gallo indigno que direy?
Que o nome Christianissimo quise
Nam para defendelo,nem guardalo
Mas para ser contra elle, & derribalo

chas que tẽs direito era senhofios
e Chriſtãos, sêdo o teu tã largo & tãto,
nam contra o Cynifio, & Nilo rios
inimigos do antigo nome ſancto:
hi le haõ de prouar da eſpada os fios,
m quẽquer reprouar da Igreja o cãto;
e Carli s, de Luis, o nome, & a terra
rdaste, & as cauſas naõ da juſta guerra

8

ois que direy daquelles, q̃ em delicias
que ouil ocio no mundo traz cõſeço)
aſtaõ as vidas, lograõ as diuicias,
ſquecidos de ſeu valor antigo?
aſcem da tyrania inimicicias,
que o pouo forte tem de ſi inimigo;
ontigo Italia fallo, jã ſumerſa
m vicios mil, & de ti meſma aduerſa.

9

O miſeros Chriſtãos, pela ventura
ois os dentes de Cadmo deſparzidos,
hũs aos outros ſe daõ a morte dura,
endo todos de hũ ventre produzidos?
am vedes a diuina ſepultura
oſſuida de.cães, que ſempre vnidos
os vem tomar a voſſa antiga terra,
fazendose famous pela guerra?

10

vedes que tem por uſo, & por decreto,
Do qual ſaõ tam inteiros obſeruâtes)
juntarem o exercito inquieto, (tes?
cõtra os pòuos, q̃ ſaõ de Chriſto aman
ntre vos nunca deixa a fera Aleto
de ſemear cizantias repugnantes;
Ohay s'eſtais ſeguros de perigos,
que elles & vos, ſois voſſos inimigos.

C A N T O

Se cobiça de grandes senhórios
 Vos faz yr conquistar terras alheas,
 Nam vedes, que Paetólo, & Hermo ri
 Ambos voluem auríferas areas?
 Em Lidia, Affiria lauraó de ouro os
 Africa esconde em si luzentes veas,
 Mouavos já sequer riqueza tanta,
 Pois mouer vos não póde a casa San

12

Aquellas inuencoões feras, & nouas
 De instrumentos mortais (da artilher
 Ia deuem de fazer as duras prouas
 Nos muros de Bizancio. & de Turqua
 Fazei que torne là às siluestres couas
 Dos Caspios montes, & da Scythia fr
 A Turca geraçáo, que multiplica
 Na policia da vossa Europa rica.

13

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos
 Bradando vos estão, que o pouo bra
 Lhe obriga os caros filhos aos profan
 Preceitos do alcóraó (duro tributo)
 Em castigar os feitos inhumanos
 Vos gloriay de peito forte, & astuto
 E nam queirais louuores arrogantes
 De serdes cótra os vossos muy pois

14

Mas em tanto que cegos, & sedentos
 Andais de vosso sangue, ò gēte insana
 Nam faltarão Christãos atreuimēto
 Nesta pequena casa Lusitana:
 De Affrica tem maritimos assentos,
 He na Asia mais que todas soberana,
 Na quarta parte nóa os campos ar
 E se mais mundo ouuera lá chegara

Vejamos em tanto, que acontece
 Aquelles tam famoſos náuegantes,
 Deſpois que a bráda Venus enfraquece
 O furor vão dos ventos repugnantes:
 Deſpois que a larga terra lhe apparece,
 Sim de ſuas perſias tam conſtantes,
 Onde vem ſemear de Chriſto a ley,
 E dar nouo coſtume, & nouo Rey.

16

Tantó que á noua terra ſe chegáraõ,
 Leues embarcaçoẽs de peſcadores
 Acháraõ, que o caminho lhe moſtráraõ
 De Calcut, onde eraõ moradores:
 Para lá lógo as proas ſe inclináraõ,
 Porque eſta era a Cidade das melhores
 Do Reyno Malauar, onde viuia
 O Rey, que a terra toda poſſuhia.

17

Alem do Indo jaz, & àquẽm do Gange,
 Hũ terreno muy gráde, & aſſaz famoſo,
 Que pela parte Austral o mar abrange,
 E para o Norte o Emodio cauernoſo:
 Iugo de Reys diuerſos o conſtrange
 A varias leys:algũs o vicioſo
 Maſoma,algũs os Idolos adoraõ,
 Algũs os animais, q̃ entre elles moraõ.

18

La bem no grande monte, q̃ cortando
 Tam larga terra, toda Aſia diſcorre,
 Que nomes tam diuerſos vay tomádo,
 Segundo as regioẽs por onde corre:
 As fontes láem, donde vem manando
 Os rios, cuja gram corrente morre
 No mar Indico, & cercam todo o peſo
 Do terreno, fazendo o Cherſoneſo.

19

H3

Entre

C A N T O

Entre hũ & outro rio, em grãde espa
 São da larga terra hũa longa ponta
 Quasi piramidal, que no regaço
 Do mar com Ceilaó infula confro
 E junto, donde nasce o largò brago
 Gangetico o rumor antigo conta,
 Que os visinhos da terra moradores
 Do cheiro se mantem das lindas floc

20

Mas agora de nomes, & de vfança,
 Nouos, & varios são os habitantes:
 Os Delijs, os Patânes, que em poss
 De terra, & gente são mais abundan
 Decanijs, Oriàs, que a esperança
 Tem de sua salutaçã nas resonante
 Agoas do Gange; & a terra de Beng
 Fertil de forte, q outra não lhe igu

21

O Reyno de Cambaya bellicoso
 (Dizem que foy de Poro Rey potent
 O Reyno de Narsinga poderoso
 Mais de ouro, & pedras, q de forte g
 Aqui se enxerga lã do mar vndoso
 Hum môte alto, que corre longat
 Seruindo ao Malauar de forte mura
 Com que do Canará viue seguro.

22

Da terra os naturais lhe chamão G
 Do pe do qual pequena quantidade
 Se estêde hũa fralda estreita, q cõb
 Do mar a natural ferocidade:
 Aqui de outras cidades sem debate
 Calecut tem a illustre dignidade,
 De cabeça de Imperio rica, & bella
 Samorim se intitula o senhor della

23

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portugues mandado lôgo parte,
A fazer sabedor o Rey gentio
Da vinda sua a tam remota parte:
Entrando o mensageiro pelo Rio,
E ali nas ondas entra, a não vista arte,
A cor, o gesto estranho, o trajo nouo
Fez concorrer a velo todo o pouo.

24

Entre a gente, que a velo concorria,
Se chega hum mahometa, que nascido
Fora na regiaõ da Berberia,
Là onde fora Anteo obedecido:
Ou pela vezinhança ja teria
O Reyno Lusitano conhecido,
Ou foy já assinalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tam lôgo desterro.

25

Em vendo o mensageiro com jocundo
Rosto, como quẽ sabe a lingua Hispana
Lhe disse: Quẽ te trouxe a estoutro mun
Tam longe da tua patria Lusitana? (do
Abrindo, lhe respõde, o mar profundo,
Por onde nunca veyo gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a ley diuina se acrecente.

26

Espantado ficou da gram viagem
O Meuro, que Monçaide se chamaua,
Ouindo as oppressões, que na passagẽ
Do mar, o Lusitano lhe contaua;
Mas vendo emfim, q a força da mensagẽ
Sò para o Rey da terra releuaua,
Lhe diz, que estaua fôra da Cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

C A N T O

E que em tanto q̃ a noua lhe chegasse
 de sua estranha vinda, se queria,
 Na sua pobre casa repousasse;
 E do manjar da terra comeria:
 E depois que se hum pouco recreasse
 Cō elle para a armada tornaria,
 Que alegria não pôde ser tamanha,
 q̃ achar gēte vizinha em terra estranha

28

O Portuguez aceita de vontade,
 O que o ledo Monçayde lhe offerece,
 Como se longa fora já a amizade,
 Cō elle come & bebe, & lhe obedece:
 Ambos se tornam logo da cidade,
 Para a frota, que o Mouro bẽ conhece
 Sobem à Capitaina, & toda a gente
 Monçayde recebeo benignamente.

29

O Capitão o abraça em cabo ledo,
 Onuindo clara a lingua de Castella,
 Iúto de si o assenta, & prôpto, & queda
 Pela terra pergunta, & cousas della:
 Qual se ajútava é Rhòdope o aruoredo
 So por ouuir o amante da donzella
 Eurydice, tocando a lira de ouro,
 Tal a gente se ajunta a ouuir o Mouro

30

Elle começa; ô gente, que a natura
 Vizinha fez de meu paterno ninho,
 Que destino tam grande, ou q̃ ventura
 Vos trouxe a cômeterdes tal caminho?
 Não he sem causa não occulta, & escura
 Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho
 Por mares nũca d'outro lenho arados,
 A Reynos tam remotos, & apartados.

31

Deos

Deos por certo vos traz, porq̃ pretêde
 Algum seruiço seu por vos obrado;
 Por isso só vos guia, & vos defende
 Dos inimigos do mar, do vento irado.
 Sabey, q̃ estais na India, onde se estêde
 Diuerso pouo, rico, & prosperado
 De ouro luzente, & fina pedraria,
 Cheiro suaue, ardente especiaria.

32

Esta Prouincia, cujo porto agora
 Tomado tendes, Malauar se chama;
 Do culto antigo os Idolos adora
 Que ca por estas partes se derrama:
 De diuersos Reys he, mas d'hũ sô forã
 N'outro tempo, segũdo a antiga fama:
 Saramã Perimal foy derradeiro
 Rey, q̃ este Reyno teue vuido, & inteiro.

33

Porẽm, como a esta terra entãõ viessem
 De là do seyo Arabico outras gentes,
 Que o culto Mahometico trouxessem,
 No qual me instituirão meus parẽs,
 Succedeo, que prẽgando conuertessem
 O Perimal, de sabios, & eloquentes,
 Fazemlhe a ley tomar cõ feruor tanto,
 Que presupõs de nella morrer santo.

34

Naos arma, & nellas mete curioso
 Mercadoria, que offereça rica,
 Para yr nellas a ser religioso,
 Onde o Propheta jaz, q̃ a ley publica
 Antes que parta, o Reyno poderoso
 Cos seus reparte, porque não lhe fica
 Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
 Ricos de pobres, liures de fogeitos.

A hum Cochim, & a outro Cananor,
 A qual Chale, a qual a ilha da pimenta
 A qual Coulaõ, a qual dâ Cranganor,
 E o mais, a quẽ o mais serue, & cotẽ
 Hũ sô moço a quẽ tinha muito amor,
 Despois que tudo deu, se lhe apresenta
 Para este Calecut samente fica,
 Cidade ja por tratto nobre, & rica:

36

Esta lhe dâ co titulo excellente
 De Emperador, q̃ sobre os outros man
 Isto feito se parte diligente. (de
 Para onde em santa vida acabe, & ande
 E daqui fica o nome de potente
 Samorij, mais q̃ todos digno, & grande
 Ao moço, & descendentes, donde ven
 Este, que agora o Imperio manda, & tẽ

37

A ley da gente toda, rica, & pobre,
 De fabula composta se imagina:
 Andão nũs. & samente hũ pano cobre
 As partes, que a cubrir natura ensina:
 Dous modos ha de gẽte. porq̃ a nobre
 Naires chamados saõ, & a menos dign
 Poleas tem por nome, a quem obriga
 A ley não meſurar a casta antiga.

38

(fici

Porq̃ os q̃ vsaraõ sempre hũ mesmo of
 De outro não podẽ receber consorte,
 Nem os filhos teraõ outro exercicio,
 Senaõ o de seus passados atẽ morte:
 Para os Naices he certo grande vicio
 Destes serem tocados, de tal sorte,
 Que quando algũ se toca por ventura
 Cõ cerimonia mil se alimpa, & apura

Desta sorte o Iudaico pouo antigo
 Não tocaua na gente de Samaria;
 Mais estranhezas inda das que digo
 Nesta terra vereis de vfança varia:
 Os Naires sôs são dados ao perigo
 Das armas, sôs defendem da contraria
 Banda o seu Rey, trazêdo sempre usada
 Na esquerda a adarga, & na direita a es-
 40 (pada.

Bramenes são os seus religiosos,
 Nome antigo, & de grãde preminencia;
 Obseruão os preceitos tam famosos
 D'hũ, q primeiro pos nome à sciencia:
 Não matão cousa viua, & temerosos
 Das carnes tem grãdissima abstinência:
 Somente no venereo ajuntamento
 Tem mais licença, & menos regimêto.

41
 Gerais são as mulheres, mas somente
 Para os da geração de seus maridos;
 Ditosa condicão, ditosa gente,
 Que não são de ciumes offendidos;
 Estes, & outros costumes variamente
 São pelos Malauares admitidos;
 A terra he grossa é tratto, tudo aquillo
 q as ondas podê dar da China ao Nilo.

42
 Assim contaua o Mouro, mas vagando
 Andaua a fama já pe'a cidade
 Da vinda desta gente estranha, quando
 O Rey saber mandaua da verdade.
 Lá vinhão pelas ruas caminhando,
 Rodeados de todo sexo, & idade,
 Os principaes q o Rey buscar mādara
 O Capitão da armada, que chegara.

Mas elle, que do Rey já tem licença
 Para desembarcar, acompanhado
 Dos nobres Portuguezes, sem detença
 Parte, de ricos panos adornado;
 Das cores a fermosa differença
 A vista alegre ao pouo alnorozado,
 O remo compassado fere trio
 Agora o mar, despois o fresco rio.

44

Na praya hũ Regedor do Reino estava,
 Que na sua lingua Catual se chama,
 Rodeado de Naires, que esperava
 Com defusada festa ao nobre Gama.
 Já na terra nos braços o leuava,
 E num portatil leito hũa rica cama
 Lhe offerece, em que va, costume vsado
 Q̃ nos hombros dos homẽs he leuado.

45

Desta arte o Malauar, dest'arte o Luso
 Caminhão la para onde o Rei o espera;
 Os outros Portuguezes vão ao vsõ,
 Que infantaria segue esquadra fera.
 O pouo que concorre, vay confuso
 De ver a gente estranha, & bẽ quisera
 Perguntar, mas no tempo já passado,
 Na torre de Babel lhe foy vedado.

46

O Gama, & o Catual hião fallando
 Nas cousas, que lhe o tẽpo offerecia,
 Monçayde entrelles vay interpretado
 As palauras, que de ambos entendia.
 Assim pela cidade caminhando,
 Onde hũa rica fabrica se erguia
 De hũ sumptuoso tẽplo, já chegauão,
Pelas portas do qual juntos entrauão.

Ali estão das Deidades as figuras
 Esculpidas em pao, & em pedra fria,
 Varios de gestos, varios de pinturas,
 E segundo o Demonio lhes fingia:
 Vemse as abominaueis esculturas,
 Qual a Chiméra em membros se varia,
 Os Christãos olhos a ver Deos vsados
 Em forma humana estão marauilhados

48

Hum na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,
 Outro num corpo rostos tinha vnidos,
 Bem como o antigo Iano se pintaua:
 Outro com muitos braços diuididos
 A Briaréó parece que imitaua:
 Outro fronte Canina tem defóra,
 Qual Anubis Memphitico se adora.

49

Aqui feita do barbaro gentio
 A supersticiosa adoração,
 Direitos vão sem outro algum desuio
 Para onde estaua o Rey do pouo vão:
 Engrossando se vay da gente o fio,
 Cos que vem ver o estranho Capitaó,
 Estaó pelos telhados, & janellas
 Velhos, & moços, donas, & donzellas.

50

Ia chegam perto, & não có passos léticos,
 Dos jardins odoríferos fermosos,
 Que emsi escondê os Regios apósentos,
 Altos de torres não, mas sumptuosos:
 Edificação os nobres seus assentos,
 Por entre os aruoredos deleitosos,
 Assim viuem os Reys daquella gente,
 No campo, & na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a sutileza
 Se enxerga da Dedalea faculdade,
 Em figuras mostrando por nobreza
 Da India a mais remota antiguidade
 Affiguradas vão com tal viueza
 As historias daquella antiga Idade,
 Que quẽ dellas tiuer noticia inteira,
 Pela sombra conhece a verdadeira.

52

Estaua hum grande exercito, que pisa
 A terra Oriental, que o Idaspe lava,
 Regeo hum capitão de fronte lisa,
 Que com frondentes Tyrfos pelejaua;
 Por elle edificada estaua Nisa
 Nas ribeiras do rio, que manaua,
 Tão proprio, q se ali estiuier Semelle
 Dirá por certo, q he seu filho aquelle.

53

Mais àuante bebendo sêca o rio,
 Muy grande multidão da Assyria gente,
 Sujecia a feminino senhorio,
 De hũa tam bella, como incontinente
 Ali tem junto ao lado nunca frio,
 Esculpido o feroz ginete ardente,
 Com quem teria o filho competencia,
 Amor nefando, bruta incontinencia.

54

Daqui mais apartadas tremolauão
 As bandeiras de Grecia gloriosas,
 Terceira Monarchia, & sojugauão
 Ate às agoas Gangeticas vndosas:
 D'um capitão mancebo se guiauão
 De palmas rodeado valerosas,
 Que ja não de Philippo, mas sem falta
 De pro genie de Iupiter se exalta,

55

Os

Os Portuguezes vendo estas memorias,
 Dizia o Catual ao Capitam,
 Tempo cedo virà, que outras vitorias
 Estas, que agora olhais abateram:
 Aqui se escreueram nouas historias,
 Por gentes estrangeiras, que viram,
 E os nossos sabios Magos o alcáçaraõ,
 Quando o tempo futuro especuláraõ.

56

E dizlhe mais a magica sciencia,
 Que para se euitar força tamanha,
 Nam valerà dos homẽs resistencia,
 E cótra o Ceo não val da gente manha:
 Mas tambẽ diz q a bellica excellencia
 Nas armas, & na paz, da gẽte estranha
 Serà tal, que será no mundo ouuido
 O vencedor, por gloria do vencido.

57

Assi fallando entrauaõ ja na sala,
 Onde aquelle potente Emperador
 Nũa camilha jaz, que não se igoala
 De outra algũa no preço, & no valor:
 No recostado gesto se a sinala
 Hum venerando, & prospero senhor;
 Hum pano de ouro cinge, & na cabeça
 De preciosas gemas se adereça.

58

Bé junto delle hũ velho reuerẽte (do
 Cos giolhos no chaõ de quãdo em quã
 Lhe daua a verde folha da crua ardẽte,
 Que a seu costume estaua ruminando:
 Hum Bramiene, pessoa preminente,
 Para o Gama se vê com passo brando,
 Para q ao grãde Principe o apresente,
 Que diante lhe acena, que se assente.

C A N T O

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afaçados, prôpto envia
Estava o Samorij no trajo, & geito
Da gente, nunca de antes delle vista:
Lançando a graue voz do sabio peito,
Que grande authoridade logo aquista
Na opiniaõ do Rey, & pouo todo,
O Capitaõ lhe falla deste modo.

60

Hú grande Rey de là das partes, onde
O Ceo volubil com perpetua roda,
Da terra a luz solar coa terra esconde
Tingindo a q̃ deixou de escura noda:
Ouindo do rumor, que lá responde,
O ecco, como em ti da India toda
O principado esta, & a magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

61

E por longos rodeos a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo,
q̃ sobre o mar, q̃ sobre as terras anda
De riquezas, de là do Tejo ao Nilo:
E desda fria plaga de Gelanda
Ate bẽ donde o Sol não muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Etbiopia,
Tudo tê no seu Remo em grande copio

62

E se queres com pactos, & lianças
De paz, & de amizade sacra, & nua,
Comercio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua & tua,
Porque creção as rendas, & abastanças
Por quem a gẽte mais trabalha, & sua
De vossos Reynos, será certamente
De ti proueito, & delle gloria ingento

63

sendo así que o nõ desta amizade
entre vos firmemente permaneça,
stará prompto a toda aduersidade,
por guerra a teu Keyno se offereça:
com gête, armas, & naos de qualidade,
que por irmão te tenha, & te conheça,
da vontade em ti sobristo posta
te des a my certissima resposta.

64

al embaxada d'ua o Capitaõ,
a quem o Rey gentio respondia,
que em ver embaxadores de nação
tam remota, graõ gloria recebia:
mas neste caso a vltima tenção
com os de seu conselho tomaria,
informandose certo de quem era
o Rey, & a gente, & terra, que dissera:

65

que em tanto podia do trabalho
passado ir repousar, & em tẽpo breue
daria a seu despacho hum justo talho,
com que a seu Rey resposta alegre leue:
a nisto punha a noite o vsado atalho
das humanas canseiras, porque ceue
do doce sono os mēbros trabalhados,
os olhos occupando ao ocio dados.

66

agasalhados foraõ juntamente,
o Gama, & Portugueses no aposento
do nobre Regedor da Indica gente,
com festas, & geral contentamento:
o Catual no cargo diligente
de seu Rey, tinha já por regimento
saber da gente estranha donde vinha,
que costumes, que ley, que terra tinha.

67

H 9

Tanto

C A N T O

Tanto q̃ os igneos carros do fermoso
Mancebo Delio vio, que a luz renoua
Manda chamar Monçayde, deseioso
De poderse informar da gente noua:
Ia lhe pergunta prompto, & curioso
Se tem noticia inteira, & certa proua
Dos estranhos, quẽ saõ, q̃ ouuido tinh
Que he gẽte de sua patria muy vizinha

68

Que particularmente ali lhe dẽsse
Informaçãõ muy larga, pois fazia
Nisso seruiço ao Rey, por que soubesse
O que neste negociõ se faria:
Monçayde torna, Posto que eu quise
Dizerte disto mais não saberia,
Somẽte sey q̃ he gente là de Hespanha
Onde o meu ninho, & o Sol no mar

69

(banha

Tema ley d'um Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãy, tal q̃ por baso estã aprouado
Do Deos, q̃ tem do mundo o regimento
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

70

Porq̃ elles com virtude sobre humas
Os deitãrãõ dos campos abundosos
Do rico Tejo, & fresca Goadiana,
Com feitos memoraveis, & famosos
E não contentes inda na Affricana
Parte, cortando os mares procelosos
Nos não querem deixar viver seguros
Tomandonos cidades, & altos muros.

71

Nã

Não menos tê mostrado esforço, & ma
 em quaesq̃r outras guerras, q̃ acõreção
 Du das gentes belligeras de Espanha,
 Du là d'algũs que do Pyrene deçãõ:
 Así que nũca emfim có lança estranha
 Setem, que por vencidos se conheçaõ,
 Nẽ se sabe inda não, te afirmo, & assello
 Para estes Anibais nenhum Marcello.

72

E s'esta informaçãõ não for inteira
 Tanto quanto conuem, delles pretende
 Informarte, que he gente verdadeira,
 A quẽ mais falsidade enoja, & offende:
 Vay verlhe a frota, as armas, & a manei
 Do fundido metal, que tudo rende, (ra
 E folgaras de veres a policia
 Portuguesa, na paz, & na milicia.

73

A com desejos o Idolãtra ardia
 De ver isto, que o Mouro lhe contaua,
 Manda esquipar bateis, q̃ yr ver queria
 Os lenhos em que o Gama nauegaua:
 Ambos partem da praya, a quẽ seguia
 A Naira geraçãõ, que o mar coalhaua,
 Aa Capitaina sobem forte, & bella,
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

74

Purpureos sãõ os toldos, & as bãdeiras
 Dorico fio sãõ, que o bicho gera,
 Nellas estaõ pintadas as guerreiras
 Obras, que o forte brago já fizera:
 Batalhas tem campais aventureiras,
 Desafios crueis, pintura feta,
 Que tanto que ao Gentio se apresenta,
 Atento nella os olhos apacenta.

CANTO

Pelo que vê pergunta: mas o Gama
 Lhe pedia primeiro, que se assente,
 E que aquelle deleite, que tanto ama
 A feita Epicurêa, experimente:
 Dos espumantes vasos se derrama
 O licor, que Noe mostràra à gente:
 Mas comer o gentio não pretende,
 Que a feita que seguia lho defende.

76

A trombeta, q̃ em paz no pensamento
 Imagem faz de guerra, rompe os ares,
 Co fogo o diabolico instrumento,
 Se faz ouvir no fundo là dos mares;
 Tudo o gentio nota, mas o intento
 Mostraua sempre ter nos singulares
 Feitos dos homẽs, q̃ em retrato breue
 A muda poesia ali descreue.

77

Alçase em pê, có elle os Gamas, junto
 Coelho de outra parte, & o Mauritan
 Os olhos poem no bellico trasunto
 De hũ velhõ branco, aspeito venerãdo
 Cujõ nome não pôde ser defunto (no
 Em quãto ouuer no mũdo tratto hum
 No trajo à Grega viança estã perfeita
 Hum ramo por insignia na direita.

78

Hum ramo na mão tinha; mas ò cego
 Eu que cometo infano, & temerario,
 Sê vos Ninfas do Tejo, & do Mõdego
 Por caminho tão arduo, lôgo, & vario
 Vosso fauor inuoco, que nauego
 Por alto mar, có vento tam contrario
 Que se não me ajudais, ei grande medo
 Que o meu fraco batel se alague cedo

79

Olha

Hay que ha tanto tempo, q̃ cantando
 voſſo Tejo, & os voſſos Luſitanos,
 fortuna me traz peregrinando,
 ouos trabalhos vêdo, & nouos danos,
 ora o mar, agora eſprimentando
 ſ perigos Mauorcios inhumanos,
 qual Canace que á morte ſe condena,
 ſua mão ſêpre a eſpada, & noutra a pe-
 80 (na.

ora com pobreza auorrecida,
 or hoſpícios alheyos degradado,
 ora da eſperança ja adquirida,
 e nouo mais que nunca derribado.
 ora às coſtas eſcapando a vida,
 que d'hum fio pendia tam delgado,
 que não menos milagre foi ſaluarſe,
 que para o Rey Iudaico acrecentarſe.

81

ainda, Nimphas minhas, não baſtaua
 que tamanhas misérias me cercassem,
 não q̃ aquelles, q̃ eu cantão andaua,
 o premio de meus verſos me tornasẽ;
 o troco dos deſcanços, que eſperana,
 as capellas de louro, q̃ me hõraſſem,
 trabalhos nũca vſados me inuẽtarão,
 cõ q̃ em tão duço eſtado me deitarão.

82

vede Nimphas q̃ engenhos de ſenhores
 voſſo Tejo cria valeroſos,
 que aſſi ſavem prezar có tais fauores
 quem os faz cantando glorioſos.
 que exemplos a futuros eſcriptores,
 para eſpertar engenhos curioſos,
 para porem as couſas em memoria,
 que merecerem ter eterna gloria.

83

Pois

C A N T O

Pois logo em tãtos males he forçada
 Que só vosso fauor me não falleça,
 Principalmente aqui, que sou chegada
 Onde feitos diuerfos engrandeça
 Daimo vos sôs, que eu tenho ja jurado
 q̃ não no empregue em quê o não mereça
 Nê por lisonja louue algũ subido, (g)
 So pena de não ser agradecido.

84

Nê creais, Nimphas, não q̃ fama deffusa
 A quem ao bem comum, & do seu Rey
 Anteposer seu proprio interesse,
 Imigo da diuina, & humana ley:
 Nenhum ambicioso, que quisesse
 Subir a grandes cargos, cantarey,
 Sò por poder com torpes exercicios
 Vsar mais largamente de seus vicios,

85

Nenhum que vse de seu poder bastando
 Para servir a seu desejo fero,
 E que por comprazer ao vulgo errante
 Se muda em mais figuras que Prothesila
 Nem Camênas tambem cuideis, q̃ cãto
 Quem cõ habitõ honesto, & graue ve
 Por contentar o Rey no officio nouo,
 A despir, & roubar o pobre pouo.

86

Nê quẽ acha q̃ he justo, & q̃ he dereito
 Guardarse a ley do Rey seueramente
 E não acha que he justo, & bõ respeito
 Que se pague o suor da seruil gente.
 Nê quẽ sépre cõ pouco experto peito
 Razoês aprêde, & cuida q̃ he prudente
 Para taxar cõ mão rapace, & escassa,
 Os trabalhos alheos, que não passa.

89

AQU

quelles sôs direy, que auenturârão
 por seu Deos, por seu Rey, a amada vida
 Onde perdêdo a, em fama a dilatârão,
 tambem de suas obras merecida.
 Apollo, & as Musas, q̃ me acõpanhârão,
 se dobrarão a furia concedida,
 em quanto eu tomo alento descásado,
 por tornar ao trabalho mais folgado.

CANTO VIII.

1



A primeira figura se de-
 tinha

O Catual, que vira es-
 tar pintada,

Que por diuisa hũ ra-
 mo na mão tinha,

barba branca, longa, & penteada.

Quem era, & porq̃ causa lhe conuinha

diuisa, que tem na mão tomada,

Paulo responde, cuja voz discreta

O Mauritano sabio lhe interpreta.

2

Estas figuras todas, que aparecem

brauos em vista, & feros nos aspeitos,

Mais brauos, & mais feros se conhecẽ

pela fama, nas obras, & nos feitos.

Antigos sã, mas inda resplandecem

o nome, entre os engenhos mais perfei

te, q̃ ves, he Luso, dõde a fama (tõs;

O nosso Reyno Lusitania chama.

3

Foy

CANTO

Foy filho, & cõpanheiro do Thebano,
Que tam diuerſas partes conquistou,
Parece vindo tẽr ao ninho Hiſpano,
Seguindo as armas, que contino vſou
Do Douro, Goadiana o campo vſano
Ià dito Eliſio, tanto o contentou,
Que ali quis dar, aos jã caſados oſſo
Eterna ſepultura, & nome aos noſſos

4

O ramo, que lhe ves para diuiſa,
O verde Tyrſo foy de Baccho vſado,
O qual à noſſa idade amoſtra, & auia
q̃ foy ſeu companheiro, & filho amado
Ves outro, que do Tejo a terra piſa,
Deſpois de ter tam longo mar arado
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Palas, q̃ em memoria fica

5

Vlyſſes he, o que faz a ſancta caſa
Aa Deoſa, que lhe dà lingua facunda
Que ſe lã na Aſia Troya inſigne abra
Ca na Europa Liſboa ingente funda
Que ſerã eſtoutro ca, que o cãpo arã
De mortos, com preſença foribunda
Grandes batalhas tem deſbaratadas
q̃ as Aguias nas bandeiras tẽ pintadas

6

Aſſi o gentio diz, reſponde o Gama
Eſte, que ves, paſtor ja foy de gado,
Viriato ſabemos, que ſe chama,
Deſtro na lança mais, que no cajo
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor inuenciuel afamado,
Nã tem cõ elle nãõ, nem ter pude
O primor, que com Pirro jã tiuera

7

Om força não, cõ manha vergonhosa
 vida lhe tiráraõ, que os espanta;
 o grãde aperto ã gẽte inda q̃ hórosa,
 as vezes leys magnanimas quebrãta:
 Outro està aqui, q̃ cõtra a patria rosa
 degradado com nosco se aleuanta;
 co-he o bẽ com quem se aleuantasse,
 ara que eternamente se illustrasse.

8

es comnosco tãbem vẽce as bãdeiras
 essas aues de Iupiter validas,
 ja naquelle tẽpo as mais guerreiras
 antes de nòs souberaõ ser vencidas:
 lha tam sotis artes, & maneiras,
 ara adquerir os pòuos tam fingidas
 fatidica Cerua, que o auisa,
 lle he Sertorio, & ella a sua diuisa.

9

lha estoura bandeira, & vé pintado
 grão progenitor dos Reis primeiros;
 os Vngaro o fazemos, porẽm nado
 re ser em Lotharingia os estrãgeiros:
 espois de ter os Mouros superado,
 alegos & Leoneses caualleiros,
 a casa Sancta passa o sancto Enríque,
 prq̃ o tronco dos Reys se sanctifique.

10

ne he, me dize estoutro, q̃ me espãta,
 ergunta o Malabar marauilhado,
 de tantos esquadroes, que gẽte tanta,
 otaõ pouca, tem roto, & destroçado?
 tantos muros asperrimos quebranta,
 tantas batalhas da nunca cansado,
 tantas coroas tem por tantas partes,
 seus pès derribadas, & estandartes?

Este he o primeiro Afóso, disse o Gama
 Que todo Portugal aos Mouros toma
 Por quem no Estigio lago jura a Fama
 De mais não celebrar nenhũ de Roma
 Este he aquelle zeloso, a quem deos ama
 Cõ cujo brago o Mouro imigo dom
 Para quẽ de seu Reino abaxa os muros
 Nada deixando já para os futuros.

II

Se Cesar, se Alexandre Rey tiuêraõ,
 Tam pequeno poder, tam pouca gente
 Contra tantos imigos, quantos eraõ
 Os que desbarataua este excellente;
 Não creas, q̃ seus nomes se estendêraõ
 Cõ glorias immortais tão largamente
 Mas deixa os feitos seus inexplicaveis
 Vê q̃ os de seus vassallos são notaveis

13

Este, que ves olhar com gesto irado,
 Para o rompido Alumno, mal sofria
 Dizendolhe, que o exercito espalia
 Recolha, & torne ao campo defendido
 Torna o moço do velho acõpanhado
 Que vencedor o torna de vencido,
 Egas Moniz se chama o forte velho,
 Para leais vassallos claro espelho.

14

Velo cá vay cos filhos a entregar-se,
 A corda ao colo, nu de seda, & pano,
 Porque não quis o moço sogeitar-se,
 Como elle prometera ao Castelhana
 Fez confisso, & promessas levantar
 O cerco, que já estaua soberano,
 Os filhos, & mulher obriga à pena,
 Para que o senhor salue, a si condena

Nam fez o Consul tanto, que cercado
 foy nas forcas Caudinas de ignorante
 quando a passar por baxo foi forçado
 do Samnitico jugo triumphante:
 e pelo seu pouo injuriado,
 si se entrega só firme, & constante,
 frouto afsi, & os filhos naturais,
 a conforte sem culpa, que doe mais.

16

Ves este, que saindo da ci:ada,
 Da sobre o Rey, que cerca a villa forte,
 a o Rey tẽ preso, & a villa descercada,
 Ilustre feito digno de Mauort?
 pelo ca vay pintado nesta armada,
 No mar tãbẽ aos Mouros dando a morte
 mandolhe asgalès, levando a gloria
 Da primeira maritima victoria.

17

dom Fúas Roupinho, que na terra,
 no mar relpandee juntamente,
 Co fogo, que acendeo junto da serra
 de Abila, nas gales da Maura gente:
 Olha como em taõ justa, & santa guerra
 De acabar pelejando està contente:
 Das mãos dos Mouros entra a felice al-
 trufado nos ceos có justa Palma. (ma

18

Não ves hũ ajuntamento de estrangeiro
 rejoy, sair da grande armada noua,
 Que ajuda a combater o Rey primeiro
 Lisboa, de si dando sancta proua?
 Olha Enrique famoso cavalleiro,
 A palma, que lhe nasce junto à cona,
 Por elles mostra Deos milagre visto,
 Germanos saõ os Martyres de Christo.

CANTO

Hũ Sacerdote vê brandindo a espada
Cõtra Arronches, q̃ toma, por vingança
De Leiria, que de antes foy tomada,
Por quẽ por Mafamede enresta a lâçã
He Teotonio Prior: mas vê cercada
Sanctarem, & veras a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das quinas a badeira

20

Velo cã, don'te Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fero guerra
Os inimigos rompendo, o Alferez mata
E Hispalico pendaõ derriba em terra
Mem Moniz he, q̃ em si o valor retrata
q̃ o sepulchro do pay cos ossos cerra,
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba, & a sua exalta.

21

Olha aquelle, que dece pela lança,
Com as duas cabeças das vigias,
Onde a cilada esconde, com q̃ alcança
A cidade por manhas, & ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do caualleiro, que as cabeças frias
Na mão leuaua, feito nunca feito,
Giraldo sem pavor he o forte peito.

22

Não ves hũ Castelhana, que agrauado
De Affonso nouo Rey, pelo odio antigo
Dos de Lara cos Mouros he deitado,
De Portugal fazendose inimigo?
Abrantes villa toma a acompanhado
Dos duros infieis, que traz consigo:
Mas vê, q̃ hũ Portuguez cõ pouca gente
O desbarata, & o prende ouladamente

Martim Lopez se chama o caualleiro,
 e destes leuar pôde a palma, & o louro:
 Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
 sem lâça de aço torna o Bago de ouro:
 Vello entre os duvidosos tam inteiro,
 em nã negar bata'ha aos bravo Mouros:
 Olha o final no Ceo, que lhe aparece,
 o q'nos poucos seus o esforço crece.

24

Ves vaõ os Reis de Cordoua, & seuilha
 Rotos, cos outros dous, & não de espaço
 Rotos? mas antes mortos. marauilha
 feita de Deos, q' não de humano braço:
 Ves já a villa de Alcaçare se humilha,
 sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
 A dom Matheus o Bispo de Lisboa,
 que a coroa de palma ali coroa.

25

Olha hum Mestre, que dece de Castella,
 Portuguez de nação, como conquista
 a terra dos Algarues, & já nella
 Não acha quem por armas lhe resista;
 Cõ manha, esforço, & cõ benina itrella
 Villas, castellos toma à escalla vista:
 Ves Tauiã tomada aos moradores,
 Em vingança dos sete caçadores.

26

Ves cõ bellica astucia ao Mouro ganha
 Silues, q' elle ganhou cõ força ingente,
 He dom Payo Correia, cuja manha,
 E grande esforço faz inueja à gente:
 Mas não passes os tres. q' é Frãça, & Espa
 Se fazê conhecer perpetuamente (nha
 Em desafios, justas, & torneos,
 Nellas deixando publicos trofeos.

C A N T O

Velos co nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sôs leuàraõ
Dos jògos de bellena verdadeiros,
Que com dano de algũs se exercitara
Vẽ mortos os soberbos caualleiros,
Que o principal dos tres desafiaraõ
Que Gonçallo Ribeyro se nomea,
Que pũde naõ temer a ley Lethea.

28

Atenta num, que a fama tanto esfienta
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria, q de hum fraco fio pẽ
Sobre seus duros hombros a sustenta
Naõ no ves tinto de ira, que reprecia
A vil desconfianga inerte, & lenta
Do pouo, & faz que tome o doce frey
De Rey seu natural, & naõ de alheyo

29

Olha por seu conselho, & oufadia,
De Deos guiada sã, & de santa Estrella
Sõ pode, o que impossivel parecia,
Vencer o pouo ingente de Castella:
Yes por industria, esforço, & valentia
Outro estrago, & victoria clara, & bella
Na gente, assi feroz como infinita,
q entre o Tarteo, & Goadiana habita

30

Mas naõ ves quasi jã desbaratado,
O poder Lusitano, pela ausencia
Do Capitão deuoto, que apartado
Orãdo inuoca a suma & trina essencia
Velo com pressa jã dos seus achado,
Que lhe dizem, que falta resistencia
Contra poder tamanho, & que vieffa
Porque cõfigo esforço aos fracos de

31

Mas olha com que sancta confiança,
 Queinda não era tempo respondia,
 Como quem tinha em Deos a segurança
 Da victoria, que logo lhe daria:
 Assim Pompilio, ouvindo que a possança
 Dos inimigos a terra lhe corria,
 A quem lhe a dura nova estava dando,
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

32

Se quẽ cõ tão esforço é Deos s'atrene
 Ouvir quizeres como se nomea,
 Portuguez Scipião chamar se deve,
 Mas mais de D. Nuno Alvarez se arrea;
 Ditosa patria, que tal filho teve,
 Mas antes pai, q̃ em quanto o Sol rodea
 Elle globo de Ceres, & Neptuno,
 Sempre suspirará por tal aluno.

33

Na mesma guerra vê, que presas ganha
 Estoutro Capitão de pouca gente,
 Comedadores vêce, & o gado aranha,
 Que levauão roubado ousadamente:
 Outra vez vê q̃ a liza em sangue banha
 Destes, só por liurar co amor ardente
 O preso amigo, preso por leal,
 Però Rodriguez he do Landroal.

34

Olha este desleal o como paga
 O perjurio, que fez & vil engano,
 Gil Fernádez he de Bluas, que o estraga
 E faz vir a passar o ultimo dano:
 De Xerez rouba o câpo, & quasi alaga
 Co sangue de seus dônos Castelhanos:
 Mas olha Ruy Pereira, que co rosto
 Faz escudo às galês, diante posto.

35

14

Olha

Olha, que dezafete Lusitanos,
 Neste outeiro subidos se defendem
 Fortes de quatrocentos Castelhanos
 q̃ em derredor pelos tomar se estendem
 Porém lógo sentiraõ com seus danos
 Que naõ sô se defendem, mas offendem
 Digno feito de ser no mundo eterno
 Grãde no tẽpo antigo, & no moderno

36

Sabese antigamente, que trezentos
 Já contra mil Romanos pelejaraõ,
 No tempo, que os viris atreulmento
 De Viriato tanto se illustráraõ;
 E delles alcançando vencimentos
 Memoraueis, de eraõça nos deixaraõ
 q̃ os muitos por ser poucos naõ tem
 Oq̃ despois milvezes amostramos (m)

37

Olha ca dous Infãtes, Pedro, & Henri
 Progenie generosa de Ioane,
 Aquelle faz, q̃ fama illustre fique
 Delle em Germania, cõ q̃ a morte en
 Este, que ella nos mares o publique,
 Por seu descobridor, & desengane
 De Ceita a Maura tumida vaidade,
 Primeiro entrãdo as portas da cida

38

Ves o Conde dom Pedro, que susten
 Dous cercos contra toda a Barbaria
 Ves outro Conde està, que represent
 Em terra Marte, em forças, & ousad
 De poder defender se não contenta
 Alcacere da ingente companhia,
 Mas do seu Rey defende a chara vida
 Pondo por muro a sua ali perdida.

39

Out

Outros muitos verias, que os pintores
 Aqui tambem por certo pintariaõ,
 Mas faltalhes pincel, faltaõlhes cores,
 Honra, premio, fauor, q̃ as artes criaõ;
 Culpa dos viciosos successores,
 Que degeneraõ certo, & se deſuiaõ
 Do lustre, & do valor dos seus passados,
 Em gostos, & vaidades atolados.

40

Aquelles pays illustres, que já deraõ
 Principio à geraçam, q̃ delles pende,
 Pela virtude muito entaõ fizeraõ,
 E por deixar a casa, que deſcende;
 Cegos, que dos trabalhos, que riueraõ,
 (Se alta fama, & rumor delles se effe de)
 Escuros deixaõ sempre seus menores,
 Com lhe deixar descansos corrutores.

41

Outros tâbem ha grâdes, & abastados,
 Se nenhũ trôco illustre dõde venhaõ;
 Culpa de Reys, que às vezes a priuados
 Daõ mais, q̃ a mil, q̃ esforço, & iabe te-
 Estes os seus nãquerẽ ver pintados (nhãz
 Crêdo, q̃ cores vãs lhes não cõuenhaõ,
 E como a seu contraião natural,
 A pintura, que falla querem mal,

42

Não nego, que ha cõ tudo descẽdentes
 Do generoso tronco, & casa rica,
 Que com costumes altos, & excellentes
 Sustentaõ a nobreza, que lhe fica:
 Ele a luz dos antigos seus parentes
 Nelles mais o valor não clarifica,
 Não falta ao menos, nem se faz escusa,
 Mas destes acha poucos a pintura.

C A N T O

Assi está declarando os grandes feitos
 O Gama, que ali mostra a varia tinta
 q' a douta mão tam claros, tá perfei-
 to singular artifice ali pinta:
 Os olhos tinha promptos, & derei-
 to Catual na historia bem distinta,
 Mil vezes preguntava, & mil ouvia,
 As gostosas batalhas, que ali via.

44

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
 Porque a alampada grande se escôdi
 Debaxo do Orizonte & luminosa
 Leuava aos Antipodas o dia;
 Quando o Gentio, & a gente generosa
 Dos Naires, da nao forte se partia
 A buscar o repouso, que descansava
 Os lãssos animais, na noite mansa.

45

Entretanto os Aruspices famosos
 Na falsa opinião, que em sacrificios
 Anteuem sempre os casos duvidosos
 Por finais diabolicos, & indicios,
 Mandados do Rey proprio, estudiosos
 Exercitauão a arte, & seus officios,
 Sobre esta vinda desta gente estranha
 q' ás suas terras vê da ignota Espanha

46

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro
 De como a nõua gente lhe seria
 Iugo perpetuo, eterno catiueiro,
 Destruicão de gente, & de valia:
 Vaile espantado o atonito agoureiro
 Dizer ao Rey (segundo o que entende)
 Os sinais temerosos, que alcançara
 Nas entranhas das victimas, q' olhara

47

A isto mais se ajunta, que hum deuoto
Sacerdote da ley de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto,
Contra a diuina Fè, que tudo excede,
Em forma do Profeta falso, & noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece
Que de seus odios inda se não deçe.

48

E dizlhe assi: Guardaiuos gente minha
Do mal, que se aparelha pelo imigo,
Que pelas agoas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo:
Isto dizendo acorda o Mouro afinha,
Espantado do sonho, mas consigo
Cuida, que não he mais q sonho vsado,
Torna a dormir quieto, & sossegado.

49

Torna Baccho dizendo: Não conheces
O grao legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito, a q obedeces
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti tudo vello, & tu adormeces?
Pois saberàs, que aquelles, q chegados
De nouo são, seraõ muy grande dano
Da lei, q eu dei ao nescio pouo humano

50

Em quãto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol fãe facilmente
Se pôde nelle por a aguda vista.
Porèm del pois q sobe claro, & ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tam cega fica, quanto ficateis,
Se raizes ciliar lhe não tolheis.

C A N T O

Isto dito, elle, & o sono se despede,
Tremendo fica o atonito Agareno,
Salta da cama, lume aos seruos pede,
Laurando nelle o feruido veneno;
Tãto q̃ a noua luz, que ao Sol precede
Mostrara rosto Angelico & sereno,
Conuoca os principais da torpe seita
Aos quais, doq̃ sonhou, dã cõta estreita

52

Diuerfos pareceres, & contrarios
Ali se daõ, segundo o que entendiaõ,
Astucias, traçoẽs, enganos varios,
Perfidias inuentauaõ, & teciaõ:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruiaõ da gente pretendiaõ, (res)
Por manhas mais sotis, & ardis melho
Com peitas adquerindo os regedores

53

Com peitas, ouro, & dadiuas secretas
Conciliaõ da terra os principais,
E com razõs notauẽs, & discretas
Mostraõ ser perdiçaõ dos naturais;
Dizendo, que sãõ gentes inquietas,
Que os mares discorrẽdo Occidentais
Viuem sô de piraticas rapinas,
Sem Rey, sem leys humanas, ou diuinas

54

Oquanto deue o Rey, que bem gouerna
De olhar, q̃os cõselheiros, ou priuados
De consciencia, & de virtude interna,
E de sincero amor sejaõ dotados?
Porque como estè posto na superna
Cadeira, pòde mal dos apartados
Negocios, ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.

Nem tam pouco direy, que tome tanto
 Em grosso, a consciência limpa, & certa,
 Se enleue nũ pobre, & humilde mão,
 Onde ambição acaso ande encuberta;
 Quando hũ bõ em tudo he justo & santo
 Em negocios do mundo pouco acerta,
 Que mal cõ elles poderà ter conta.
 A quieta inocencia, em sô Deos prôta.

56

Mas aquelles avaros Catuaes,
 Que o Gentilico pouo governauão,
 Induzido das gentes infernais,
 O Portuguez despacho dilatauão;
 Mas o Gama, que não pretende mais,
 De tudo quãto os Mouros ordenauão,
 Que leuar a seu Rey hum final certo
 Do mundo, que deixaua descoberto.

57

Nisto trabalha sô, que bem sabia,
 Que depois que leuasse esta certeza,
 Armas, & naos, & gentes mandaria
 Manoel, que exercita a summa alteza,
 Com que a seu jugo, & ley someteria
 Das terras, & do mar a redondeza,
 Que elle não era mais, que hũ diligente
 Descobridor das terras do Oriente.

58

Fallar ao Rey Gentio determina,
 Porque com seu despacho se tornasse;
 Que já sentia em tudo da malina
 Gente impedir-se quanto desejasse:
 O Rey, que da noticia falsa, & indina
 Não era despantar-se s'espantasse,
 Que tão credulo era em seus agouros,
 E mais sendo affirmados pelos Mouros.

CANTO

Este temor lhe esfria o baixo peito,
 Por outra parte a força da cobiça,
 A quem por natureza esta fogeito,
 Hú desejo immortal lhe acêde, & ati
 Que bem vê, que grádissimo prouei
 Fará, se com verdade, & com justiça
 O contrato fizer por longos annos,
 Que lhe comete o Rey dos Lusitano

60

Sobre isto nos conselhos, que toma
 Achaua muy contrarios pareceres,
 Que naquelles, cõ quem se acóselha
 Executa o dinheiro seus poderes:
 O grande Capitaõ chamar mandaua
 A quem chegado disse: Se quiseres
 Confessarme a verdade limpa, & nu
 Perdaõ alcançará da culpa tua.

61

Eu sou bem informado, q a embaxa
 Que de teu Rey me deste, q he fingida
 Porq nẽ tu tẽs Rey, nem patria ama
 Mas vagabundo vas passando a vida
 Que quem da Hisperia vltima alõgr
 Rey, ou senhor de infania desmedida
 Ha de vir cometer com naos, & fro
 Tam incertas viagens, & remotas?

62

E se de grandes Reynos poderosos
 O teu Rey tem a regia magestade,
 Que presentes me trazes valerosos,
 Sinais de tua incognita verdade:
 Com pegas, & doẽs altos sumptuosos
 Se lia dos Reys altos a amizade:
 Que final, nem penhor não he basta
 As palauras d'hum yago nauegante.

63

Se por ventura vindes desterrados,
 Como já fora ó homê's d'alta forte,
 Em meu Reyno fereis agasalhados,
 E toda a terra he patria para o forte:
 Ou se piratas sois ao mar vsados, (te,
 Dizeimo sê temor de infamia, ou mór-
 Que por se sustentar em toda idade,
 Tudo faz a vital necessidade.

64

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
 Suspeitas das insidias, que ordenava
 O Mahometico odio, donde vinha
 Aquillo, que tam mal o Rey cuidava:
 Cua alta confiança, que conuinha,
 (Com que seguro credito alcançava)
 Que Venus Acidalia lhe influia,
 Tais palauras do sabio peito abria.

65

Se os antigos delitos, que a malicia
 Humana cometeo na prisca idade,
 Não causâraõ, que o vaso da niquicia
 (Açoute taõ cruel da Christandade)
 Viera por perpetua inimicicia
 Na geração de adão, co a falsidade,
 O poderoso Rey, da torpe feita
 Não conceberas tu tam mã sospeita.

66

Mas porq̃ nenhũ grande bẽ se alcança
 Sê grãdes opressões, & em todo o feito
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor viue sempre de seu peito,
 Me mostras tu tão pouca confiança
 Desta minha verdade, sem respeito
 Das razoẽs em côtrario, que acharias,
 Senão creffes, a quem não crer deuias.

67

18

Por-

C A N T O

Porque se eu de rapinas sô viuesse
Vndiuago, ou da patria desterrado,
Como cres, que tão longe me viesse
Buscar assento incognito, & apartado
Porque esperanças ou porque interesse
Viria esperimentando o mar irado,
Os Antárcticos frios, & os ardores,
Que sofrê do Carneyro os moradores

68

Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes, do q̃ digo, (Clim
Eu não vim mais q̃ a achar o estrange
Onde a natura pôs teu Reyno antigo
Mas se a Fortuna tão me sublima,
q̃ eu torne à minha patria, & Reino a
Então verás o dom soberbo, & rico,
Com que minha tornada certifico.

69

Se te parece inopinado feito,
q̃ Rey da vltima Hisperia a ti me mõe
O coração sublime, o regio peito,
Nenhum caso possiuel tem por grã
Bem parece q̃ o nobre, & grão conce
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, & fé de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

70

Sabe, q̃ ha muitos annos, q̃ os antigos
Reys nossos firmemente propuserão
De vencer os trabalhos, & perigos,
q̃ sempre às grãdes cousas se opusera
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderão
De saber, q̃ fim tinhão, & onde estia
As derradeiras prayas, que lauauão.

Conceito digno foy do ramo claro
 Do venturoso Rey, que arrou primeiro
 O mar, por ir deitar do ninho caro
 O morador de Abila derradeiro:
 Este por sua industria, & engenho raro
 Nú madeiro ajuntado outro madeiro,
 Descobrir pode a parte, q'faz clara (Ara
 De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, & da

72.

Crescendo cos successos bós primeiros
 No peito as ousadias, descobrirão
 Pouco & pouco caminhos estrágeiros,
 q' hñsucedêdo aos outros proseguirão:
 De Affrica os moradores derradeiros
 Austrais, que nũca às sete flamas viraõ,
 Foraõ vistos de nòs, atrás deixando
 Quantos estão os Tropicos queimãdo.

73

Assi com firme peito, & cõ tamanho
 Proposito vencemos á Fortuna,
 Ate que nòs no teu terreno estranho
 Viemos por a vltima coluna:
 Rompendo a força do liquido estanho,
 Da tempestade horrifica, & importuna,
 A ti chegamos, de quem sô queremos
 Sinal, que ao nosso Rey de ti leuemos.

74

Esta he a vèrdade Rey, que não faria
 Por tão incerto bem tão fraco premio
 Qual, não sendo isto assi, esperar podia
 Tam lôgo, tam fingido, & vaõ proêmio:
 Mas antes descansar me deixaria
 No nunca descansado, & fero gremio
 Da madre Thetis, qual pirata inico
 Dos trabalhos alheynos feito rico.

C A N T O

Afsi que, ô Rey, se minha grão verda
Téspor qual he, sincera, & não dobra
Ajuntame ao despacho breuidade,
Não me impidas o gosto da tornada
E se inda te parece falsidade,
cuida bem na razão, que está proua
Que com claro juyzo pôde verse,
Que facil he a verdade d'entenderse.

76

Atento estava o Rey na segurança,
Com que prouava o Gama, o que diz
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia;
Pondera das palauras a abastança,
Julga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais corrutos, mal julgados.

77

Juntamente a cobiça do proveito
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer, & ter respeito
Co Capitão, & não co Mauro engan
Em fim ao Gama manda, que direito
Aas naos se vâ, & seguro dalgum dar
Possa a terra mandar qualquer fazer
Que pela especiaría troque, & vende

78

Que mande da fazêda emfim lle má
Que nos Reynos Gangeticos faleça,
S'algua traz idonea lá da banda,
Dóde a terra se acaba, & o mar co
Iá da Real presença veneranda
Se parte o Capitão, para onde pes
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo

79

embarcação, q' o leue às naos lhe pede,
 tas q' mão Regedor, que n'ouos laços
 he machinava, nada lhe concede,
 interpondo tardanças, & embaraços:
 Cõ elle parte ao caes, porque o arrede
 longe quanto podêr dos regio's paços
 Onde, sem que sen Rey tenha noticia,
 faça o que lhe ensinar sua malicia.

80

À bem longe lhe diz, que lhe daria
 Embarcação bastante, emque partisse,
 Ou que para a luz crastina do dia
 futuro, sua partida differisse:
 À com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gentio consentisse
 Na mã tecaõ dos Mouros, torpe & fera,
 O que delle ate li não entendera.

81

Era este Catual, hum dos que estauaõ
 Corruptos pela Maometana gente,
 O principal, por quem se governauaõ
 As cidades do Sàmorim potente:
 Delle somente os Mouros esperauão
 Efeito a seus enganos torpemente:
 Elle, que no concerto vil conspira,
 De suas esperanças não delira.

82

O Gama com instancia lhe requêre,
 Q' o m'ade por nas naos, & não lhe val,
 Eque assi lho mand'ara, lhe refere
 O nobre successor de Perimal:
 Porq' razão lhe empede, & lhe differe
 A fazenda trazer de Portugal,
 Pois aquillo, q' os Reys já tem mandado
 Não pôde ser por outrem derogado.

83

Ponco

C A N T O

Pouco obedece o Catual corruto
 A tais palauras, antes reuoluendo
 Na fantasia algum sutil, & astuto
 Engano, diabolico, & estupendo;
 Ou como banhar possa o ferro bruto
 No sangue auorrecido, estava vendo
 Ou como as naos em fogo lhe abraça
 Porque nenhũa à patria mais torna

84

Que nenhũ torne à patria só pretend
 O conselho infernal dos Maometan
 Porq̃ não saiba nunca, onde se este
 A terra eoa o Rei dos Lusitanos:
 Não parte o Gama emfim, q̃ lho dese
 O Regedor dos barbaros profanos,
 Nem sem licença sua irse podia,
 Que as almadias todas lhe tolhia.

85

Aos brados & razoes do Capitaõ,
 Responde o Idolatra, que mandasse
 Chegar á terra as naos q̃ longe esta
 Porque melhor dali fosse, & torna
 Sinal he de inimigo, & de ladraõ,
 Que lá tam longe a frota se alargass
 Lhe diz, porque do certo, & fido a
 He não temer do seu nenhum perig

86

Nestas palauras o discreto Gama
 Enxerga bem, que as naos deseja p
 O Catual, porque com ferro, & fla
 Lhas assalte, por odio descuberto:
 Em varios pensamentos se derrama
 Fantasiando està remedio certo,
 q̃ desse a quanto mal se lhe ordena
 Tudo temia, tudo emfim cuidava.

87

qual o reflexo lume do polido
 espelho de aço, ou de crystal fermoso,
 que do rayo solar sendo ferido,
 se reflectir noutra parte luminoso;
 sendo da ociola mão mouido
 pela casa do moço curioso,
 e pelas paredes, & telhado,
 remulo, aqui & ali, & deffossegado.

89

al o vago juyzo fluctuava
 o Gama preso, quando lhe lembrara
 o velho, se por caso o esperava
 na praya cõs bateis, como ordenara:
 logo secretamente lhe mandava
 que se tornasse à frota, que deixara,
 nam fosse salteado dos enganos,
 que esperava, dos feros Maometanos.

89

al ha de ser, quẽ quer co dô de Marte
 imitar os illustres, & igoallos:
 voar co pensamento a toda parte,
 e diuinar perigos, & euitallos:
 com militar engenho, & sutil arte
 entender os inimigos, & enganallos:
 ter tudo em fim, que nunca louuarey
 o Capitão, que diga, não cuidey.

90

nũste o Malabar em telo preso;
 não mãda chegar a terra a armada,
 e de constante, & de ira nobre aceso,
 as ameaços seus nam teme nada:
 que antes quer sobre si tomar o peso,
 e quanto mal a vil malicia oulada
 he andar armando, q por em ventura
 a frota de seu Rey, que tem segura.

91

Aquelle

C A N T O

Aquella noite esteue ali deitado,
 E parte do outro dia, quando ordena
 De se tornar ao Rey, mas impedido
 Foi da guarda, que tinha não pequena
 Cometelhe o Gentio outro partido,
 Temendo de seu Rey castigo, ou pena
 Se sabe esta malicia, a qual a filha
 Saberá, se mais tempo ali o detinha

92

Dizlhe que mande vir toda a fazenda
 Vendibil, que trazia, para a terra.
 Para que de vagar se troque, & venda
 E que não quer commercio, busca guerra
 Posto que os mãos prepositos entendem
 O Gama, que o danado peito encerra
 Conlente, porque sabe por verdade,
 Que compra com a fazenda a liberdade

93

Concertão-se, que o negro mande dar
 Embarcações idoneas, com que venha
 Que os seus bateis não quer a ventura
 Onde lhos tome o inimigo, ou lhos de
 Partem as almadias a buscar (na
 Mercadoria Hispana, que conuenha
 Escreue a seu irmão, que lhe manda
 A fazenda, com que se resgatasse.

94

Vem a fazenda a terra, aonde logo
 A agasalhou o infame Catual:
 Com ella ficam Alvaro, & Diogo,
 Que a podessem vender pelo que val
 Se mais que obrigação, que mando, & lei
 No peito vil o premio pôde, & val
 Bê o mostra o Gentio, a quem o entes
 Pois o Gama fultou por a fazenda.

Por ella o solta, crendo que ali tinha
 Penhor bastante, donde recebesse
 Interesse maior, do que lhe vinha,
 Se o Capitão mais tempo detivesse:
 Elle vendo que já lhe não conuinha
 Tornar a terra, porque não podesse
 Ser mais retido, sêdo às naos chegado,
 Nellas estar se deixa descansado.

96

Nas naos estar se deixa vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre,
 Que não se fia já do cobioso
 Regedor corrompido, & pouco nobre:
 Seja agora o juyzo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre
 Põe o vil interesse & sede imiga
 Do dinheyro, que a tudo nos obriga.

97

Polidoro mata o Rey Threicio,
 E por ficar senhor do grão tesouro:
 Entra pelo fortissimo edificio,
 Com a filha de Acriso a chuua d'ouro.
 Põe tanto em Tarpeia o avaro vicio,
 Que a troco do metal luzente, & louro
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Da qual quasi afogada em pago morre.

98

Este rende munidas fortalezas,
 Faz treidores, & falsos os amigos,
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 Entrega Capitaes aos inimigos.
 Este corrompe virginais purezas,
 E temer de hóra, ou fama algus perigos;
 Este deprava às vezes as sciencias,
 E juyzos cegando, & as consciencias.

99

Este

CANTO

Este interpreta mais que sutilmente
Os textos, este faz, & desfaz leis;
Este causa os perjurios entre a gente,
E mil vezes tiranos torna os Reis.
Ate os que são a Deos omnipotente
Se dedicação, mil vezes ouuireis,
Que corrôpe este encantador, & illud
Mas não sem cor com tudo de virtude

CANTO IX.



Tueraõ longamente
Cidade
Sem venderse a fazer
os dous feitores,
Que os infieis por m
nha, & falsidade

Fazem, q não lha cóprem mercados
Que todo seu proposito, & vontade
Era deter ali os descubridores
Da India tanto tempo, que viessem
De Meca as naos, q as suas desfizessem

2

Là no seyo Eritreo, onde fundada
Arsinoe foy do Egipcio Ptholomeo,
Do nome da irmã sua assi chamada
Que despois em Suez se conuerteo,
Naó longe, o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa, & profana
Da religiosa agoa Maometana.

3

glã se chama o porto, aonde o trato
 De todo o roxo mar mais florescia,
 De q̃ tinha proueito grande, & grato
 O Soldam, que esse Reino possuhia:
 Daqui aos Malabares, por contrato
 Dos infieis, fermosa companhia
 De grandes naos, pelo Indico Occeano,
 Especialia vem buscar cada anno.

4

Por estas naos os Mouros esperauão,
 Que como fossem grandes, & possantes,
 Aquellas, que o comercio lhe tomauão
 Com flamas abrasassem crepitantes:
 Neste socorro tanto confiauaõ,
 Que já não querẽ mais dos nauegantes,
 Senão, que tanto tempo ali tardassem,
 Que da famosa Meca as naos chegassẽ.

5

Mas o Gouernador dos Ceos, & gentes,
 Que para quanto tem determinado,
 De longe os meynos dã conuenientes,
 Por onde vem a effeito o fim fadado,
 Infusio piadosos accidentes
 De afeição em Mongaide, q̃ guardado
 Estaua para dar ao Gama auiso,
 Merecer por isso o Paraíso.

6

Este, de quẽ se os Mouros nã guardauã,
 Por ser Mouro como elles, antes era
 Participante em quanto machinauã,
 A tenção lhe descobre torpe, & fera:
 Muitas vezes as naos, que longe estauã
 Visita, & com piedade considera
 O dano, sem razaõ, que se lhe ordena
 Pela maligna gente Sarracena.

C A N T O

Informa o cauto Gama das armadas,
Que da Arabica Meca vem cad'ano,
Que agora são dos seus tam desejadas
Para ser instrumento deste dano:
Dizlhe, que vem de gente carregadas,
E dos trouões horrendos de Vulcano
E que pôde ser dellas oprimido,
Segundo estaua mal apercebido.

8

O Gama, que tambem consideraua
O tempo, que para à partida o chama
E que despacho já não esperaua
Melhor do Rei, q os Maometanos ama
Aos feitores, q em terra estão, mãdam
Que se tornem às naos, & porq a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda, que a fizessem escondida.

9

Porém não tardou muito, que voando
Hum rumor não soasse com verdade
Que foraõ presos os feitores, quando
Foraõ sentidos virse da cidade:
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitaõ, com breuidade
Faz represaria nús, que às naos viera
A vender pedraria que trouxeraõ.

10

Eraõ estes antigos mercadores
Ricos em Calecut, & conhecidos,
Da falta delles, lògo entre os melho
Sentido foi, que estaõ no mar retidos
Mas já nas naos os bós trabalhadores
Voluem o cabrestante, & repartidos
Pelo trabalho, bús puxaõ pela amar
Outros quebraõ co peito duro a bar

Outros pendem da verga, & já defatao
 A vella, que com grita se soltava,
 Quando com maior grita ao Rei relatao
 A pressa, com que a armada se leuaua:
 As mulheres & filhos, que se matao
 Daquelles, que vaõ presos, onde estaua
 O Samorim, se aqueixaõ, que perdidos
 Hũs tem os pays, as outras os maridos:

12

Manda logo os feitores Lusitanos
 Com toda sua fazenda liurementes,
 A pesar dos imigos Maometanos,
 Porque lhe torne a sua preza gente:
 Desculpas mãda o Rei de seus enganos,
 Recebe o Capitaõ de melhormente
 De prezos, q̃ as desculpas, & tornando
 Algũs negros, se parte as vellas dando.

13

Partese costa abaxo, porque entende,
 Que em vaõ co Rei gentio trabalhaua,
 Em querer d'elle paz, a qual pretende
 Por firmar o comercio, que trataua:
 Mas como aquella terra, que se estende
 Pela Aurora sabida já deixaua,
 Com estas nõuas torna à patria chara,
 Certos finais leuando, do que achara.

14

Leua algũs Malabares, que tomou
 Per força, dos que o Samorim mandara
 Quando os presos feitores lhe tornou,
 Leua pimenta ardente, que comprara:
 A seca flor de Banda naõ ficou,
 Noz, & o negro crauo, que faz clara
 Naoua ilha Maluco, coa canella,
 E que Cellaõ he rica, illustre, & bella.

15

K 2

110

C A N T O

Isto tudo lhe ouuera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leua,
Que inspirado de Angelica influencia
Quer no liuro de Christo, q se escreue
6 ditoso Affricano, que a clemencia
Diuina assi tirou descuro treua,
E tam longe da patria achou maneira
Para subir à patria verdadeira.

16

Apartadas assi da ardente costa,
As venturosas naos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa;
Leuando alegres nôuas, & reposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, timidos, & ledos.

17

O prazer de chegar à patria chara,
A seus penates charos, & parentes,
Para contar a peregrina, & rara
Nauegação, os varios ceos, & gentes;
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tão longos trabalhos, & acciden-
Cada hũ o tem por gosto tão perfeito
q o coração para elle he vaso estreito

18

Porem a Deosa Cypria, que ordenada
Era para fauor dos Lusitanos
Do Padre eterno, & por bó genio dada
Que sempre os guia ja de longos annos
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andaua já ordenando, & pretendo
Darlhe nos mares tristes alegria.

19

Depois de ter hũ pouco reſoluido
 Na mête o largo mar, que nauegáraõ,
 Os trabalhos, que pelo Deos nascido,
 Nas Amphioneas Thebas, ſe cauſaraõ;
 Iatrazia de longe no ſentido,
 Para premio de quanto mal paſſaraõ,
 Buſcarlhe algũ deleite, algum deſcanſo
 No Reyno de crystal liquido, & manſo.

20

Algum repouſo emfim, com q̃ podesſe
 Refucilar a laſſa humanidade
 Dos nauegantes ſeus, como intereſſe
 Do trabalho, q̃ incurta a breue idade:
 Parcelhe razaõ, que conta deſſe
 A ſeu filho, por cuja poteſtade
 Os Deos ſe faz deſcer ao vil terreno,
 E os humanos ſubir ao ceo ſereno.

21

Iſto bem reuoluido, determina
 De terlhe aparelhada la no meyo
 Das agoas, algũa infula diuina,
 Ornada d'eſmaltado, & verde arreyo:
 Que muitas tem no reino, que confina
 Cõ a primeira do terreno ſeyo,
 Afora as que poſſue ſoberanas,
 Para dentro das portas Herculanãs.

22

Ali quer que as aquaticas donzellas,
 Eſperem os fortiffimos varoẽs,
 Todas as que tem titulo de bellas,
 Gloria dos olhos, dor dos coraçoẽs:
 Com danças, & coreas, porque nellas
 Inſuirá ſecretas aſſeiçoẽs,
 Para com mais vontade trabalharem
 De contentar, a quem ſe aſſeiçoarem.

C A N T O

Tal manha buscou já, para q̃ aquelle,
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo, que a bouina pelle
Tomou de espaço, por sutil partido
Seu filho vai buscar, porque so nelle
Tem todo seu poder (fero Cupido)
Que assi como naq̃lla empresa antiga
A ajudou já, nestoutra a ajude, & siga

24

No carro ajunta as aues, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando
E aquellas, em que já foi conuertida
Peristera, as boninas apanhando.
Em derredor da deosa já partida,
No ar lasciuos beijos se vão dando,
Ella por onde passa, o ar, & o vento
Serenoz faz, com brando mouimento

25

Ia lá sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estaua então,
Ajuntando outros muitos, q̃ pretend
Fazer hũa famosa expedizaõ,
Contra o mūdo rebelde, porq̃ entende
Erros grandes, que ha dias nelle esta
Amado cousas, que nos foraõ dadas
Náo para ser amadas, mas vsadas.

26

Via Aæteon na caça, tam austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero
Foge da gente, & bella forma humana
E por castigo quer doce, & seueros
Mostrarlhe a fermosura de Diana,
E guardese não seja inda comido
Desses cães, q̃ agora ama, & cõsumido

Èvè do mundo todo os principais,
 Que nenhum no bẽ publico imagina,
 Vê nelles, que não tem amor a mais,
 Qa si somete, & a quẽ Philaucia engraça
 Vê que effes que frequentão os reais
 Paços, por verdadeira, & saã doçrina
 Vendem adulaçãõ, que mal consente
 Mondarse o nouo trigo florecente.

28

Vê que aquelles, que deuem à pobreza
 Amor diuino, & ao pouo caridade,
 Amão somente mandos & riqueza,
 Simulando justiça, & integridade:
 Da fea tyrania, & da aspereza
 Fazem direito, & vãa seueridade:
 Leis em fauor do Rei se estabelecem,
 As em fauor do pouo sô perecem.

29

Vê emfim q̃ ninguem ama, o que deue,
 Senam o que somente mal deseja,
 Nam quer que tanto tempo se releue,
 O castigo, que duro, & justo seja:
 Seus ministros ajunta, porque leue
 Exercitos conforme à peleja,
 Que espera ter com mal regida gente,
 Que lhe não for agora obediente.

30

Muitos destes mininos voadores,
 Estaõ em varias obras trabalhando,
 Hús amolando ferros passadores,
 Outros asteas de setas delgagando,
 Trabalhãdo, cantãdo estaõ de amores,
 Varios casos em verso modulando,
 Melodia sonora, & concertada,
 Suave a letra, angelica a soada.

C A N T O

Nas fragoas immortais, onde forja
 Para as settas as pontas penetrantes,
 Por lenha, corações ardendo estaua
 1 Viuas entranhas inda palpitantes:
 As agoas, onde os fertos temperauão
 2 Lagrimas sam de míseros amantes,
 A víua flama, o nunca morto lume,
 Desejo he so, q̃ queima, & naó consum

32

Algũs exercitando a mão andauam
 Nos duros corações da plebe ruda,
 Quebros sospiros pelo ar soauam,
 Dos que feridos vam da setta aguda;
 Fermosas Nimphas sam, as q̃ curauam
 As chagas recebidas, cuja ajuda
 Nam somēte dà vida aos mal feridos
 Mas poē em vida os inda naónascidos

33

Fermosas são algũas, & outtas feas,
 Segundo a qualidade for das chagas,
 Que o veneno espalhado pelas veas,
 Curaóno às vezes ásperas triagas:
 Algũs ficaó ligados em cadeas,
 Por palauras sutis de sabias Magas,
 Isto acontece às vezes, quando as settas
 Acertam de levar eruas secretas.

34

Destes tiros así desordenados,
 q̃ estes moços mal destros vão tirando
 Nascem amores mil desconcertados,
 Entre o pouo ferido miserando;
 E tambem nos heroes de altos estados
 Exēplos mil se vem de amor nefando,
 Qual o das moças, Bibli, & Cynirea,
 Hum mancebo de Alsiria, hú de Jude

Evós ò poderosos por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes,
E por baxos, & rudos vós senhoras
Tábemvos tomaó nas Vulcanias redes;
Hús esperádo andais nocturnas horas,
Outros subis telhados, & paredes,
Mas eu creyo, que deste amor indino,
He mais culpa a da mãy, q̃a do minino.

36

Mas já no verde prado o carro leue,
Punhaó os brancos Cisnes mansamēte,
E Dióne, que as rosas entre a neve
No rosto traz, decia diligente:
O frecheiro, que cõtra o céu se atreue,
A recebela vem ledo, & contente;
Vem todos os cupidos seruidores
Bejar a mão a Deosa dos amores.

37

Ella porque não gaste o tēpo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz; Amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia está funda:
Filho, emquē minhas forças, sēpre esta
Tu, que as armas Tiphēas tēs em nada,
A socorrerme a tua potestade
Me traz especial necessidade.

38

Ben ves, as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe saureço,
Porque das Parcas sey minhas amigas,
Que me hão devenerar, & ter em prego:
E porque tanto imitão as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quāto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

C A N T O

E porque das infidias do odioso
 Baccho foram na India molestados,
 E das injurias fôz do mar vndoso,
 Podéraõ mais ser mortos, q̃ cantados
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foy, quero que sejam repousados
 Tomãdo aquelle premio, & doce glo
 Do trabalho, que faz clara a memor

40

E para isso queria, que feridas
 As filhas de Nerêo, no ponto fundo,
 D'amor dos Lusitanos encendidas,
 Que vem de descobrir o nouo mundo
 Todas nua ilha juntas, & subidas,
 Ilha, que nas entranhas do profundo
 Oceano terei aparelhada,
 De doês de Flora, & Zefiro adornada

41

Ali com mil refrescos, & manjares,
 Com vinhos odoriferos, & rosas,
 Em crystalinos paços singulares,
 Fermosos leitos, & ellas mais fermos
 Emfim com mil deleites não vulgares
 Os esperem as Nymphas amorosas,
 D'amor feridas, para lhe entregarem
 Quanto dellas os olhos cobigarem.

42

Quero que aja no reyno Neptunino,
 Onde eu nasci, progenie forte, & bel
 E tome exemplo o mundo vil, mal
 Que contra tua potencia se reuel
 Porq̃ entendão, que muro adamantino
 Nem triste hypocresia val contra ell
 mal hauerà na terra, quem se guarda
 Se teu fogo immortal nas agoas arda

Assi Vênus propôs, & o filho iníco
 Para lhe obedecer já se apercebe,
 Manda trazer o arco eburneo rico,
 Onde as settas depôta de ouro embebe:
 Com gesto ledo a Cypria, & impudico,
 Dentro no carro o filho seu recebe,
 A redea larga às aues, cujo canto
 A Phaetontêa morte chorou tanto.

44

Mas, diz Cupido, que era necessaria
 Hũa famosa, & celebre terceira,
 Que posto q mil vezes lhe he cótraria,
 Outras muitas a tem por cópanheira:
 A Deosa Gigantêa temeraria,
 Iactante, mentirosa, & verdadeira,
 Que com cê olhos ve, & por onde voa,
 O que vê com mil bocas apregoa.

45

Vaõna buscar, & mandaõna diante,
 Que celebrando va com tuba clara,
 Os louvores da gente nauegante,
 Mais do q nũca os doutrem celebráras:
 Ia murmurando a Fama penetrante
 Pelas fundas cauernas se espalhàra,
 Fala verdade, aujda por verdade,
 Que junto á Deosa traz Oreulidade.

46

O louuor grande, o rúmor excellente,
 No coração dos Deoses, que indinados
 Forão por Baccho cótra a illustre gête,
 Mudando os fez hũ pouco afeicoados:
 O peito feminino, que lealmente
 Muda quaisquer propósitos tomados,
 Já julga por mau zelo, & por cruza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

C A N T O

Despede nisto o fero moço as settar
 Hũa apos outra, geme o mar cos tiros
 Dereitas pelas ondas inquietas
 Algũas vaó, & algũas fazem giros:
 Cãem as Nymphas, lançaõ das secreta
 Entranhãs ardentíssimos sospiros;
 Cãe qualquer, sem ver o vulto, q̃ ama
 Quo tanto como a vista pòde a fama.

48

Os cornos ajuntou da eburnea Lũã,
 Cõ força o moço indomito excessiu
 Que Thetis quer ferir mais q̃ nenhũa,
 Porq̃ maisque nenhũa lhe era esquiua
 Iá nam fica na aljava setta algũa,
 Nè nos equoreos câpos Nimpha viuã
 E se feridas inda estam viuendo,
 Serà para sentir, que vam morrendo.

49

Day lugar altas, & ceruleas ondas,
 Que vedes Venus traz a medicina.
 Mostrando asbrãcas velias, & redôdas
 Que vem por cima da agoa Neptunina
 Para que tu reciproco respondas,
 Ardente Amor, à flama feminina,
 Ne forçado, que a pudicicia honesta
 Faça quanto lhe Venus amoesta.

50

Ià todo o bello toro se aparelha
 Das Nereidas, & junto caminhaua
 Em coreas gentis, vfança velha,
 Para a ilha, a que Venus as guiaua:
 Ali a fermosa Deosa lhe aconselha,
 O que ella fez mil vezes, quãdo amara
 Ellas que vão do doce amor vencidas
 Estam a seu conselho offerecidas.

Cortando vam as naos a larga via
Do mar ingente, para a patria amada,
Desejando prouerse de agoa fria,
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas com subita alegria
Ouuerão vista da ilha namorada,
Rompendo pelo ceo a máy fermosa
De Memnone suaue, & deleitosa.

52

De longe a ilha viraõ fresca, & bella,
Qu' Venus pelas ondas lha leuaua,
(Bem como o vento leua branca vella)
Para onde a forte armada se enxergaua:
Que porq' não passassem, sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naos nauegaõ a mouia
A Accidalia, que tndo emfim podia.

53

Mas firme a fez, & immouel, como vio,
Q'era dos Nautas vista, & demandada,
Qual ficou Delos tanto que pario
Latona Phebo, & a Deosa à caça vsada:
Para lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia hũa enseada
Curua, & quieta, cuja branca areia
Pintoa de ruiuas conchas Cytherea.

54

Tres fermosos outeiros se mostrauão
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte s'adornauão
Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:
Claras fontes, & limpidas manauão
Do cume, que a verdura tam viçosa;
Por entre pedras aluas se diriua,
A sonora linpha fugitiua.

C A N T O

Num valle ameno, q̃ os outeiros fende
 Vinhaõ as claras agoas ajuntarse.
 Onde hũa mesa fazem, que se estende
 Tam bella, quanto pôde imaginar-se;
 Aruoredo gentil sobre ella pende,
 Como q̃ prompto està para enfeitar-se
 Vendose no crystal resplandecente,
 Que em si o està pintado propriamente

56

Mil aruores estam ao ceo subindo
 Com pomos odoriferos, & bellos,
 A Larangeira tem no fruto lindo
 A cor, que tinha Daphne nos cabellos
 Encoftase no chaõ, que està caindo
 A Cidreira cos pelos amarelllos,
 Os fermolos limoës ali cheirando
 Estaõ virginias tetas imitando.

57

As aruores agrestes, que os outeiros
 Tem cõ frondete coma ennobrecidos
 Alemos saõ de Alcides, & os Loureiros
 Do louro Deos amados, & queridos:
 Mirtos de Cytherèa, cos Pinheiros
 De Cybelle por outro amor vencidos;
 Està apontando o agudo Cypariso
 Para onde he posto o etereo Paraíso.

58

Os doës, que dà Pamõna, ali Natura
 Produze differentes nos sabores,
 Sem ter necessidade de cultura,
 Que sem ella se daõ muito melhores
 As Cerejas purpureas na pintura,
 As Amoras, que o nome tẽ de amores
 O pomo, que da patria Persia veyo,
 Melhor tornado no terreno alheyo.

59

Abre

Abre a Romãa, mostrando a rubicunda
 Cor, cõ q tu Rubi teu preçõ perdes: (da
 Entre os braços do Vlmeiro està a jocu
 Vide, cûs cachos roxos, & outros verdes:
 E vos se na vossa aruore fecunda
 Pera's pyramidaes viuer quiserdes,
 Entregaiuos ao dano, que cos bicos
 Em vos fazem os passaros inicos.

60

Pois a tapeçaria bella, & fina,
 Com que se cobrè o rustico terrenõ,
 Faz ser a de Achemenia menõs dina:
 Mas o sombrio vâlle mais ameno;
 Ali a cabeça a flor Cyphisia inclina,
 Sobolo tanque lucido, & sereno,
 Florece o-filho, & neto de Cyniras,
 Porquẽ tu, Deosa Paphia, inda suspiras.

61

Para julgar deficit cousa fora, (res,
 No cẽo vêdo, & na terra as mesmas co-
 Se daua às flores cor a bella aurora,
 Ou se lha daõ a ella as bellas flores:
 Pintando estaua ali Zephиро, & Flora
 As violas da cor dos amadores,
 O Lirio roxo, a fresca Rosa bella,
 Qual reluze nas faces da donzella.

62

A candida Cecem das Matutinas
 Lagrimas ruciada, & a Manjaronã
 Vêse as letras nas flores Hyacintinas,
 Tam queridas do filho de Latona:
 Bem se enxerga nos pomos, & boninas,
 Que competia Cloris com Pomona:
 Pois se as aues no ar cantando voão,
 Alegres animais o chaõ pouçoaõ.

C A N T O

Ao longo da agoa o niueo Cisne canta
 Responde-lhe do ramo Philomella,
 Da lóbra de seus cornos não se espá
 Acteon nagoa crystalina, & bella:
 Aqui a fugace Lebre se levanta
 Da espessa mata, ou tímida Gazella,
 Almo bico traz ao charo ninho,
 O mantimento o leue passarinho.

64

Nesta frescura tal desembarcauão
 Já das naos os segundos Argonautas,
 Onde pela floresta se deixauam
 Andar as bellas Deosas como incautas
 Algũas doces Cytharas tocauam,
 Algũas arpas, & sonoras frautas,
 Outras cos arcos de ouro se fingiam
 Seguir os animais, que nam seguiam.

65

Assi lho acôselhãra a mestra experta,
 Que andassem pelos câpos espalhados
 Que vista dos varoẽs a presa incerta,
 Se fizessem primeiro delejadas:
 Algũas, que na forma descuberta
 Do bello corpo estauam confiadas,
 Deposta a artificiosa fermosura,
 Nua lauarle deixam na agoa pura.

66

Mas os fortes mancebos, que na pra
 Puzham os pês de terra cubizosos,
 Que nam ha nenhum delles, q não
 De acharem caça agreste desejosos:
 Nam cuidam q se laço, ou redes ca
 Caça naquelles montes deleitosos,
 Tam suave, domestica, & benina,
 Qual ferida lha tinha já Ericina.

67

Algũs, q̃ em espingardas, & nas bẽstas
 Para ferir os Ceruos se fiaua, 117
 Pelos sombrios matos, & florestas
 Determinadamente se lançauam:
 Outros nas sombras, q̃ da s altas leſtas
 Defendem a verdura, paſſeauam
 Ao longo da agoa, que ſuaue, & queda
 Por aluas pedras corre à praya leda.

68

Começam de enxergar ſubitamente
 Por entre verdes ramõs varias cores,
 Cores, de quem a viſta julga, & ſente,
 Que nam eram das roſas, ou das flores,
 Mas da lãa fina, & ſeda differente,
 Que mais incita a força dos amores,
 De que ſe veſtem as humanas roſas,
 Fazendoſe por arte mais fermofas.

69

Dã Velolo eſpantado hũ grande grito,
 Senhores, caça eſtranha, diſſe, he eſta,
 Seinda dura o Gentio antigo rito,
 A Deoſas he ſagrada eſta floreſta:
 Mais deſcobrimos do q̃ humano ſprito
 Deſejou nunca, & bem ſe manifeſta,
 Que ſão grãdes as couſas, & excellẽtes,
 q̃ o mũdo ençobre aos homẽs imprudẽ-
 (tes.

70

Sigamos eſtas Deoſas, & vejamos,
 Se fantaſticas ſão, ſe verdadeiras;
 Isto dito velozes, mais que Gamos,
 Se lãção a correr pelas ribeiras: (mos,
 Fugindo as Nimſas vaõ por entre os ra-
 Mas mais indutrioſas, que ligeiras,
 Pouco & pouco furrindo, & gritos dãdo,
 Se deixam ir dos Galgos alcançando.

71

K 9

De

C A N T O

De hũa os cabellos de ouro o vêto le
 Corrédo, & da outra as fraldas deli
 Acendese o desejo, que se ceua (d
 Nas aluas carnes subito mostradas;
 Hũa de industria cae, & já releua
 Cõ mostras mais macias, q̃ indinada
 Que sobre ella empegádo també ca
 Quem a seguiu pela arenosa praya.

72

Outros por outra parte vão topar,
 Com as Deosas despidas, que se laua
 Ellas começam subito a gritar,
 Como que affalto tal nam esperaua
 Hũas fingindo menos estimar
 A vergonha que a força, se lançaua
 Nuas por entre o mato, aos olhos d
 O que às mãos cobigosas vam nega

73

Outra, como acudindo mais depre
 Aa vergonha da Deosa caçadora,
 Escôde o corpo nagoa, outra se apr
 Por tomar os vestidos, que tem fô
 Tal dos mancebos ha, que se arrem
 Vestido assi & calçado (que co a mo
 De se despir, ha medo, que inda tare
 Amatar na agoa o fogo, que nelle a

74

Qual caô de caçador sagaz, & ardid
 Usado a tomar na agoa a aue ferida
 Vêdo no rosto o ferreo cano ergu
 Para a Garcenha, ou Pata conheci
 Antes que soe o estouro, mal soffri
 Salta nagoa, & da preza não duuida
 Nadando vay, & latindo, assi o mã
 Remete àque não era irmãa de Ph

75

Leonardo soldado bem despoſto,
 Manhoso, caualleiro, & namorado,
 Aquem Amor não dera hũ ſo deſgoſto,
 Mas ſempre fora delle maltratado:
 Etinha já por firme propoſto
 Ser com amores mal afortunado,
 Porém não que perdeſſe a eſperança,
 De inda poder ſeu fado ter mudança.

76

Quis aqui ſua ventura, que corria
 A por Eſtre, exemplo de belleza,
 E mais charo, q̃as outras, dar queria,
 O que deu para darſe a Natureza;
 Já canſado correndo lhe dizia,
 O fermofura indigna de aſpereza,
 Pois deſta vida te concedo a palma,
 Eſpera hũ corpo, de quẽ leuas a alma.

77

Todas de correr canſaõ, Ninpha pura,
 Rendendoſe à vontade do inimigo,
 Tu ſo de my ſo foges na eſpeſſura,
 Quem te diſſe, que eu era o que te ſigo?
 Se to tem dito já aquella ventura
 E em toda parte ſempre anda comigo,
 O não na creas, porq̃ eu quando a cria,
 Mil vezes cada hora me mentia.

78

Não canſes, que me canſas, & ſe quereſ
 Fugirme, porque não poſſa tocarte,
 Minha Vétura he tal, q̃ inda q̃ eſperes,
 Ella fará, que não poſſa alcançarte:
 Eſpera, quero ver, ſe tu quiſereſ,
 Que ſutil modo busca de eſcaparte,
 E notaràs no fim deſte ſucceſſo, (ſo,
 Tra la ſpica e la man, qual muro è meſ-

O nam me fujas, afsi nunca o breue
 Tempõ fuja de tua fermofura,
 Que fõ com refrear o paſſo leue
 Venceràs da Fortuna a força dura:
 Que Emperador, que exercito ſe atrõ
 A quebrantar a furia da ventura,
 q̃ em quanto deſejey me vai ſeguindo
 O que tu ſo faràs nam me fugindo?

80

Poẽſte da parte da deſdita minha?
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potẽ
 Leuaſme hũ coraçãõ, que liure tinha
 Soltamo, & correràs mais leuementẽ
 Nam te carrega eſſa alma tam meſq̃
 Que neſſes fios de ouro reluzẽte (nã)
 Atada leuas ? ou depois de preza,
 Lhe mudafte a ventura, & menos pe

81

Nefte eſperança fõ te vou ſeguindo,
 Que ou tu nam ſofreràs o peſo della,
 Ou na virtude de teu geſto lindo,
 Lhe mudaràs a triſte. & dura eſtrela
 E ſe ſe lhe mudar, nam vas fugindo,
 Que Amor te ferirà, gentil donzella,
 E tu me eſperaràs, ſe amor te fere,
 E ſe me eſperas, naõ ha mais, q̃ eſpe

82

Iã nam fugia a bella Nimpha, tanto
 Por ſe dar cara ao triſte que a ſegui
 Como por ir ouuindo o doce canto
 As namoradas magoas, que dizia:
 Voluendo o roſto jã ſereno, & ſanã
 Toda banhada em riſo, & alegria,
 Cair ſe deixa aos pẽs do vencedor,
 Que todo ſe deſfaz em puro amor.

83

O que famintos beijos na floresta,
 E que mimoso choro, que soava,
 Que afagos tão suaves, que ira honesta
 Que em riúinhos alegres se tornaua!
 O q' mais passam na menhã, & na festa,
 Que Venns com prazeres inflamaua,
 Melhor he esprimêtallo, que julgallo,
 Mas julgueo, quẽ não pôde esprimêtal-

84

(lo.

Dest'arte emfim cóformes)à asfermolas
 Nymphas cos seus amados nauegantes,
 Os ornaó de capellas deleitosas,
 De louro, & de ouro, & flores abūdātes:
 As mãos aluas lhe danaó como espolas
 Com palauras formais, & estipulantes,
 Se prometem etérna companhia
 Em vida & morte, de honra & alegria.

85

Rúa dellas maior, a quem se humilha
 Todo o coró das Nymphas, & obedece,
 Que dizem ser de Celo & Vesta filha,
 O que no gesto bello se parece,
 Inchêdo a terra, & o mar de marauilha
 O Capitam illustre, que o merece,
 Recebe ali có pompa honesta, & régia,
 Mostrádo-se senhora grande, & egregia.

86

Que despois de lhe ter dito quem era,
 Cú alto exordio de alta graça ornado,
 Dandolhe a entender, que ali viêra
 Por alta influicam do imobil fado,
 Para lhe descobrir da vnida esphera,
 Da terra immêsa, & mar não nauegado
 Os segredos por alta prophecia,
 O que esta sua nação so merecia.

87

To-

C A N T O

Tomando pela mão o leua, & guia
 Para o cume dū monte alto, & diuino
 No qual hũa rica fabrica se erguia
 De crystal toda, & de ouro puro, & fino
 A maior parte aqui passam do dia
 Em doces jogos, & em prazer continuo
 Ella nos paços logra seus amores,
 As outras pelas sóbras entre as flores.

88

Assi a fermosa, & a forte companhia
 O dia quasi todo estaõ passando,
 Nũa alma, doce, incognita alegria,
 Os trabalhos tão longos compêsand
 Porque dos feitos grandes, da ousada
 Forte, & famosa, o mūdo està guardada
 O premio là no fim bem merecido,
 Cō fama grãde, & nome alto & subido

89

q̃ as Nimphas do Occeano tão fermosa
 Thetis, & a Ilha angelica pintada,
 Outra cousa não he, que as deleitosas
 Honras, que a vida fazem sublimadas
 Aquellas preminencias gloriosas,
 Os triumphos, a fronte coroada
 De Palma, & Louro, a gloria & mara
 Estes sam os deleites della ilha. (L)

90

Que as immortalidades, que fingia
 A antiguidade, que os illustres ama,
 La no estellante Olimpo, a quem subia
 Sobre as afas inclitas da oima;
 Por obras valerosas, que fazia,
 Pelo trabalho immenso, que se ch
 Caminho da virtude alto & fragoso,
 Mas no fim doce, alegre, & deleitoso

91

Tam eram senam premios. que reparte
 por feitos immortais, & soberanos,
 O mudo, cosvaroens, que esforço & arte
 ipinos os fizerao, sendo humanos;
 que Iupiter, Mercurio, Phebo, & Marte,
 neas, & Quirino, & os dous Thebanos,
 crez, Pallas, & Iuno, com Diana.
 todos foraõ de fraca carne humana.

92

tas a fama, trombeta de obras tais,
 he deu no mudo nomes tao estranhos
 de Deoses, Semideoses immortais,
 ndigetes, Heroicos, & de Magnos;
 torisso, ò vos, que as famas estimais,
 e quiserdes no mundo ser tamanhos,
 elpertai ja do sono do ocio ignauo,
 que o animo de liure faz escravo.

93

ponde na cobiça hum freyo duro,
 na ambigaõ tambẽ, que indignamete
 omais milvezes, & no torpe, & escuro
 icio da tirania, infame & vrgente;
 orq estas honras vãs, esse ouro puro
 erdadeiro valor nam daõ á gente;
 elhor he merecellos, sem os ter,
 que possuilos sem os merecer.

94

u day na paz as leys iguais, constãtes
 aos grãdes não dem o dos pequenos,
 u vos vesti nas armas rutilantes,
 ontra a ley dos imigos Sarracenos;
 reis os Reinos grandes, & possantes,
 todos tereis mais, & nenhum menos,
 ossuireis riquezas merecidas,
 e as honras, q illustraõ tão as vidas.

95

E fa-

C A N T O

E fareis claro o Rey, que tanto amais
 Agora cos conselhos bem cuidados,
 Agora co as espadas, que immortais
 Vos tarão, como os vossos já passados
 Impossibilidades nam façais,
 q̃ quem quis sêpre pode; & numerados
 Sereis entre os Heroes esclarecidos,
 E nesta ilha de Venus recebidos.

C A N T O X.

I



As já o claro amado
 da Larissea
 Adultera, inclinava
 animais,
 La para o grande lago
 que rodea

Temistitão, nos fins Occidentais.
 O grande ardor do Sol Fauonio enfi
 Co sopro, que nos tanques naturais
 Encrespa a agoa serena, & desperta
 Os Lirios, & Iasmins, q̃a calma agra

2

Quando as fermosas Nimphas cos
 Pela mão já conformes, & contentes
 Subião para os paços radiantes,
 E de metais ornados reluzentes.
 Mandados da Rainha, que abunda
 Mesas, daltos manjares, excellentes
 Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
 Restaurem da cansada natureza,

3

Ali em cadeiras ricas crystalinas
Se assêtaõ, dous & dous, amãte & dama,
Noutras à cabeceira d'ouro finas,
Está coa bella Deosa o claro Gama:
De igoarias suaves, & diuinas,
A que não chega a Egipcia antiga fama,
Se accumulaõ os pratos de fuluo ouro,
Trazidos lá do Athlantico tesouro.

4
Os vinhos odoríferos, que acima
Estão, não so do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, q Ioué tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno.
Nos vasos, onde é vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguê, q no interno
Coração mouem subita alegria,
Saltando coa mistura d'agoa fria.

5
Mil praticas alegres se tocavaõ,
Rizos doces, sutis & argutos ditos,
q entre hũ & outro mñar se alevantaõ
Delpertando os alegres apetitos:
mũcos instrumentos não faltavaõ,
Quais no profundo reino os nũs spritos,
Fizeraõ descansar da eterna pena,
Cũ voz d'ũa angelica syrena.

6
Cantava a bella Nimpha, & cos acêtos,
Que pelos altos paços vaõ soando,
Em consonancia igoal, os instrumẽtos
Suaves vem a hũ tempo conformando:
Hum subito silencio enfra os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As agoas, & nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.

CANTO

Com doce voz está subindo ao ceo
Altos varoës, q̃ estão por vir ao mudo
Cujas claras Idéas vio Protheo,
Num globo vaõ, diafano, rotundo:
Que Iupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, & despois no reino fundeo
Vaticinando o disse, & na memoria
Recolheo lôgo a Ninfa a clara historia

8

Materia he de Coturno, & não de Soc
A q̃ a Ninfa aprêdeo no immêso lago
Qual Yôpas não soube, ou Demodoco
Entre os Pheáces hũ, outro em Cartago
Aqui minha Calliope te inuoco
Neste trabalho extremo, porq̃ em pa
Me tornes, de q̃ escreuo, & evão pre
O gosto de escreuer, q̃vou perdêdo.

9

Vaõ os annos decendo, & já do Estio
Ha pouco que passar ate o Otono,
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nẽ me abor
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimêto, & eterno sor
Mas tu me dà q̃ cûpra, ò graõ Rainh
Das Musas, cõ q̃ quero à nação min

10

Cantava a bella Deosa, que viriaõ
Do Tejo, pelo mar, q̃ o Gama abriã,
Armadas, que as ribeiras venceriaõ,
Por onde o Oceano Indico suspirã
E que os Gentios Reis, que não dan
A cerviz sua ao jugo, ao ferro & ira,
Prouariaõ do braço duro & forte,
Ate render se a elle, ou logo a morte

Centaua d'hum, q̃ tem nos Malabares
 Do sumo sacerdocio a dignidade,
 Que so por naõ quebrar cos singulares
 Varoẽs os nòs, que dera d'amizade,
 Sofrerà suas cidades, & lugares,
 Com ferro, incendios, ita, & crueldade
 Per destruir do Samorim potente,
 Que tais odios terá coa noua gente.

12

E canta como là se embarcaria
 Em Bellem o remedio deste dano,
 Sem saber o que em si ao mar traria
 O gram Pacheco, Achilles Lusitano:
 O peso sentirã, quando entraria
 O curuo lenho, & o feruido Oceano,
 Quão mais nagoa os trócos, q̃ gemerẽ
 Contra sua natureza se meterem.

13

Mas já chegado aos fins Orientais,
 E deixado em ajuda do gentio
 Rey de Cochim, com poucos naturais,
 Nos braços do salgado, & curuo rio:
 Desbaratarà os Naires infernaes
 No passo Cambalaõ, tornando frio
 Despanto o ardor immêso do Oriente,
 Que verà tanto obrar taõ pouca gente.

14

Chamarà o Samorim mais gente nõua
 Virão Reis de Bipúr, & de Tanòr,
 Das serras de Narfinga, que alta proua
 Estaraõ prometendo a seu senhor:
 Farà que todo o Norte emfim se mona,
 Que entre Calecut jaz, & Cananòr,
 Dambas as leis imigas, para a guerra,
 Nouros por mar, Gentios pela terra.

CANTO

E todos outra vez desbaratando (6)
 Por terra, & mar, o graó Pacheco ou
 A grande multidão, que irá matando
 A todo o Malauar terá admirado:
 Cometerá outra vez não dilatando
 Q Gencio os combates apressado,
 Injuriado os seus, fazêdo vôtos (morte)
 Em vão aos Deoses vãos, surdos, & i

16

Ia não defenderá somente os passos,
 Mas qimar heha lugares, tēplos, cast
 Acceso de ira o Caó, não vendo lasso
 Aquelles, que as cidades fazem rasas,
 Fara q os seus de vida pouco elcassos
 Cometaó o Pacheco, que tem alas
 Por dous passos num tēpo, mas voand
 D'hum noutro, tudo irá desbaratand

17

Virá ali o Samorim, porque em pessoa
 Veja a batalha, & os seus esforce, & a
 Mas hū tiro, q com zouido voa (morte)
 De sangue o tingirá no andor sublim
 Ià não verá remedio, ou manha boa,
 Nem força, q o Pacheco muito estim
 Inuentará traíçoês, & vaós venenos,
 Mas sēpre (o ceo querêdo) fará mende

18

Que tornará a vez septima, cantava,
 Pellejar cō o inuicto, & forte Luso,
 Aquê nenhū trabalho peza, & agr
 mas contudo este só o fará confuso:
 Trará para a batalha horrêda, & bra
 Machinas de madeiros fôra de vso,
 Para lhe abalroar as Carauellas,
 Que ate li vão lhe fora cometellas.

Pela agoa leuarà ferras de fogo,
 Para abraçarlhe quãta armada tenha,
 Mas a militar arte, & engenho, lôgo
 Fará servãa a braueza com que venha:
 Nenhum claro varaõ no Marcio jogo,
 (Que nas azas da fama se sostenha)
 Chega a este, q a palma a todos tõma,
 Eperdoeme a illustre Grecia, ou Roma.

20

Porque tantas batalhas sustentadas
 Cõ muito pouco mais de cẽ soldados,
 Cõ tantas manhas, & artes inuentadas,
 Tantos Cães não imbelles profligados,
 Ou parecerãm fabulas sonhadas,
 Ou que os celestes Coros inuocados
 Decerãm a ajudallo, & lhe daram
 Esforço, força, ardil, & coração.

21

Aquelle, que nos campos Maratonios,
 O graõ poder de Dario estrue, & rende:
 Ou quem cõ quatro mil Lacedemonios
 O passo de Termopilas defende;
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
 Que com todo o poder Tusco cõtende
 Em defenfa da ponte, ou Quinto Fabio,
 Foi como este na guerra forte, & sabio.

22

Mas neste passo a Ninfa o som canoro
 Abaxando, fez ronco, & entristecido,
 Cõtado em baxa voz enuolta é choro,
 O grande esforço malagárdecido:
 ô Belisario, disse, que no coro
 Das Musas seràs sempre engrandecido,
 Seem ti viste abatido o brauo Marte,
 Aqui tens, com quem pôdes cõsolarte.

23

13

Aquí

C A N T O

Aqui tens cõpanheiro así nos feitos
 Cõmo no galardão injusto, & duro,
 Em ti, & nelle veremos altos peitos,
 A baxo estado vir humilde, & escuro,
 Morrer nos hospitais em pobres leitos,
 Os que ao Rei, & à lei seruem de maos,
 Isto fazem os Reys, cuja vontade
 Manda mais q̃ a justiça, & q̃ a verda-

24

Isto fazem os Reis, quando embebia
 Nũa aparência branda, q̃ os contenta
 Dão os premios de Ayacé merecidos,
 Aa lingua vãa de Vlisses fraudulenta
 Mas vingome, q̃ os bẽs mal repartidos,
 Por quem so doces sombras apresenta
 Senão os daõ a sabios canalleiros,
 Daõnos logo a auarentos lisongeir-

25

Mas tu, de quem ficou taõ mal paga
 Hum tal vassallo, ò Rey, so nisto inica
 Senão es para darlhe honroso estado
 He elle para darte hum reino rico:
 Em quanto for o mundo rodeado
 Dos Apollineos rayos. eu te fico,
 q̃ elle seja entre a gẽte illustre & clara
 E tu nisto culpado por avaro.

26

Mas eis outro, cantava, intitulado
 Vem com nome real, & traz consigo
 O filho, que no mar serã illustrado
 Tãto como qualquer Romano antigo
 Ambos daraõ cõ braço forte, armado
 A Quiloa fertil aspero castigo,
 Fazendo nella Rey leal, & humano,
 Deitado fõra o perfido Tirano.

27

Ta

Tambem farão Mombaça, q se arrea
 De casas sumptuosas, & edificios,
 Co ferro, & fogo seu, quemada & fea,
 Em pago dos passados maleficios:
 Depois na costa da India, andão chea
 De lenhos inimigos, & arteficios,
 Cõtra os Lusos, cõ vellas, & cõ remos
 O mancebo Lourenço farà estremos.

28

Das grãdes naos, do Samorim potente,
 q echeràõ todo o mar, coa ferrea pella
 que sae como trouaõ do cobre ardete,
 Farà pedaços leme, masto, & vella:
 Depois lançando arpeos ousadamente
 Na Capitaina imiga, dentro nella
 Saltando, a farà so com lâça & espada
 De quatrocentos Mouros despejada.

29

Mas de Deos a escondida prouidenciã,
 Que ella so sabe o bê, de que se teme,
 O porã onde esforço, nem prudencia
 Podera auer, que a vida lhe reserue:
 Em Chaul onde em sangue & resistencia
 O mar todo com fogo & ferro ferue,
 Lhe farão, que com vida se não faya
 A armada de Egipto & de Cambaya.

30

Ali o poder de muitos inimigos
 Que o grãde esforço, so cõ força rãde,
 Os ventos, que saltãrão, & os perigos
 Do mar, que sobejarão, tudo o ofende:
 Aqui resurjaõ todos os antigos,
 A ver o nobre ardor, q aqui se aprende,
 Outro Sceua veráõ, que espedaçado
 Não sabe ser rendido, nem domado.

C A N T O

Cô toda hũa coxa fôra, q̃ em pedaço
 Lhe leua hum cego tiro, que passara,
 Se serue inda dos animosos braços,
 E do grão coraçãô, que lhe ficara:
 Até que outro pilouro, quebra os laços
 Com que có a alma o corpo se liara,
 Ella solta voou da prisão fôra,
 Onde subito se acha vencedora.

32

Váite alma em paz da guerra turbulenta
 Na qual tu mereceste paz serena,
 Q̃ o corpo, q̃ em pedaços se apresenta
 Qué o gerou vingança já lhe ordena:
 Que eu ouço retubar a grão tormenta
 Que vem ja dar a dura, & eterna pena,
 De Esperas, Basiliscos, & Trabucos,
 A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

33

Eis vem o pay com animo estupendo,
 Trazêdo furia & magoa por antolho
 Cô q̃ o paterno amor lhe está mouêdo
 Fogo no coração, agoa nos olhos:
 A nobre ira lhe vinha prometendo,
 Que o sangue fará dar pelos gíolhos
 Nas inimigas naos sentiloha o Nilo,
 Podêloha o Indo ver, & o Gâge ounilo

14

Onal o Touro ciofo, que se enfaya
 Para a crua pelleja, os cornos tenta
 No rroco d'hũ Carualho, ou alta Faya
 E o ar ferindo as forças esprimenta:
 Tal, antes que no seyo de Cambaya
 Entre Francisco irado na opulenta
 Cidade de Dâbul, a espada afia,
 Abaxandolhe a tumida ousadia.

E logo entrando fero na enseada
 De Dio, illustre em cercos, & batalhas,
 Farà espalhar a fraca & grãde armada,
 De Calecut, que remos te por malhas:
 A de Melique Yaz acautelada,
 Cos pelouros, q tu Vulcano espalhas,
 Farà ir ver o frio & fundo assento,
 Secreto leito do humido elemento.

36

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
 A furia esperará dos vingadores,
 Verà braços & pernas ir nadando
 Sê corpos, pelo mar, de seus senhores;
 Rayos de fogo iraõ representando,
 No cégo ardor, os brauos domadores,
 Quãto ali sentiram olhos, & ouvidos,
 He fumo, ferro, flamas, & alaridos.

37

Mas ah, que desta prospera vitoria,
 Com que despois virà ao patrio Tejo,
 Quasi lhe roubará a famosa gloria
 Hum successo, que triste & negro vejo;
 O Cabo Tormentorio, que a memoria
 Cos ossos guardará, não terá pejo
 De tirar deste mundo aquelle espirito,
 Que não tirarão toda a India, & Egito.

38

Ali Cafres seluagens poderã
 O que destros imigos não pudẽrã,
 E rudos paos toitados so farã,
 O que arcos & pelouros não fizerã:
 Occultos os juizos de Deos sam,
 As gentes vãs, que não nos entenderã,
 Chamaólhe fado mao, fortuna escura,
 Sendo so providencia de Deos pura.

C A N T O

Mas ò q̃ luz tamanha, que abrir finto
 Dizia a Ninpha, & a voz alevantau
 Já no mar de Melinde em sangue tin
 Das cidades de Lamo, de Oja, & Bra
 Pelo Cunha també, que nunca extint
 Será seu nome, em todo o mar, q̃ lan
 As ilhas do Austro, & prayas, q̃ se cham
 De S. Lourenço, & em todo o Sul se a

40

Esta luz, he do fogo, & das luzentes
 Armas, có q̃ Albuquerque irá amansin
 De Ormuz os Parsecos, por se um alval
 Que refusam o jugo honroso, & brã
 Ali verão as settas estridentes
 Reciprocarse, a ponta no ar virando
 Contra quem as tirou, que Deos pele
 Por quem estêde a fê da madre Igre

41

Ali do sal os montes não defendem
 De corrupção os corpos no combate
 Que mortos pela praya, & mar se estê
 De Gerum, de Mazcate, & Calayate
 Ate que á força so de braço aprende
 A abaxar a ceruiz, onde se lhe ate
 Obrigação de dar o reyno inico
 Das perlas de Bârem tributo rico,

42

Que gloriosas palmas tecer vejo,
 Com que victoria a fronte lhe coroa
 Quando sem sóbra vã de medo, ou pe
 Toma a Ilha illustrissima de Goa!
 Depois, obedecendo ao duro ensejo
 A deixa, & occasião espera boa,
 Có q̃ a torne a tomar, q̃ esforço, & ar
 Vêcerão a fortuna, & o proprio Mar

Eis já sobrella torna, & v'ay rompendo
 Por muros, fogo, langas, & pilouros,
 Abrindo có a espada o espelho, & horré
 Esquadrão de Gétios, & de Mouros: (do
 Irão soldados inclitos fazendo
 Mais que Lioês famelicos, & Touros,
 Na luz, que sempre celebrada & dina
 Será da Egipcia sancta Caterina.

44

Nem tu menos fugir poderàs deste,
 Posto que rica, & posto que assentada
 Là no gremio da Aurora, onde nasceste,
 Opulenta Malaca nomeada
 As settas venenosas, que fizeste,
 Os Crises com que já te vejo armada,
 Malayos namorados, Iaos valentes
 Todos faràs ao Luso obedientes.

45

Mais estanças cantára esta Syrena
 Em louuor do illustrissimo Albuquerque,
 Mas alêbroulhe hũa ira, que o códena,
 Posto que a fama sua o mundo cerque:
 O grande capitão, que o Fado ordena
 Que có trabalhos gloria eterna merq,
 Mais ha de ser hũ brando cópanheiro
 Para os seus, que juiz cruel & inteiro.

46

Mas em tẽpo, que fomes, & asperezas,
 Doenças, frechas, & trouoês ardentes,
 A sazão, & o lugar fazem cruezas
 Nos soldados a tudo obedientes:
 Parece de seluaticas brutezas,
 De peitos inhumanos & insolentes,
 Dar extremo suplicio pela culpa, (pa.
 Que a fraca humanidade & Amor descul

C A N T O

Nam era a culpa abominoso incesto,
 Nem violento estupro em virgẽ pura,
 Nem menos adulterio desonesto,
 Mas cũa escrãua vil lasciua & escura:
 Se o peito ou de cioso, ou de modesto,
 Ou de vsado a crueza fera & dura,
 Cos seus hũa ira insana naõ refrea,
 Poẽ-na fama alua noda negra, & fea.

48

Vio Alexandre Apelles namorado
 Da sua Cãpaspe, & deulha alegremẽte
 Naõ sendo seu soldado esperimentado,
 Nẽ vendose num cerco duro & vrgẽte
 Sentio Ciro, que andaua jã abrasado
 Araspas, de Pantẽa, em fogo ardente,
 Q elle tomara em guarda, & prometia,
 Que nenhum mau desejo o venceria.

49

Mas vendo o illustre Persa, q vencido
 Fora de amor, q em fim naõ tẽ defenõa,
 Leuemente o perdoa, & foy seruido
 Delle num caso grande em recompẽsa
 Per força de Iudita foy marido
 O ferreo Balduino, mas dispensa
 Carlos pai della, posto ã cousas grãdes
 Que viuã, & pouoador seja de Frãdes

50

Mas prosseguindo a Ninfa o lãgo cãu
 De Soarez cantaua, que as bandeiras
 Faria tremolar, & por espanto,
 Pelas roxas Arabicas ribeiras:
 Medina abominauel teme tanto,
 Quãto Meca, & Gidã, coas derradeiras
 Prayas de Abasia: Earborã se teme
 Do mal, de que o Emporio Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
 Ia pelo nome antigo tam famosa,
 Quanto agora soberba, & soberana,
 Pela cortiça calida, cheirola;
 Della dará tributo à Lusitana
 Bandeira, quando excelsa, & gloriosa,
 Vencendo se erguerá na torre erguida
 Em Colúbo, dos proprios tam temida.

52

Tambem Sequeira as ondas Eritrêas
 Diuidindo, abrirá nouo caminho,
 Para ti grande Imperio, que te arreas
 De seres de Candace, & Sabá ninho:
 Maçua com Cisternas de agoa cheas
 Verá, & o porto Arquico ali vizinho,
 E fará descobrir remotas ilhas,
 Que dão ao mundo nòuas marauilhas.

53

Virá despois Meneses, cujo ferro
 Mais na Africa, que cá terá prouado:
 Castigará de Ormuz soberba o erro,
 Com lhe fazer tributo dar dobrado:
 Tambem tu Gama em pago do desterro
 Em que estàs, & seràs inda tornado,
 Cos titulos de Còde, & d'hóras nobres,
 Viràs mandar a terra, que descobres.

54

Mas aquella fatal necessidade,
 De quẽ ninguẽ se exime dos humanos,
 Illustrado coa Regia dignidade,
 Te tirará do mundo & seus enganós:
 Outro Meneses lògo, cuja idade
 He mayor na prudencia, que nos anos,
 Governará, & fará o ditoso Henrique,
 Que perpetua memoria delle fique.

55

L 7

Naõ

C A N T O

Nam vencerá samente os Malabares
 Destruindo Panane, com Coulete,
 Cometendo as Bôbardas, que nos an
 Se vingão so do peito, que as comete
 Mas com virtudes certo singulares,
 vence os inimigos dalma todos sete,
 De cubiça triumphá, & incontinen
 Que em tal idade he suma excellencia

56

Mas despois q as estrellas o chamará
 Socederás ò forte Mazcarenhas,
 E se injustos o mando te tomarem,
 Prometote, que fama eterna tenhas
 Para teus inimigos confessarem
 Teu valor alto, o Fado quer que venha
 A mandar, mais de Palmas coroado,
 Que de fortuna justa acompanhado.

57

No reino de Bintaó, que tantos danos
 Terá a Malaca muito tempo feitos,
 Num so dia as injurias de mil anos
 Vingará, co valor de illustres peitos.
 Trabalhos & perigos inhumanos,
 Abrolhos ferreos mil, passos estreitos
 Tranqueiras, Baluartes, lanças, settas,
 Tudo fico, que rompas & sometas.

58

Mas na India cubiça & ambição
 Que claramente poem aberto o rosto
 Contra Deos, & Iustiza, te faraó
 Vituperio nenhum, mas so desgosto:
 Quem faz injuria vil, & sem razão
 Com a força & poder, em q está posto
 Não vence, que a vitoria verdadeira,
 He saber ter justiza nua, & inteira.

Mas com tudo não nego, que Sampayo
 Serà no esforço illustre, & afinalado,
 Mostrandose no mar hum fero rayo,
 Que de inimigos mil verà qualhado:
 Em Bacandør, farà cruel ensayo
 No Malabar, para que amedrontado
 Despois a ser vencido delle venha
 Cutiale, com quanta armada tenha.

60

E nam menos de Dio a fera frota,
 Que Chaul temerà de grande & oufada,
 Farà co a vista so perdida & rota,
 Por Heitor da Silueira, & destrozada:
 Por Heitor Portuguez, de quẽ se nota,
 Que na Costa cábayca sempre armada,
 Serà aos Guzarates tanto dano,
 Quanto já foy aos Gregos o Troyano.

61

A Sampayo feroz socederà
 Cunha, que longo tempo tem o leme,
 De Chale as torres altas erguerà,
 Em quanto Dio illustre delle treme;
 O forte Baçaim se lhe darà,
 Naõ sem sangue porẽ, que nelle geme
 Melique, porque á força so de espada
 A tranqueira soberba ve tomada.

62

Tras este vẽ Nõronha, cujo auspicio
 De Dio os Rumes feros afugenta,
 Dio, que o peito & bellico exercicio
 De Antonio da Silueira bem sustenta:
 Farã ã Nõronha a morte ovfado officio
 Quãdohũ teu ramo, ò Gama, se esprimẽ
 No gouerno do Imperio, cujo zelo (ta
 Com medo o roxo mar farà amarelo.

63

L 8

Das

C A N T O

Das mãos do teu Esteuaõ vem tomar
As redeas hum, que já sera illustrado
No Brasil, com vencer & castigar
O Pirata Francès ao mar vsado;
Despois Capitão mor do Indico mar,
O muro de Dãmão soberbo & armado
Escalla, & primeiro étra a porta abert
Que fogo & frechas mil teraõ cubert

64

A este o Rey Cambayco soberbíssimo
Fortaleza darà na rica Dio,
Porque cõ tra o Mogor poderosíssimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Despois irà com peito esforçadíssimo
A tolher, que não passe o Rey gentio
De Calecut, que assi com quantos ve
O farà retirar de sangue cheyo.

65

Destroirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rey cõ muitos em fugid
E despois junto ao Cabo Comorim
Hũa façanha faz esclarecida;
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co furor do ferro, & fogo,
Em si verà Beadala o Mârcio jogo.

66

Tendo assi limpa a India dos inimigos
Virà despois com cetro a governalla
Sem que ache resistêcia, nem perigos
Que todos tremê delle, & nenhũa falla
Sò quis prouar os ásperos castigos
Baticalà, que vira já Beadalla,
De sangue & corpos mortos ficou che
E de fogo, & trouoês desfeita, & fea.

67

Este será Martinho, que de Marte
 O nome tem coas obras diriuado,
 Tão em armas illustre em toda parte,
 Quão em cōselho sabio, & bẽ cuidado:
 Socederlheha ali Castro, q̃ o estãdarte
 Portuguez terá sempre levantado,
 Conforme successor ao succedido,
 q̃ hũ ergue Dio, outro o defẽde erguido

68

Persas feroces, Abassiss, & Rumes,
 Que trazido de Roma o nome tem,
 Varios de gestos, varios de costumes,
 Que mil nações ao cerco feras vem:
 Faraó dos ceos ao mũdo vãos queixu-
 Por q̃ hũspoucos a terra lhe detẽ, (mes
 Em sangue Portuguez juraó descritos
 De banhar os bigodes retorcidos.

69

Basiliscos medonhos, & Lioës,
 Trabucos feros, minas encubertas,
 Sustenta Mascarenhas cos varoës,
 Que tão ledos as mortes tẽ por certas:
 Ate que nas mayores oppressões
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filhos, quer q̃ fiquem
 Cõ fama eterna, & a Deos se sacrificuẽ.

70

Fernão hũ delles, ramo da alta prãta,
 Onde o violento fogo com ruido,
 Em pedaços os muros no ar levanta,
 Sera ali arrebatado, & ao ceo subido:
 Alvaro quãdo o inuerno o mundo espã
 E tẽ o caminho humido impedido, (ta
 Abrindoo, vêce as ondas, & os perigos,
 Os ventos, & despois os inimigos.

C A N T O

Eis'vem despois o pay, q̃ as ondas co
Co restante da gente Lusitana,
E com força, & saber, q̃ mais impon
Batalha dà felice, & soberana:
Hús paredes subindo escusaõ porta,
Outros a abrẽ na fera esquadra insa
Feitos farão tão dinos de memoria,
q̃ não caibão è verso, ou larga histor

72

Este despois em campo se apresenta
Vencedor forte & intrepido, ao pos
Rev de Cábaya, & a vista lhe ameda
Da fera mulhadaõ quadrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalchaõ do braço triumphante
Que castigando vay Dàbul na costa,
Nẽ lhe escapou Pondà no sertão po

73

Estes & outros varoẽs por variaspa
Dinos todos de fama, & maravilha
Fazendose na terra brauos Martes
Viram lograr os gostos desta ilha:
Varrendo triumphantes, estandarte
Pelas ondas, que corta a aguda quil
E acharam estas Ninfas & estas me
q̃ glorias, & hõras são de arduas em

74

Assi cantava a Ninfa, & as outras to
Com sonoro aplauso vozes danai
Com que fellejaõ as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebrau
Por mais q̃ da Fortuna andem as ro
Nũa consona voz todas soauaõ,
Não vos ha de faltar, gente famosa,
Honra, valor, & fama gloriosa.

75

Depois que a corporal necessidade
 Se satisfaz do mantimento nobre,
 E na armonia, & doce suavidade,
 Viraõ os altos feitos, que descobre;
 Theris de graça ornada, & grauidade,
 Para que com mais alta gloria dobre,
 As festas deste alegre, & claro dia,
 Para o felice Gama assi dizia.

76

Fazste mercè, varaõ, a Sapiencia
 Suprema, de cos olhos corporais
 Veres, o que não pôde a vã sciencia
 Dos errados, & míseros mortais:
 Sigume firme, & forte, com prudencia
 Por este monte espesso, tu cos mais:
 Assi lhe diz, & o guia por hum mato
 Arduo, difficil, duro a humano trato.

77

Não andão muito q' no erguido cume
 Se acharão, onde hũ cãpo se esmaltaua
 De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
 A vista, que diuino chão pisaua:
 Aqui hum globo vem no ar, que o lume
 Claríssimo por elle penetraua,
 De modo que o seu carro està euidete,
 Como a sua superficie, claramente.

78

Qual a materia seja não se enxerga,
 Mas enxergase bẽ, que está composto
 De varios orbes, que a diuina verga
 Cópôs. & hũ cêtro a todos so tê posto:
 Voluêdo, ora se abaxe, agora se erga (to
 nũca s'ergue ou s'abaxa, e hũ mesmof
 Por toda parte tem, & em toda parte
 Começa, & acaba, é fim por diuina arte.

C A N T O

Vniforme, perfeito, em si sòstido,
Qual emfim o Archetipo, que o criou
Vendo o Gama este globo, comouido
De espanto, & de desejo ali ficou:
Dizlhe a Deosa, O trasunto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou,
Do mundo aos olhos teus, para q̃ ver
Por onde vas, & iràs, & o que desejas

80

Ves aqui a grande machina do mundo
Etherea. & elemental, que fabricada
Assi foy do saber alto, & profundo,
q̃ he sem principio, & mēta limitada
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo. & sua superficie tão limada,
de Deos, mas o q̃ he Deos ninguē o em
q̃ a tão o engenho humano não se es

81

Este orbe, que primeiro vai cercand
Os outros mais pequenos, q̃ em si tē,
Que estã com luz tam clara radiando
Que a vista cega, & a mente vil tamb
Empireo se nomea, onde logrando
Puras almas estão daquelle bem,
Tamanho, q̃ elle so se entēde & alcã
De quem não ha no mundo semelhã

82

Aqui so verdadeiros gloriosos
Diuos estão, porq̃ eu, Saturno & Iane
Iupiter. Iuno somos fabulosos
Fingidos de mortal, & cego engano.
So para fazer versos deleitosos
Seruimos, & se mais o trato humano
Nos pôde dar, he so o que o nome nos
Nestas estrellas pos o engenho voss

83

E 122

E também porq̃ a santa providencia,
 Que em Iupiter aqui se representa,
 Por espiritos mal, que tem prudencia,
 Gouverna o mundo todo, que sustenta:
 Ensinão a prophetica sciencia,
 Em muitos dos exemplos, q̃ apresenta,
 Os que são bõs, guiando fauorecem,
 Os maos, em quãto pôde nos empecê.

84

Quer lðgo aqui a pintura, que varia,
 Agora dèleitando, ora ensinando,
 Darlhe nomes, que a antiga Poesia
 A seus Deoses já dera, fabulando:
 Que os Anjos da celeste companhia
 Deoses o sacro verso está chamando,
 Nem nega, que esse nome preminente,
 Também aos maos se dà, mas falsamente.

85

Emfim q̃ o sumo Deos, q̃ por segundas
 Causas obra no mundo, tudo manda;
 E tornando a contarte das profundas
 Obras da mão diuinã veneranda;
 Debaxo deste circulo, onde as mundas
 Almas diuinas gozão, que não anda;
 Outro corre tam leue, & tam ligeiro,
 q̃ não se enxerga; he o Mobile primeiro.

86

Com este rapto, & grande mouimêto,
 Vão todos, os que dentro tem no seyo,
 Por obra d'este o Sol andando a tento
 O dia & noite faz, com curso alheyo;
 Debaxo deste leue anda outro lento,
 Tam lento, & sojugado a duro freyo,
 q̃ em quãto Phebo, de luz nũca escasso,
 Duzentos cursos faz, dà elle hũ passo.

87

Olha

C A N T O

Olha o outro debaxo, que esmaltado
 De corpos lisos anda, & radiantes,
 Que tambem nelle se curso ordenado
 E nos seus exos correm scintilantes;
 Bem ves como se veste, & faz ornado
 Co largo cinto douro, que estellantes
 A nimais doze traz afigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

88

Olha por outras partes a pintura,
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo
 Olha a carreta, atenta a Cinosura,
 Andromeda, & seu pay, & o drago hor
 Ve de Cassiopèa a termosura, (rêdo
 E do Oriente o gesto turbulento,
 Olha o Cisne morrendo que sospira,
 A Lebre, & os Cães, a Nao, & a doce Lyn

89

Debaxo deste grande firmamento,
 Ves o ceo de Saturno Rey antigo,
 Iupiter logo faz o movimento,
 E Marte abaxo bellico inimigo,
 Oclaro olho do ceo no quarto assento
 E Venus, que os amores traz consigo,
 Mercurio de eloquência soberana,
 Com tres rostos debaxo vay Diana.

90

Em todos estes orbes, differente
 Curso veras, nũs graue, & noutros leu
 Ora fogem do centro longamente,
 Ora da terra estão caminho breue;
 Bem como quis o Padre omnipotente
 Que o fogo fez, & o ar, o vèto, & neve,
 Os quais verás q̃ iazem mais adentro,
 E tem co mar a terra por seu centro.

91

N

este centro pouçada dos humanos,
 que não somente iousados se contêtao
 e soffrêrem da terra firme os danos,
 mas inda o mar instauel esprimentão,
 e em as varias partes, que os insanos
 fates diuidem, onde se aposentaõ
 varias naçoës, que mãdao varios Reis,
 varios costumes seus, & varias leis.

92

Es Europa Christãa mais alta & clara
 que as outras em policia, & fortaleza;
 Es Africa dos bês do mundo auara
 inculta, & toda chea de bruteza;
 O Cabo, que atequi se vos negára,
 que assentou para o Austro a natureza;
 Olha essa terra toda, que se habita
 dessa gente sem ley, quasi infinita.

93

Ve do Monomotãpa o grande imperio,
 de seluatica gente negra & nua;
 Onde Gonçallo morte & vituperio
 padecerà pela fé sancta sua;
 Nace por este incognito Hemispherio
 O metal, porque mais a gente sua
 ve que do lago donde se derrama
 O Nilo, tambem vindo está Cuama.

94

Olha as casas dos negros, como estaõ
 sem portas, confiados em seus ninhos
 Na justiça real & defenção,
 E na fidelidade dos vizinhos;
 Olha delle s a bruta multidão (nhos
 Qual bãdo espesso, & negro de Estorni-
 Combaterà em Sofala a fortaleza,
 Que defenderá Nhaya com destreza.

95

Olha

C A N T O

Olha là as alagoas, donde o Nilo
Nace, que não foubereaõ os antigos,
Velo rega, gèrando o Cocodrilo,
Os pouos Abassís de Christo amigos
Olha como sem muros (novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos;
Ve Meroe, que ilha foi de antiga fama
Que ora dos naturais Nobà se chama

96

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas cõtra os Turcos será clau
Ha de ser Dê Christouaõ o nome seu
Mas contra o fim fatal não ha reparo
Ve ca a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gasalhofo, & cha
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, ètra em Quilmã

97

O Cabo vê já Aromata chamado,
E agora Guardafú dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
mar roxo, que do fundo toma as cor
Este como limìte està lançado,
q diuide Asia de Africa, & as melhores
Pouoagoës, q a grande Africa ali tem
Maquà são, Arquico, & Suâquem.

98

Ves o extremo Suez, que antigamente
Dizem que foy dos Heroas a cidade
Outros dizê q Arfinoe, & ao presen
Tem das froas do Egipto a potesta
Olha as agoas, nas quais abriu para
Estrada o grã Moysês na antiga ida
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em reinos opul

99

Olha o monte Sinay, que se ennobrece
 Co sepulchro de sancta Caterina,
 Olha Toro, & Gidà, que lhe falece
 Agua das fontes doce, & cristalina:
 Olha as portas do estreito, que feneco
 No reyno da seca Adem, que confina
 Com a serra de Arzira, pedra viua,
 Onde chuua dos Ceos se não derina.

100

Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomaó, todas da gente vaga, & baça,
 Donde vem os cauallos para a guerra
 Ligeiros, & ferozes, de alta raça:
 Olha a costa, que corre até que cerra
 Outro estreito de Persia, & faz a traça
 O Cabo, que co nome se apellida,
 Da cidade Fartâque ali sabida.

101

Olha Dofar insigne, porque manda
 O mais cheiroso encenso para as aras:
 Mas atenta já ca destoutra banda
 De Roçalgate, & prayas sêpre auaras:
 Começa o reino Ormuz, q̃ todo se anda
 Pelas ribeiras, que inda seráo claras
 Quando asgalès do Turco, & fera armada
 Virem de Castelbranco nua a espada.

102

Olha o Cabo Asabôro, que chamado
 Agora he Monçandão dos nauegantes;
 Por aqui entra o lago, que he fechado
 De Arabia, & Persias terras abúndantes:
 Atenta a ilha Bârem, q̃ o fundo ornado
 Tem das suas perlas ricas, & imitantes
 A cor da Aurora, & ve na agoa salgada
 Ter o Tygris & Eufrates hũa entrada.

103

M

Olha

C A N T O

Olha da grãde Persia o imperio nobre
Sempre posto no cãpo, & nos cavallo
Que se injuria de vlar fundido cobre,
E de naõ ter das armas sêpre os callo
Mas ve a ilha Gèrum, como descobre
O que fazem do tempo os interuallo
Que da cidade Armuza, que ali esteu
Ella o nome despois, & a gloria teue

104

Aqui de Dom Philippe de menescs
Se mostrarà a virtude em armas clar
Quando cõ muito poucos Portuguez
Os muitos Parseos vencerà de Laraz
Viram prouar os golpes, & reueses
De Dom Pedro de Souza, que proua
Ia seu braço em Ampaza, que deixad
Terà por terra à força sô de espada

105

Mas deixemos o estreito, & o co
Cabo de Iasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querid
Da natura, & dos doês vladors della
Carmania teue já por apellido;
Mas ves o fermoso Indo, que daque
Altura nace junto à qual tambem
Doutra altura correndo o Gange

106

Olha a terra de Vlcinde fertilissima
E de Iaquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima
E a vazante que foge apressurada:
A terra de Cambaya ve riquissima,
Onde do mar o seyo faz entrada
Cidades outras mil, que vou passar
A voientros aqui se estão guardadas

107

Ves corre a costa celebre Indiana
 Para o Sul, atè o Cabo Comorì,
 Ia chamado Cori, que Taprobana
 (Que ora he Ceilaõ) detronte tem de si:
 Por este mar a gente Lusitana,
 Que com armas vira despois de ti,
 Terã vitorias, terras, & cidades,
 Nas quais hão de viuer muitas idades.

108

As provincias, q̃ entre hũ & outro rio:
 Ves com varias nações, sam infinitas:
 Hum reino Mahometa, outro Gentio,
 A quem tem o Demonio leis escritas:
 Olha que de Narsinga o senhorio
 Tem as reliquias sanctas & benditas,
 Do corpo de Thomè, baraõ sagrado,
 Que a Iesu Christo teue a mão no lado.

109

Aqui a cidade foy, que se chamaua
 Meliapor, fermosa, grande, & rica:
 Os Idolos antigos adoraua,
 Como inda agora faz a gente inica:
 Longe do mar naquelle tempo estaua,
 Quando a fe, que no mundo se publica,
 Thomé vinha prêgando, & já passara
 Prouincias mil do mundo, q̃ ensinára.

110

Chegado aqui prêgando, & jũto dando
 A doentes saude, a mortos vida,
 A caso traz hum dia o mar vagando,
 Hum lenho de grandeza desmedida:
 Deleja o Rey, que andaua edificando,
 Sazer delle madeira, & não duuida
 Poder tirallo a terra com possantes
 Forças d'homẽs, de engenho, de elephã

CANTO

Era tam grande o peso do madeiro,
Que so para abalar-se, nada abasta,
Mas o nuncio de Christo verdadeiro,
Menos trabalho em tal negocio gasta
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No trôco, & facilmete o leua & arrasta
Para onde faça hum sumptuoso têplo
Que ficasse aos futuros por exemplo.

112

Sabia bem, que se com Fê formada
Mandar a hũ monte surdo, q se move
Que obedecerà logo à voz sagrada,
q assi lho ensinou Christo, & elle o prove
A gente ficou disto aluoroçada,
Os Bramenes o tem por cousa nõua,
Vendo os milagres, vendo a santidade
Hão medo de perder autoridade.

113

Sam estes, Sacerdotes dos Gentios,
Em quẽ mais penetrado tinha a enxada
Buscaõ maneiras mil, buscaõ desvios
Cõq Thomè, naõ se ouça, ou morto se
O principal, que ao peito traz os fios
Hũ caso horrendo faz, q o mundo ve
Que inimiga nam ha tam dura, & fe
Como a virtude falsa da sincera.

114

Hum filho proprio mata, & logo ao
De homicidio Thomè, q era innocẽ
Dà falsas testemunhas, como se vĩa,
Condenaraõno à morte breuemente
O Santo, que nam vè melhor escusa
Que apellar para o Padre omnipotẽ
Quer diante do Rey, & dos senhores
Que se faça hum milagre dos maiores

115

O corpo morto manda ser trazido,
 Que resucite, & seja perguntado,
 Quem foy seu matador, & serà crido
 Por testemunho o seu mais aprouado:
 Viraõ todos o moço viço erguido
 Em nome de Iesu crucificado,
 Dà graças a Thomé, que lhe deu vida,
 E descobre seu pay ser homicida.

116

Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o Key se banha logo na agoa santa,
 E muitos apos elle, hum beija o manto,
 Outro, louvor do Deos de Thomé cãta:
 Os brahenes se encheraõ de odio tão to,
 Cõ seu veneno os morde enueja tanta,
 Que persuadindo a isso o pouo rudo,
 Determinaõ matallo emfim de tudo.

117

Hum dia, q̃ prègando ao pouo estaua,
 Pingiraõ entre a gente hum arroido,
 E Christo neste tempo lhe ordenaua,
 Que padecendo fosse ao Ceo subido;
 A multidam das pedras, que voaua,
 No Santo dà já a tudo offerecido, (sa,
 Hũ dos maos por fartarse mais depref-
 Com crua lança o peito lhe atraueffa.

118

Chorarãote Thomé, o Gange, & o Indo,
 Choroute toda a terra, que pisaste,
 Mais te chorão as almas, que vestindo
 Se hiaõ da sancta Fè, que lhe insinaste:
 Mas os Anjos do Ceo cantãdo, & rindo,
 Terecebem na gloria, que ganhaste,
 Pedimoste, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos fauoreças.

119

M3

E

C A N T O

E vós outros, que os nomes vsurpais
De mandalos de Deos, como Thon
Dizey se sois mandados, como estais
Sem irdes a prègar a santa Fê?
Olhay que se sois Sal, & vos danaís
Na patria, onde Propheta ninguê he
Com que se salgaram em nossos dias
(Infiéis deixo) tantas Heresias?

120

Mas passo esta materia perigosa,
E tornémos à costa debuxada,
Ià com esta cidade tam famosa,
Se faz curua a Gangetica enseada;
Corre Narsinga rica, & poderosa,
Corre Orixà de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges, vem ao salgado senhorio.

121

Ganges no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza
Que inda que sejaõ grãdes peccadores
Esta agoa sancta os lava, & dà pureza
Ve Chatigaõ cidade das melhores
De Bengala provincia, que se preza
De abundante, mas olha que està po
Para o Austro daqui virada a costa.

122

Olha o reino Arracaõ, olha o assento
De Pegú, que já monstros pouoaraõ
Monstros filhos do feo ajuntamento
D'hũa mulher & hũ cão, q' sos se achã
Aqui soapte arame no instrumento
Da geraçaõ custumaõ, o que vlarã
Por manha da Rainha, que inuentarã
Tal yso, deitou fóra ~ ~ ~ ~ ~ efando

123

Olha Tanay cidade, onde começa
 De Syaó largo o imperio tão côprido,
 Tenassari, Quedà, que he so cabeça,
 Das que pimenta ali tem produzido:
 Mais auante fareis, que se conheça
 Malõca, por Emporio ennobrecido
 Onde toda a prouincia do mar grande,
 Suas mercadorias ricas mande.

124

Dizem, que desta terra coas possantes
 Ondas o mar entrando diuidio
 A nobre Ilha Samàtra, que já dantes
 Juntas ambas a gente antiga vio:
 Chersonêso foy dita, & das prestantes
 Veas d'ouro, que a terra produzio,
 Aurea por epitheto lhe ajuntaraõ,
 Algũs que fosse Ophir imaginaraõ.

125

Mas na ponta da terra Cingapura
 Veràs, õde o caminho àsnaosse estreita
 Daqui tomando a Costa à Cynosura
 Se encurua, & para a Anrora se è dereita:
 Ves Pam, Patane, reinos, & a longura
 De Siaó, q̃ estes & outros mais sogeita;
 Olha o rio Menaó, que se derrama
 Do grãde lago, que Chiamay se chama.

126

Ves neste grãdo terreno os differentes
 Nomes de mil naçoẽs nunca sabidas,
 Os Laos em terra & numero potentes,
 Au'is, Bramas, por terras tão côpridas
 Ve nos remotos montes outras gentes
 q̃ Gueos se chamaõ de seluages vidas,
 Humana carne comem, mas a sua
 Pintaõ com ferro ardẽte, viança crua.

127

M 4

Ves

CANTO

Ves passa por Camboja Mecom Rio,
Que Capitaó das agoas se interpreta,
Tantas recebe d'outro so no estio,
Que alaga os câpos largos, & inquieto
Tem as enchentes quais o Nilo frio,
A gente d'elle cre como indiscreta,
Que pena & gloria té despois de morte
Os brutos animais de toda sorte.

128

Este receberà placido & brando,
No seu regaço o Canto, que molhado
Vê do naufragio triste, & miserando,
Dos procellosos baxos escapado
Das fomes, dos perigos grandes, quieto
Serà o injusto mando executado
Naquelle, cuja Lyra sonora,
Serà mais affamada, que ditosa.

129

Ves corre a costa q̃ Champã se chama
Cuja mata he do pao cheiroso ornada
Ves Cauchichina està de escura fama
E de Ainão ve a incognita enseada:
Aqui o soberbo imperio, que se a fama
Com terras, & riqueza não cuidada,
Da China corre, & ocupa o senhorio
Desdo Tropico ardente, ao cinto fido

130

Olha o muro, edificio nunca criado,
q̃ entre hũ imperio, & o outro se edifica
Certissimo final, & conhecido,
Da potencia real, soberba, & rica:
Estes o Rey, que tem, nam foi nascido
Principe, nem dos pais aos filhos fido
Mas elegem aquelle, que he famoso,
Por cavalleiro sabio & virtuoso.

Inda outra muita terra se te esconde
Até, que venha o tempo de mostrar se,
Mas não deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quis mais affamar-se:
Esta mea escondida, que responde
De longe à China, dóde vem buscar-se,
He Iapaõ, onde nasce a prata fina,
Que illustrada sera coa ley diuina.

132

Olha ca pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas :
Ve Tidôre, & Ternate, co feruente
Cume, que lança as flamas on deadas:
As aruores verâs do Crauo ardente,
Co sangue Portuguez inda cópradas,
Aqui ha as aureas aues, que não decê
Nunca à terra, & so mortas aparecem.

133

Olha de Bandâ as Ilhas, q se esmaltaõ
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
As aues variadas, que ali saltaõ
Da verde Noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bornêo, onde não faltaõ
Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto
Das aruores, q Cànfora he chamado,
Com q da Ilha o nome he celebrado.

134

Ali tambem Timôr, que o lenho manda
Sândalo salutifero, & cheiroso;
Olha a Sunda tão larga, que húa banda
Esconde para o Sul difficultoso.
Agente do Sertão, que as terras anda,
Hum rio diz, que tem miraculoso,
Que por onde elle so sem outro vae,
Conuerte em pedra o pao, q nelle cae.

135

ye

C A N T O

Ve naquella, que o tempo tornou ilha
Que tambem flamas tremulas vapora
A fonte que olio mana, & a marauilha
Do cheiroso licor, que o trôco chora
Cheiroso mais, que quão estila a fôrça
De Cyniras, na Arabia onde ella mora
E' ve que tendo quanto as outras te
Branda seda, & fino ouro dá tambem

136

Olha em Ceilaõ, q' o monte se aleua
Tãto, q' as nuuês passa, ou avista engua
Os naturais o tem por cousa santa,
Pela pedra onde estã a pègada humana
Nas ilhas de Maldiva nasce a pranta,
No profundo das agoas soberana,
Cujo pomo com ra' o veneno vrgente
He tido por Antidoto excellente.

137

Verã defronte estar do roxo estreito
Socotorã co amaro Aloe famosa,
Outras ilhas no mar tambem fogeitas
A vos, na costa de Affrica arenosa,
Aonde sae do cheiro mais perfeito
A massa ao mûdo occulta, & preciosa
De Sam Lourenço ve a ilha afamada
Que Madagascar he d'algũs chamada

138

Eis aqui as nôuas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dáis
Abrindo a porta ao vasto mar patido
Que com tam forte peito nauegais
Mas he tambem razãõ, que no Povo
D'hum Lusitano hum feito inda veis
Que de seu Rey mostrandose agrado
Caminho ha de fazer nunca cuida

139

Vedes a grande terra, que continua
 Vay de Calisto ao seu contrario Polo,
 Que soberba a fará a luzente mina
 Do metal, q' a cor tẽ do louro Apollo;
 Castella vossa amiga serã dina
 De lançar-lhe o colar ao rudo collo,
 Varias prouincias tem de varias gẽtes,
 Em ritos & costumes diferentes.

140

Mas ca onde mais se alarga, ali tereis
 Parte tambem co pao vermelho nota,
 De sancta Cruz o nome lhe poreis,
 Descobrilaha a primeira vossa frota:
 Ao longo desta costa, que tereis
 Irã buscando a parte mais remota
 O Magalhães, no feito com verdade
 Portuguez, porẽm naõ na lealdade.

141

Desque passar a via mais que mea,
 Que ao Antartico Polo vay da linha,
 D'hũa estatura quasi Gigantea
 Homẽs verã da terra ali vizinha:
 E mais auante o estreito, que se arrea
 Co nome d'elle agora, o qual caminha
 Para outro mar, & terra, que fica onde
 Com suas frias alas o Austro a escodẽ,

142

Atequi, Portuguezes, concedido
 Vos he saberdes os futuros feitos,
 Que pelo mar, que jã deixais sabido,
 Virã fazer varoẽs de fortes peitos:
 Agora, pois que tendes aprendido
 Trabalhos, que vos façaõ ser acẽitos
 Aas eternas esposas, & fermosas,
 Que coroas vos tecem glorias.

143

Po-

Podeisvos embarcar, que tendes ven
 E mar tranquilo para a patria amada
 Assim lhe disse, & logo movimento
 Fazem da Ilha alegre, & namorada:
 Leuaõ refresco, & nobre mantimento
 Leuaõ a companhia desejada,
 Das Ninfas, que haõ de ter eternamente
 Por mais tempo, q' o Sol o mudo aqueça

144

Assi foraõ cortando o mar sereno,
 Cõ vento sempre manso, & nãica ira
 Até que ouueraõ vista do terreno,
 Em que naceraõ, sempre desejado:
 Entraram pela foz do Tejo ameno,
 E a sua patria, & Rey temido & amado
 O premio, & gloria daõ, porq' mandado
 E com titulos nòuos se illustrou.

145

No mais Musa, no mais, q' a Lyra tem
 Destemperada, & a voz enrouquecida
 E naõ do canto, mas de ver que vem
 Cantar a gente surda, & endurecida
 O fauor, cõ q' mais se acẽde o engano
 Naõ no da a patria naõ, q' esta metida
 No gosto da cubica, & na rudeza
 D'hũa austera, apagada, & vil trizteza

146

E nam sey porque influxo de destino
 Não tẽ hũ ledo orgulho, & geral gozo
 Que os animos leuanta de continuo,
 A ter para trabalhos ledo o rosto
 Por isso vos ò Rey, que por diuino
 Conselho estais no regio solio posto
 Olhai que sois (& vede as outras gentes)
 Senhor so de vassallos excellentes

Olhay que ledos vão, por varias vias,
Quais rôpêtes lioês, & brauos touros,
Dando os corpos a fomes, & vigias,
A ferro, a fogo, a settas, & pilouros;
A quentes regioës, a plagas frias,
A gôlpes de idolâtras, & de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a pexes, ao profundo.

148

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vos tam longe sempre obediêtes,
A quaisquer vossos asperos mandados,
Sem dar reposta promptos, & cõtêtes;
So com saber que são de vos olhados,
Demonios infernais, negros, & ardêtes,
Cometerâm comuofco, & não duuido,
Que vencedor vos fação, não vencido.

149

Fauoreceyos lôgo, & alegrayos
Com a presença, & leda humanidade,
De rigurosas leys desaliuayos,
Que así se abre o caminho à sãtidade:
Os mais exprimentados leuantayos,
Se com a elperiencia tem bondade,
Para voffo conselho, pois que sabem
O como, o quãdo, & onde as cousas cabẽ.

150

Todos fauorecey em seus of ficios,
Segundo tem das vidas o talento,
Tenhaõ Religiosos exercicios
De rogarem por voffo regimento;
Com jejuns, disciplina, pelos vicios
Comús, toda ambição teraõ por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro,
Gloria vã não pretêde, nem dinheiros.

151

O

C A N T O

Os cavalleiros tende em muita estima
 Pois cõ seu sangue intrepido, & feruor
 Estendem não samente a ley de cima
 Mas inda vosso imperio preeminente
 Pois aquelles, que a tão remoto clima
 Vos vão servir com passo diligente,
 Dous inimigos vencem, hús os viuos
 E (o q̃ he mais) os trabalhos excessivos

152

Fazey senhor, q̃ nunca os admirados
 Alemães, Gallos, Italos & Ingreses
 Possão dizer, que são para mandados
 Mais, que para mandar os Portuguezes
 Tomay conselho so dos primentados
 Que virão largos annos, largos mezes
 Que posto que em sciencias muito ca
 Mas em particular o experto sabe.

153

De Phormião Philosopho elegante
 Vereis como Anibal escarnecia,
 Quando das artes bellicas diante
 Delle, com larga voz tratava, & lia:
 A disciplina militar prestante
 Não se aprende, senhor, na fantasia
 Sonhando, imaginando, ou estudando
 Se não vendo, tratando, & pelejando

154

Mas eu, q̃ falo humilde, baxo, & rudo
 De vos não conhecido, nem sonhado
 Da boca dos pequenos sey contudo
 Que o louvor sae ás vezes acabado
 Nam me falta na vida honesto estudo
 Com longa experiencia n'isturado,
 Nem engenho, q̃ aqui vereis presente
 Couzas, que juntas se achao raras

Para serviruos braço ás armas feyto,
Para cantaruos mente ás Musas dada,
So me falece ser a vos aceito,
De quem virtude deue ser prezada:
Se me isto o ceo cócede, & o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação diuina.

156

Ou fazendo, que mais q̃a de Medula,
A vista vossa tema o monte Athlante,
Ou rompendo nos câpos de Ampelusa
Os muros de Marrocos, & Trudante;
A minha já estimada, & leda Musa,
Fico, que em todo o mûdo de vos cãte,
De sorte, que Alexãdro em vos se veja,
Sem à dita de Achilles ter enueja.

F I M.







CAMONEANA

41

B. N. L.

